

SÉRIE HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO - VOLUME 28

VILA NOVA SAVÓIA

Maria da Penha Marinovic Doro

SÉRIE
HISTÓRIA
DOS BAIRROS
DE SÃO PAULO

Volume 28



VILA NOVA SAVÓIA

SÉRIE
HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO

VOLUME 28

VILA NOVA SAVÓIA

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Prefeito Gilberto Kassab

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Secretário Carlos Augusto Calil

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Diretor Walter Pires

DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
Diretora Liliane Schrank Lehmann

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL "WASHINGTON LUÍS"

SÉRIE
HISTÓRIA DOS BAIRROS DE SÃO PAULO

VOLUME 28

VILA NOVA SAVÓIA

1º lugar do XXII Concurso de Monografias sobre a História dos Bairros de São Paulo, instituído pela Lei nº 8.248, de 7 de maio de 1965, promovido pela Divisão do Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura e outorgado pela Comissão Julgadora, constituída pelos professores Anna Maria Martinez Corrêa, Ana Maria de Almeida Camargo e Hugo Segawa.

Maria da Penha Marinovic Doro

São Paulo
2006

© Copyright
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO/DPH
Av. São João, 473/ 8º andar
01035-000 - São Paulo - SP

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Diretor Walter Pires

DIVISÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL
Diretora Liliane Schrank Lehmann

Praça Coronel Fernando Prestes, 152 - Luz - São Paulo/SP

XXII CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE A HISTÓRIA DOS BAIRROS DA CIDADE DE SÃO PAULO / BARRA FUNDA

Doro, Maria da Penha Marinovic
Vila Nova Savóia/Maria da Penha Marinovic.
_ São Paulo: DPH, 2006.
p160: il.; 23 cm. - (Série História dos Bairros de São Paulo; v 28)

Bibliografia.

1. Vila Nova Savóia - Bairro paulistano - História I. Título. OO. Série. CDD-981.611

CAPA:

Foto do bairro com vista para a Serra da Cantareira (1997);
Foto aérea do bairro, sentido bairro-centro (1997);

TIRAGEM: 2000 exemplares

IMPRESSO NO BRASIL – PRINTED IN BRAZIL

DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL, CONFORME
DECRETO nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Aos meus avós João e Maria, Jacob e Lucija, que na luta pela vida deixaram as verdes montanhas de Minas Gerais e o azul do Mar Adriático e se fixaram na parte leste desta cidade acolhedora que é São Paulo (in memorian). E aos moradores de Vila Nova Savóia.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, pela dedicação e estímulo constante para a realização deste trabalho.

Aos meus pais e familiares, pela compreensão e auxílio durante esses anos de pesquisa.

À minha tia Prof^a Dra. Norma Marinovic Doro, pelas sugestões que acabaram contribuindo na elaboração deste estudo.

À Cidinha, minha cunhada, pelo auxílio na área da informática.

À Laura, que me incentivou a iniciar este projeto e aos demais amigos pela compreensão demonstrada durante a elaboração deste livro.

Aos familiares de Jean Jules Arthaud Berthet e aos moradores de Vila Nova Savóia e bairros vizinhos, que se dispuseram a colaborar nesta pesquisa, fornecendo dados e documentações que foram decisivos para a sua realização.

Aos funcionários do Instituto Agrônomo de Campinas, dos Arquivos Históricos Municipal e Estadual, do CASE (Secretaria Municipal de Habitação SEHAB – PMSP), da Câmara Municipal de São Paulo e da Secretaria Municipal da Administração – SMA.

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio	13
Introdução	15
CAPÍTULO I	
1. A expansão da cidade e a caracterização de seus espaços	19
1.1. O espaço urbano e o rural	19
1.2. Subúrbio e periferia.	21
CAPÍTULO II	
2. Panorama histórico da urbanização da cidade de São Paulo.	25
2.1. A expansão leste da cidade	31
2.2. História da formação de Vila Nova Savóia	37
2.2.1. O nome da vila e suas relações com a Savóia Européia	40
2.2.2. As contradições entre o antigo e o novo espaço	43
2.2.3. Jean Jules Arthaud Berthet: loteador e denominador.	48
2.2.4. O nome das ruas e a influência da filosofia positivista	52
2.2.5. O nome das ruas que precederam a fundação do bairro.	54
CAPÍTULO III	
3. O cotidiano do bairro: passado e presente	57
3.1. A rua e seus eventos	62
3.2. A rua e seus personagens.	66
3.3. Lazer e cultura	76
3.3.1. O espaço das crianças e suas brincadeiras	78
3.3.2. Os times de futebol	83
3.3.3. Os bailes	86
3.3.4. Os meios de comunicação de massa e o Cine Caboclo	87

3.4. Os movimentos populares: o bairro como espaço da cidadania	92
3.4.1. Movimento Cívico do 38.º Subdistrito	97
3.4.2. Movimento pela canalização do córrego Gamelinha	98
3.4.3. Movimento pró-Centro Cultural de Vila Nova Savóia e bairros adjacentes	100

CAPÍTULO IV

4. Urbanização e relação afetiva com o bairro	103
Conclusão.	111
Apêndices.	113
Anexos.	131
Documentação básica	144
Bibliografia	147

Prefácio

O trabalho de Maria da Penha Marinovic Doro sobre Vila Nova Savóia, vencedor do XXII Concurso de Monografias sobre a História dos Bairros de São Paulo, reflete uma longa trajetória acadêmica da autora, passando pela pós-graduação, na FFLCH-USP e culminando no Mestrado, concluído com méritos, em julho de 2000.

Já na pesquisa original, fonte do estudo relativo a Zona Leste da cidade, delineavam-se os objetivos plenos que perseguiu e a que a ciência onomástica deu forma, ou seja, a análise de uma área paulistana sentida como um pequeno espaço da metrópole, nos flancos da Vila Matilde, mas suportada por grandes ideais, visíveis em seus topônimos, principalmente no nome do bairro. Um chamamento no mínimo estranho e diferente, ambicioso talvez, deslocado, quem sabe, por que não o interpretar? Esse, o desafio proposto por Maria da Penha à sua orientadora. A metodologia seguida foi a do Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, na variante Os Atlas das Cidades –, em suas linhas fundamentais, a dialetológica e a taxionômica-referencial, permeadas pela recuperação dos fatos lingüísticos e etnoculturais, reveladores dos padrões de motivação presentes nos nomes em geral.

Em Vila Nova Savóia, os enunciados lingüístico-toponímicos, que construíram o fulcro do projeto, no recorte cartográfico escolhido, do córrego Gamelinha aos bairros-limites de Vila Dalila, Vila Talarico, Vila Eutália e Vila Matilde, fogem do sistema comum das homenagens públicas e da descrição física dos lugares. O conjunto dos nomes mostra um domínio de características doutrinárias e filosóficas pouco habituais na nomenclatura geográfica. E foi esse modelo que despertou o interesse em recompor a cadeia semântica de expressões como trabalho, perseverança, economia, ordem e progresso... ligadas diretamente à experiência do denominador, proprietário de uma gleba no antigo sítio Aricanduva, o francês Jean Jules Arthaud Berthet, nascido na Savóia gaulesa. A Savóia brasileira, que imaginou e da qual lançou as bases em 1922, trouxe um misto dos ideais positi-

vistas de que era seguidor das semelhanças da terra de origem, abandonada mas não esquecida, como acontece com todos os imigrantes. Não por acaso, os primeiros moradores foram camponeses europeus, italianos, espanhóis, iugoslavos, portugueses, paulatinamente absorvidos pela incipiente indústria paulista. A eles se deve a feição estrangeira do bairro, ainda presente em alguns sobrenomes locais, impulsionada também pelo imaginário da comparação entre os cumes alpinos e as suaves modulações do espigão do planalto, nas bandas do Aricanduva.

Não vemos, nesta obra, apenas uma remontagem histórico-memorialística, em que documentos e depoimentos convergem para um mesmo ponto ideológico e subjetivo. O procedimento diacrônico adotado foi necessário para esclarecer as incertezas sincrônicas das unidades lexicais toponímicas, que funcionam, no universo da pesquisa, como blocos fechados de significação (origem no positivismo francês), impermeáveis em sua estrutura de superfície. As conseqüências práticas do estudo realizado, em detalhes, comprovam tendências atuais da ciência onomástica que postulamos, ou seja, a disposição em rede dos nomes de lugares, a partir de sua decodificação ou da análise dos seus componentes lingüísticos, permite a construção de um texto narrativo lógico, com todos os seus constituintes: autor-denominador, sujeito individual e/ou coletivo, usuário do nome, o espaço da trama, a trama propriamente dita (distribuição dos topônimos na área de análise, e motivação sociológica) e as conseqüências da ação (historiografia toponímica, referencialidade do nome, permanência e/ou substituição de locativos, política de nomeação).

Este trabalho não deve, portanto, ser considerado apenas como o relato do nascimento de um bairro, pois se projeta como um modelo crítico de recuperação e manutenção de parcialidades urbanas vivenciadas. Daí o seu vínculo a um projeto maior, que é o estudo da própria cidade de São Paulo, na amplitude de seus traços definidores, de que os topônimos ou nomes de lugares são referentes histórico-culturais.

Como dissemos em outro momento, os designativos configuram a prática do cotidiano de um grupo social. Por isso são os grandes personagens desta nova Savóia.

São Paulo, dezembro de 2000.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick
FFLCH/USP

Introdução

A cidade de São Paulo tem apresentado inúmeros estudos e discussões nos vários campos do conhecimento humano. Como toda metrópole moderna, ela oferece uma realidade urbana bastante complexa, com muitos desafios, não só aos seus moradores, como também aos pesquisadores que pretendem entendê-la. Esses desafios provêm da diversidade de sua população, da sua história, de sua urbanização e dos graves problemas acumulados durante anos. Portanto, São Paulo, possuindo a complexidade dos grandes conglomerados humanos formados a partir da Era Industrial, permite olhares e leituras variadas. Este trabalho foi elaborado dentro de uma perspectiva interdisciplinar. As várias ciências humanas — História, Geografia, Sociologia, Antropologia Urbana, Semiótica, Lingüística e Psicologia Social — nos ajudaram a desvendar a história de Vila Nova Savóia, seus significados e sua importância para a história de São Paulo.

Através de mais de quatro séculos a população foi ocupando, ora lentamente, ora de forma acelerada, os espaços do Planalto de Piratininga. Com o passar do tempo foram surgindo inúmeros bairros que se inserem no contexto geral da cidade, mas que possuem características sociais, culturais e históricas específicas, daí a importância do seu estudo. Dessa forma é possível conhecer os detalhes, as particularidades que estão presentes em uma grande metrópole.

A cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX, passou por um processo mais acelerado da ocupação de seu espaço. Uma das regiões onde surgiram inúmeros novos bairros foi a Zona Leste, devido à industrialização e à expansão da linha férrea (Central do Brasil). Entre esses novos bairros está a Vila Nova Savóia, no distrito de Vila Matilde. Embora exista desde a década de 20, não há sobre ele nenhum estudo. Neste trabalho, procuramos recuperar a memória desse lugar e assim contribuir para o entendimento não só de uma parte da cidade, mas também do todo em que ele está inserido. Sabemos que, com o conhecimento histórico e cultural do espaço urbano, o homem poderá apropriar-se de sua cidade

e deixar de sentir-se um estranho, um impotente diante dos desafios que a cidade moderna lhe apresenta.

Na elaboração desta pesquisa recorreremos a fontes primárias (documentos, processos e entrevistas com familiares do loteador e moradores do bairro), como também buscamos informações em artigos de jornais, revistas, mapas e outras publicações sobre o distrito em que o bairro está inserido. Do mesmo modo, consultamos livros sobre a história de São Paulo e de bairros da Zona Leste: Brás (TORRES, 1985), Penha (BOMTEMPI, 1969), São Miguel Paulista (BOMTEMPI, 1970) e Itaquera (LEMONS e FRANÇA, 1999).

Para a realização das entrevistas, usamos como instrumento de apoio a história oral (cf. LOZANO in FERREIRA e AMADO, 1996:23) e como critério para a seleção dos informantes adotamos a faixa etária e o local de moradia.

As entrevistas e questionários foram aplicados no mínimo em três moradores de cada rua do bairro, abrangendo, de preferência, três faixas etárias diferentes:

1. “Primeiros moradores” (pais ou filhos): aqueles que chegaram ao bairro nas décadas de 30 e 40; a maioria, imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, iugoslavos, belgas, húngaros ou os filhos desses, criados no bairro ou nascidos até 1947. Em 1997, tinham, no mínimo, 50 anos de idade (Faixa etária I).
2. “Segunda geração”: filhos ou netos dos primeiros moradores, nascidos entre 1947 e 1977. Em 1997, tinham entre 20 e 49 anos de idade (Faixa etária II).
3. “Adolescentes e jovens”: bisnetos e netos dos primeiros moradores, nascidos entre 1977 e 1984. Em 1997, tinham entre 13 e 19 anos de idade (Faixa etária III).

Após a análise das fontes de pesquisa, nosso trabalho procurou desenvolver o seguinte percurso:

No primeiro capítulo discutimos os conceitos de urbano e rural, subúrbio e periferia no contexto da cidade de São Paulo.

No segundo capítulo traçamos um panorama amplo da história da urbanização da cidade, destacando a expansão em direção a leste. Nessa expansão estudamos a origem de Vila Nova Savóia. Para um conhecimento mais profundo dessa origem, consideramos importante a investigação de seu fundador e da sua filosofia de vida positivista, uma vez que ele deu nomes aos logradouros do bairro a partir de sua visão de mundo.

Nos capítulos três e quatro analisamos o cotidiano do bairro em seu passado e no presente, buscando dessa maneira entender as dificuldades, as alegrias e as lutas dos habitantes desse pequeno espaço que compõe a grande metrópole paulistana.

Portanto, a presente pesquisa, ao resgatar a história de Vila Nova Savóia, pretendeu contribuir para uma ampliação do conhecimento da história da cidade de São Paulo. Esperamos que o conhecimento de mais um bairro desse grande mosaico que é esta cidade possa nos revelar as grandezas e os dramas dessa grande metrópole que desde o século XVI vem acolhendo pessoas de todas as raças, de todos os credos e nacionalidades, e hoje em sua heterogeneidade pode ser chamada de “São Paulo de todos os povos”.

1. A expansão da cidade e a caracterização de seus espaços

Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante, as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. (Milton Santos)

Para conhecer o espaço que produz a própria cidade, é necessário, entre outros aspectos, conhecer sua história. Neste capítulo, abordaremos a evolução histórica da cidade de São Paulo em direção a Leste. Faremos também algumas reflexões e distinções sobre o espaço estudado e os conceitos que lhe foram atribuídos: o espaço urbano e rural, o subúrbio e a periferia.

1.1. O espaço urbano e o rural

Vila Nova Savóia está inserida em uma área da capital paulista que até a década de 40 foi considerada rural. Para entendermos a urbanização dessa região, é necessária a distinção de alguns conceitos.

A oposição entre espaço urbano e rural está relacionada com a dicotomia cidade/campo. O urbano e o rural distinguem-se, não só pelos espaços específicos que ocupam, mas principalmente pela atividade econômica desenvolvida, pela forma de organização social e pela divisão do trabalho.

Constatamos, hoje, que a vida rural não tem autonomia, relacionando-se de muitas maneiras com a economia geral, com a vida urbana e com a tecnologia moderna (LEFEBVRE, 1978:37). A cidade envolve um complexo demográfico formado por uma população que exerce atividades de caráter industrial, comercial, financeiro, cultural e administrativo, e portanto, não agrícola.

Estudos sobre o espaço urbano e rural nas sociedades capitalistas revelam que os proprietários buscam sempre obter maiores lucros, já que, nesse sistema, a terra é mercadoria. O espaço, portanto, torna-se propriedade privada, passível de ser trocada ou vendida (cf. LEFEBVRE, 1999). Geralmente, os proprietários estão

interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade, na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isso significa que estão fundamentalmente interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso (CORRÊA, 1993:16).

O conceito urbano é quase universalmente entendido como um espaço ocupado por uma população relativamente grande, densa, estável e ligada principalmente a atividades econômicas não agrícolas. Pelo contrário, o conceito de rural refere-se a populações relativamente pequenas, dispersas e estáveis, que se encontram, em sua maior parte, ocupadas com atividades agrícolas (cf. MORAES e COSTA, 1993:60).

A passagem de áreas rurais para áreas urbanas depende de diversas condições que interferem nesse processo, como, por exemplo, o aparecimento de novas camadas sociais com nível de renda capaz de participar do mercado imobiliário. A expansão da cidade para as áreas urbanas em São Paulo foi possível quando esta passou a receber, desde as primeiras décadas do século XX, um fluxo migratório externo e depois interno. Com a industrialização, a nova camada social surgida (o operário) possibilitou aos proprietários fundiários a criação de loteamentos nas áreas rurais que circundavam o centro. Podemos considerar que o processo de expansão urbana de São Paulo passou por três momentos diferentes:

1. 1870-1930: com a imigração européia ocorrida no período da expansão cafeeira e com a criação de indústrias, que favoreceu o aumento demográfico;
2. 1930-1960: com a expansão do parque industrial, que passou a atrair imigrantes que trabalhavam na lavoura cafeeira;
3. 1960-1990: com o aumento contínuo da migração interna, São Paulo transforma-se em “megalópole”, ao mesmo tempo dispersa e segregada.

Nota-se que as construções espaciais expressam os conteúdos das relações sociais de cada período que as engendrou.

1.2. Subúrbio e periferia

Com a Revolução Industrial, um novo conceito de área espacial surgiu: o subúrbio.

O espaço denominado subúrbio formou-se na Inglaterra como o aparecimento das fábricas. Devido à precariedade das instalações fabris no início da Revolução Industrial, muitas cidades tornaram-se inabitáveis para as elites. No século XVIII, ainda não havia métodos eficientes no controle de epidemias e o medo afugentava a população das cidades. Nesse sentido, pode-se dizer que o subúrbio moderno começou como uma espécie de enfermaria de isolamento rural (MUMFORD, 1965, v. 2:620).

Nos arredores de Londres, grandes casas da aristocracia foram construídas. Buscavam-se, nessas áreas fora da cidade, o ar puro, o silêncio, extensões abertas para cavalgar, caçar, praticar o arco, caminhar pelo campo e atividades que a aristocracia sempre apreciou. Assim, “serviu o subúrbio de asilo para a preservação de uma ilusão” (ib.:630). Entretanto, as elites não percebiam que os tempos eram outros. A industrialização invadiria essa área intermediária onde as elites pretendiam usufruir idilicamente a vida no campo, mas também os benefícios da cidade.

Geograficamente, o subúrbio corresponde às cercanias e à vizinhança de uma cidade. Entretanto, para AZEVEDO, não basta essa proximidade do centro urbano para surgir um subúrbio,

torna-se necessário que haja certa interdependência entre as cidades e seus subúrbios, uma relação ativa e passiva entre uma e outros. De fato, cumpre verificar a existência de um permanente contato da população que neles vive através de suas atividades costumeiras, do que produz, do que consome (AZEVEDO, 1945:30).

Com o acelerado crescimento das cidades, o termo subúrbio foi substituído por periferia, que passou a designar os limites, as “franjas” da cidade; mas esse novo termo passou a ter uma conotação não apenas geográfica, passando a designar regiões precárias, carentes, em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana (CALDEIRA, 1984:7). Não podemos deixar de lembrar que o subúrbio e a periferia só existem em virtude de uma área central, em que se concentram “as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, dos terminais inter-regionais e intra-urbanos” (CORRÊA, 1993:38).

A área central é considerada a área de decisões, onde se localizam os escritórios das grandes empresas, as sedes dos bancos, os principais órgãos públicos,

Câmara Municipal, Fórum, Secretarias do Estado e do Município. A área do subúrbio, até a década de 50, foi vista como uma zona intermediária entre o rural e o urbano.



Vila Matilde em seus primórdios, localizada nos limites das zonas urbanas e rural da capital. Fonte: AZEVEDO, 1945:77.

Segundo MARTINS, no Brasil, desde o século XVIII, a cidade era concebida “a partir da idéia de que nela se encontravam os que decidiam e mandavam” (MARTINS, 1992:7).

Durante a expansão urbana que ocorreu em São Paulo a partir do século XIX, os locais de decisão concentravam-se no então largo da Sé e seus arredores. Hoje, uma grande metrópole, São Paulo tem seus centros de decisão em outras áreas, como, por exemplo, a avenida Paulista, centro de decisões econômicas.

Desde o período colonial até 1850 quando se aprovou a Lei da Terra, a Zona Leste de São Paulo era um espaço ocupado por sesmarias ou áreas devolutas. Na segunda metade do século XIX, as elites procuraram legalizar suas terras e iniciaram um processo de loteamento; a partir de 1916, o subúrbio popular passa a ser “um dos melhores e mais lucrativos mercados imobiliários da capital” (ROLNIK, 1997:122).

Nas escrituras, as terras depois do Brás e Belém eram caracterizadas como áreas rurais. Entretanto, até a primeira metade do século XX, os subúrbios da parte leste conviviam com o urbano, apesar de conter aspectos do rural. Ainda em 1945, AZEVEDO afirma, num estudo dos bairros a leste da cidade:

não constitui fácil tarefa a delimitação da zona suburbana da capital paulista. Evidentemente, dentro do ponto de vista geográfico, não nos interessa o critério puramente administrativo, o que nos leva a deixar de lado qualquer distinção baseada na atual divisão municipal dessa área do Estado, como também a classificação oficial em zona urbana e rural (AZEVEDO, 1945:29).

Essa dificuldade certamente advinha das plantas e das escrituras, nas quais os loteamentos constavam como pertencentes à área rural. Entretanto, poucas pessoas viviam da produção agropecuária. Com exceção de alguns imigrantes de origem portuguesa e japonesa, que arrendavam terras dos proprietários dos loteamentos para o plantio de hortaliças ou flores, ou da colônia japonesa de Itaquera, que desenvolveu o cultivo do pêssego, o restante da população era formado por operários das indústrias paulistanas. Porém, o cenário era rural, uma vez que o poder público não levava aos subúrbios os serviços básicos da cidade: água, esgoto, luz, telefone, etc. Essa convivência do subúrbio com alguns aspectos do rural, que se prolongou até o final da década de 50, foi constatada em muitas de nossas entrevistas, como, por exemplo, na fala do Sr. Francisco:

lembro-me que, quando criança, tínhamos no grande quintal de nossa casa muitas frutas e uma bonita horta feita pelo meu pai para os gastos da família. Mas duas verduras (alface e agrião) nós íamos comprar numa grande chácara de um português. Ela ficava perto do rio Gamelinha. Eu gostava de caminhar no meio daquelas plantações. Na chácara, havia um caminho entre muitas camélias brancas que foram plantadas enfileiradas.

Portanto, os bairros dos subúrbios da Zona Leste paulistana eram bem diferentes dos mais centrais, como Brás, Mooca, Belém, onde as residências geminadas e pouco espaçosas eram entremeadas por grandes construções industriais.

Hoje, a cidade de São Paulo espalhou-se até os limites dos municípios que lhe fazem fronteira. As construções compactas, verticalizadas, estão tornando-a homogênea. Entretanto, a maioria dos bairros da Zona Leste mantém os problemas do antigo subúrbio ou periferia acrescidos aos novos, já que o subúrbio continua a ser tratado como

O lugar da reprodução e não como lugar da produção; como lugar da repetição e não da criação; como lugar do cotidiano e não da História, conforme distinguiu o mesmo Lefebvre. É lugar para morar e trabalhar. Nesse sentido, é também o lugar do vivido

(mas, do vivido fragmentado), que cimenta a unidade contraditória desses aparentes dicotômios. A memória é aí a memória do fragmento. Lugar do nada, é, também, lugar da procura da memória (MARTINS,1992:15).

Concluindo essa reflexão conceitual, buscaremos, a seguir, dar voz à memória de Vila Nova Savóia, bairro cujo nome e seus significados estão registrados, mas na maioria das vezes silenciados apesar de pertencerem à história de São Paulo.

2. Panorama histórico da urbanização da cidade de São Paulo

Uma das características mais marcantes do modo de vida do homem no mundo moderno é sua concentração em grupos gigantescos e não mais isolados em pequenos agregados humanos, espalhados num vasto território, como as sociedades primitivas. A urbanização do mundo é, portanto, um dos fatos mais notáveis da época moderna. As pessoas passaram a habitar compactamente um determinado território, principalmente devido ao desenvolvimento de duas atividades: comércio e indústria.

Segundo LEFEBVRE (1976:64-7), o crescimento quantitativo da produção econômica suscitou um fenômeno qualitativo que se traduz ele mesmo por uma problemática nova: a problemática urbana. Lentamente, a cidade passou a ocupar um espaço específico totalmente distinto do espaço rural. Seu solo foi convertido em mercadoria. O espaço imprescindível para a vida cotidiana passou a ser vendido e comprado. A destruição da natureza teve sua contrapartida: a produção do espaço.

Cada cidade tem sua própria historicidade na produção de seu espaço. A cidade de São Paulo surgiu na segunda metade do século XVI. Localizada no planalto meridional brasileiro, a mais de 800 m de altitude, a 60 km do mar, na área chamada, nos tempos coloniais, de Campos de Piratininga, ela originou-se de um aldeamento indígena. Esse tipo de núcleo urbano, segundo PETRONE (1995:137), constituiu um "importante elemento no conjunto das formas pioneiras de organização e utilização de espaço decorrente da colonização européia".

Surgida como uma fundação religiosa e escolar, a pequena aglomeração de casas de taipa e sapé ao redor do colégio dos padres da Companhia de Jesus foi adquirindo, através dos tempos, características heterogêneas. Diferentemente de outras cidades coloniais que surgiram junto ao litoral, quase não há pinturas, gravuras ou desenhos dos seus primeiros tempos; portanto, sua iconografia é paupérrima (cf. TOLEDO, 1983:23). Entretanto, restaram diversas narrativas, como as que podemos encontrar na obra de Ernani da Silva Bruno, *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958)* (BRUNO, 1981). Como exemplo dessas narrativas, citamos a de Francisco de Lacerda e Almeida, que escreve, em 1789: “Cheguei à cidade de São Paulo no dia 10 pelas 4 horas da tarde, tendo vindo por toda esta estrada com grande satisfação do meu espírito pelo muito que é aprazível, todo aquele terreno cheio de regatos e de moradores, todos lavradores” (Ib.:16). Ao final de sua narrativa, o visitante conclui que todos os que habitavam nessa cidade deveriam viver na maior felicidade, devido ao ar doce que respiravam e à boa relva para os animais; a laranja, o limão doce e aze-do, a lima eram tantos, que, por não terem consumo, apodreciam sob as árvores (cf. Ib.:16). Portanto, se em sua origem São Paulo foi a “vila dos jesuítas” e, com o passar dos anos, “cidade dos bandeirantes”, “cidade imperial” e “capital do café”, isso se deve às condições históricas presentes, que facilitaram o mecanismo de expansão do capital no espaço pelo uso das formas (SANTOS, 1977:31).

No presente estudo, não pretendemos historiar todo o processo de desenvolvimento pelo qual essa cidade passou ao longo dos quatro séculos de sua existência. Há inúmeros trabalhos sobre o assunto; ver por exemplo, TAUNAY, s.d.; MORSE, 1970; QUEIROZ, 1992. Focalizaremos, aqui, apenas sua evolução, quando de sua inserção na era industrial, uma vez que o objeto de análise deste estudo – a Vila Nova Savóia – está inserido no contexto de urbanização da região leste da cidade.

São Paulo teve seu processo de urbanização mais acelerado e o conseqüente aumento de sua população a partir de 1870¹. Esse fato se deve ao desenvolvimento da economia cafeeira e ao início das atividades industriais. Lembramos que, no final da segunda metade do século XIX, alguns acontecimentos contribuíram para que surgisse no Planalto de Piratininga uma nova forma de ocupação espacial: a libertação dos escravos, a formação de um mercado de trabalho graças à imigração, à construção de ferrovias, ao crescimento da rede bancária e ao grande comércio de exportação e importação (cf. SILVA, 1985:79-80). Nesse período, os limites da cidade alargaram-se rapidamente. Houve uma expansão do espaço

¹ Crescimento populacional: 1881 – 38.000, 1905 – 240.000, 1930 – 900.000. Ver em: Planejamento. Prefeitura do Município de São Paulo. Departamento de Urbanismo – Secretaria de Obras. 1961:20.

urbano sobre as áreas rurais. “A constituição de um mercado de terras na cidade e a produção de capital que ela implicava são alguns dos fundamentos das transformações verificadas na cidade de São Paulo a partir do fim do século XIX” (MARTINS, 1996:122).

Se observarmos o “Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios” (cf. Anexo 1), notaremos que a leste, Freguesia do Brás, Pari e Mooca eram os pontos mais distantes do núcleo central. Comparando esse mapa anterior com a “Planta geral da capital de São Paulo”, organizada por Gomes Cardim, em 1897 (cf. Anexo 2), percebemos a expansão da cidade em todas as direções: ao norte, encontramos Santana, ao sul Vila Clementino, a oeste Vila Cerqueira César, e a leste, ao lado do velho núcleo da Penha (1668)², vemos, em novo traçado, um novo arruamento, a Vila Gomes Cardim, que hoje pertence ao Distrito do Tatuapé, e a sudeste, a Vila Prudente (1890)³.

Nas primeiras décadas do século XX, com a crise cafeeira, começou um êxodo rural principalmente de imigrantes europeus. A cidade passou a concentrar uma mão-de-obra relativamente barata e qualificada. O capitalismo, ao destruir as relações de produção no campo que lhe são anteriores e antagônicas, põe em movimento massas humanas que, numa primeira fase, se integram ao exército industrial de reserva (cf. SINGER, 1987:122).

Apesar de o Brasil ter iniciado seu processo industrial com grande atraso, São Paulo contou com algumas condições que favoreceram seu desenvolvimento: já em 1886, foi organizada a Empresa Paulista de Eletricidade; até a década de 20, empresários ingleses e americanos disputavam vastas fatias do abastecimento elétrico de todo o país (cf. MARANHÃO, 1989:15); a construção de grandes represas junto à Serra do Mar (cf. SAVELLI, 1964:86), com o conseqüente aproveitamento de seu potencial hidroelétrico, fornecendo energia de baixo preço; a construção de um sistema ferroviário e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que privaria o mercado brasileiro de artigos estrangeiros. Esses fatores estimularam a fabricação interna de diversos produtos. Assim, a industrialização tornou a cidade, após 1920, a grande – na verdade a única – metrópole do Estado de São Paulo (MARCÍLIO, 1973:102). Ficava para trás a cidade provinciana do século XIX descrita por Raimundo de Meneses na obra São Paulo de nossos avós (1969), com seus lampiões a gás, chafarizes e bondes puxados por burros. Os intelectuais anunciavam novos tempos com a Semana de Arte Moderna, em 1922 (BRITO, 1974).

² Data da concessão da sesmaria a Matheus Nunes de Siqueira pelo capitão-mor Agostinho de Figueiredo (cf. BOMTEMPI, 1968:37-9 ap. DICK, 1997:391).

³ A data do loteamento (cf. RONCO FILHO e MAUERBERG, 1989:12-3) – e, segundo o autor, a data de denominação – é de 1899.

Segundo o recenseamento operário da capital realizado em 1927, havia em São Paulo 3.629 fábricas e estabelecimentos industriais dos mais variados ramos da produção: fiação, tecelagem, artefatos de couro, vidro, madeira, papel, bebidas, etc. Esse mesmo censo quantificou os operários que trabalhavam nessas indústrias em cerca de 203.736 trabalhadores (DECCA, 1987:15).

Outro fator que canalizou capital para a indústria foi a crise do café, em 1929. Essa crise mostrou a fragilidade de uma economia exportadora baseada num único produto. Transferiram-se então o capital e o trabalho para outros ramos de atividade. O setor que obteve maior êxito com essa transferência foi o industrial (cf. QUEIROZ, 1992:203).

Considerando que as construções espaciais expressam os conteúdos das relações que as criam e que o espaço é depositário universal da história, São Paulo passou a refletir esse processo. A industrialização mudou o cenário da cidade. A ocupação de seus espaços ganhou um novo sentido, uma nova direção, uma vez que, em cada momento histórico, as novas formas representam o modo usual de produção. Mas é a formação socioeconômica que lhes dá sua significação real-concreta dentro do sistema (cf. SANTOS, 1977:41). O espaço não está unicamente organizado e instituído, mas também modelado, configurado por tal ou qual grupo, de acordo com suas exigências, sua ética e sua estética, isto é, sua ideologia (LEFEBVRE, 1976:66). Nas sociedades pré-capitalistas, muitas cidades foram construídas como obra de arte, buscando-se a harmonia e a beleza. Antes do capitalismo, o arquiteto era tão artista quanto sábio. Ao chegar a Era Industrial, a arquitetura caiu na ideologia das funções empobrecidas, das estruturas homogêneas nas formas frias e impessoais (ib.:11-12). A partir da Idade Moderna, o Estado e as classes dominantes fazem da cidade o centro do poder e, com suas leis, vão elaborando qualidade e diferenciação na ocupação do espaço urbano, criando áreas de segregação econômica, social e cultural.

Até o início do século XX, São Paulo era uma cidade concentrada. Havia proximidade entre as atividades produtivas, de trocas e culturais. As diferentes classes sociais avizinhavam-se. Evidentemente que a maneira de morar era diferente. As elites possuíam casas próprias, enquanto a maioria dos trabalhadores viviam em casas alugadas (CALDEIRA, 1984:13). É importante ressaltar que, desde o final do século XIX, a burguesia paulistana buscou na arquitetura doméstica, de inspiração européia, a materialização de seus códigos e valores. Um dos grandes arquitetos desse período foi Ramos de Azevedo, que realizou inúmeros projetos de palacetes e mansões para residência das famílias abastadas (CARVALHO, 1996:165-200). Desde o final do século XIX, os fazendeiros de café mantinham suas fazendas no interior do Estado, mas moravam na capital, centro das decisões políticas e econômicas. Assim surgiram, em São Paulo, os primeiros bairros "aristocráticos": Campos Elísios e Higienópolis. Posteriormente, as elites

ocuparam os espigões da Paulista. Em 1918, surgiram os “bairros-jardins”, como, por exemplo: o Jardim América e o Jardim Paulista.

Esses bairros eram estritamente residenciais. No início do século, um visitante francês descreve assim o bairro de Higienópolis: “bairro novo, reunião de tudo o que São Paulo e o Estado possuem de mais rico e mais distinto, admira-se um grande número de casas suntuosas, vilas confortáveis e luxuosas” (BRUNO, 1954, v. 3:944).

Originárias de uma sociedade que passou pelo processo de colonização, as elites de São Paulo buscavam nos valores europeus a confirmação da superioridade de sua classe. Transplantaram para a arquitetura de suas moradias nos trópicos a arquitetura de outros países. Nos bairros “aristocráticos”, podia-se encontrar

desde a pureza de uma frontaria fria à normanda, dos arabescos sinuosos e ilógicos da arte nova, até ao risonho “cottage” inglês, do pontiagudo dos chalés de neve aos alpendrados espanhóis, às cúpulas e minaretes orientais, às varandas cobertas do norte, às vilas graciosas da Itália, às galerias do Renascimento, ao exagero do barroco ou do plateresco, ao rústico suíço, até a horrível simetria esburacada do estilo pombalino, pesado e bruto. (Ib.: 946)

Segundo MARTINS, a elite paulistana, sob a influência estrangeira (França e Inglaterra), tentava romper com suas origens rurais. Para o autor, “a missão cultural francesa que chegou ao Brasil no século XIX veio atender aos anseios de escamotear a rusticidade colonial na qual se encontrava imersa a oligarquia” (MARTINS, 1996:117).

Contrastando com esse cenário, a industrialização fez surgir, em São Paulo, os primeiros bairros operários: Barra Funda, Brás, Bexiga, Mooca, Belém, Belenzinho, Pari, Bom Retiro, Lapa, Cambuci, Ipiranga (DECCA, 1987:18). Localizados nas proximidades do centro administrativo e comercial da cidade, esses bairros tinham aspectos semelhantes: ruas inteiras de casas construídas em série, geminadas, sem área de jardim. Havia também as habitações coletivas. As moradias eram entremeadas por fábricas, pequenas oficinas e pequeno comércio. O sistema de água e esgoto era bastante deficiente (Ib.:20).

Em 1910, o centro de São Paulo também se transformava. Nessa época, surgiu o projeto denominado “Grandes Avenidas”, do arquiteto Alexandre de Albuquerque, que deu origem ao Parque do Anhangabaú, “onde arquitetura e paisagismo tinham notável coerência” (TOLEDO, 1983:104).

Com o desenvolvimento tecnológico e o aparecimento do elevador, foi possível multiplicar o solo urbano, em São Paulo, por meio da construção dos primeiros arranha-céus de influência predominantemente americana e para uso comercial (cf. SOMEKH, 1997:82-102).



Primeiros sinais da verticalização no centro de São Paulo visto do Pq. D. Pedro II no final da década de 20. Fonte: SOMEKH, 1997:91.

A crescente valorização imobiliária exigia a elaboração de um novo plano urbanístico. Em 1924, Prestes Maia realizou um projeto que estabelecia um plano de avenidas para a cidade (MAIA, 1930). Seu cinturão consistia nas avenidas Ipiranga, Senador Queirós, São Luís, Duque de Caxias, Nove de Julho, São João, Rio Branco e rua Maria Paula.

Em 1930, a cidade de São Paulo já era considerada o maior pólo industrial do Brasil. Entretanto, ela apresentava um crescimento explosivo, que passou a preocupar a “aristocracia paulistana”, e muitos membros da alta classe média fundaram, em 1934, a Sociedade Amigos da Cidade, cujo objetivo era fiscalizar e orientar esse crescimento (PMSP, 1992:61). Essa concepção do processo de urbanização segundo a qual a ordem deveria ser buscada e que considerava o espontâneo domínio do irracional e incompatível com a sociedade moderna era baseada no positivismo então adotado pelas elites brasileiras (cf. MARTINS, 1996:112).

Com os espaços centrais e periféricos cada vez mais escassos, a cidade apresentava inúmeros problemas, entre eles: pouca oferta de habitação e aumento de cortiços. Além disso, a urbanização do centro abria possibilidades de grandes lucros nos negócios imobiliários, principalmente devido à verticalização. Essa situação veio forçar a expansão urbana para regiões mais distantes. Tornou-se evidente aos proprietários de grandes glebas ou chácaras, localizadas nos arredores da cidade, que o parcelamento dessas áreas poderia trazer-

lhes grandes lucros. Surgiram então inúmeros loteamentos que não ofereciam os serviços urbanos básicos (água encanada, esgoto, luz elétrica, telefone, escolas, hospitais) presentes nos bairros de elite. Assim, os trabalhadores foram ocupando esses novos espaços, abertos na expansão urbana que se acelerou a partir da década de 30. Nesse período, consolidou-se a política de zoneamento da cidade. Segundo ROLNIK (1997:173), o zoneamento tinha como objetivo básico proteger os bairros residenciais de alta renda. Segundo a autora, os “bairros-jardins” seriam para uso exclusivamente residencial. Portanto, com a industrialização, a cidade espalhou-se e, a partir da década de 40, a segregação espacial criada foi se consolidando, dando origem aos “bairros-dormitórios” ou à chamada “periferia”.

2.1. A expansão leste da cidade

No período colonial, São Paulo foi se modelando em torno do colégio dos jesuítas. Como as terras eram doadas sem serem precisamente demarcadas, não havia um planejamento para a sua ocupação, mas sim ruas irregulares e casas construídas sem alinhamento (cf. ROLNIK, 1997:25). O termo central era denominado rossio⁴ e possuía cerca de 3 km. Na parte leste da cidade, esse limite chegava até o Brás. A grande circunscrição da cidade atingia 36,6 km de extensão (cf. GLEZER, v. 3, 1994:25, e v. 4, 1995:26). O espaço leste da cidade partia do atual Parque D. Pedro II e alcançava os limites dos municípios de Itaquaquecetuba, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Santo André e São Caetano.

As primeiras notícias que se têm a respeito da parte leste da cidade referem-se aos aldeamentos indígenas onde a catequese se efetuava. Um deles foi o de São Miguel, na margem esquerda do Rio Tietê, surgido em 1622 (cf. PETRONE, 1995:147). No início da colonização, São Paulo foi uma cidade de cruzamento de rotas comerciais. Em sua parte leste foram surgindo os caminhos que os tropeiros percorreram para atingir o Rio de Janeiro.

O século XVII foi um período de grande expansão dos habitantes dos Campos de Piratininga para outras regiões. Os bandeirantes utilizavam as passagens da parte leste da cidade para alcançar Minas Gerais “em longas viagens que du-

⁴ Rossio: S.m. 1. Praça larga; largo espaçoso. 2. Terreno que antigamente o povo roçava e usufruía em comum. 3. Ressaio (FERREIRA, 1995:578).

ravam dois meses e cujas primeiras etapas eram: Parada de Nossa Senhora da Penha, Itaquaquetuba e Moji das Cruzes” (cf. AZEVEDO, 1945:56). Também foi nesse século que diversos colonos receberam sesmarias nas regiões do Tatuapé e parte dos riachos Aricanduva, Ticoatira, Jacuí, Guaiaúna, e outros (cf. BOMTEMPI, 1969:29). Desse período, os poucos espaços preservados até a publicação do Cadastro de referências urbanas da Zona Leste, em 1985, eram: a casa sede da sesmaria doada ao padre Mateus Nunes de Siqueira em 1668, no Tatuapé, o sítio Piraraquara, em Ermelino Matarazzo, onde havia um engenho de açúcar construído em taipa, infelizmente quase descaracterizado, a capela de São Miguel Paulista, o sítio Mirim entre Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista, com sede em ruínas, e a igreja de Nossa Senhora da Penha (cf. PMSP, SEMPLA, 1985:46).

No século XVIII, houve a construção da estrada São Paulo–Rio de Janeiro (1725) cujo traçado passava pela Penha e São Miguel (cf. BOMTEMPI, 1969:71).

Do século XIX, há diversos documentos que descrevem as residências construídas em áreas onde se cultivavam jardins, hortaliças e grande variedade de árvores frutíferas. Essas residências estavam localizadas nos bairros aristocráticos (Campos Elísios, Higienópolis, Vila Buarque), mas também em áreas mais distantes, como, por exemplo, no Brás.

Como vimos, a economia cafeeira e o início da industrialização foram elementos que contribuíram para a mudança da paisagem urbana paulistana. Desde o final do século XIX e início do XX, houve um crescimento qualitativo e quantitativo de São Paulo. Entretanto, um fator importante e muitas vezes esquecido foi a aprovação da Lei da Terra, em 1850, quando a terra adquire plenamente o estatuto de mercadoria. A partir dessa data, a forma legal de posse passa a ser a compra devidamente registrada, e o reconhecimento do direito de acesso desvincula-se da condição de efetiva ocupação (ROLNIK, 1997:23). Prevvia-se um tempo para que as terras doadas ou ocupadas até essa data fossem legitimadas.

No mapa São Paulo: chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro (desaparecidas com o crescer da cidade) (cf. Anexo 10), podemos ver como as áreas foram parceladas, e quem eram seus proprietários. Com o passar do tempo e a comercialização das terras, outros nomes de proprietários foram aparecendo nos documentos, diferentes daqueles do mapa que nos mostra chácaras, sítios, fazenda numa escala de 1:20.000. Em documentos de cartório e estudos sobre a história de bairros, encontramos o nome dos compradores dessas terras. Como exemplo de compradores das terras num raio de até 30 km do centro, na direção leste, temos:

Itaquera: em 1890, Dr. Rodrigo Pereira Barreto, fazendeiro de Ribeirão Preto e Sertãozinho. Em 1913, Dr. Álvaro Mendonça e Dr. Antônio Teixeira da Sil-

va, ambos advogados e professores do Mackenzie College. Em 1919, a fazenda do Carmo, que desde 1722 pertencia à Ordem dos Carmelitas, foi adquirida por Bento Pires de Camargo, que a dividiu, loteando uma parte (Vila Carmosina) e vendendo outra (345 alqueires) à Companhia Comercial Pastoril e Agrícola, que loteou, formando a Colônia Japonesa (cf. LEMOS e FRANÇA, 1999:115).

Penha: em 1906, o Dr. Manuel da Fonseca Jr. adquiriu, de Manuel Lopes de Oliveira, o sítio Aricanduva (468 alqueires). Essas terras foram parceladas e vendidas a outras pessoas, que as lotearam, surgindo vários bairros, entre os quais: Vila Matilde, Vila Nova Savóia, Vila Talarico (Registro de Imóveis. Escritura de Compra lavrada em 1906. 7.º Registro de Imóveis da Capital). É interessante notar que, na escritura de compra do sítio Aricanduva, o Dr. Manuel da Fonseca Jr. adquiriu também, do mesmo proprietário, mais seis propriedades na cidade, sendo duas na Zona Leste, uma na Mooca e outra na Vila Invernada.

Portanto, no início do século, as áreas ao redor de São Paulo foram alvo de grandes transações imobiliárias. A partir de 1920, esses proprietários dão início ao parcelamento de suas terras, abrindo ruas, avenidas e formando loteamentos.

Na década de 30, surgem diversos bairros nos subúrbios da região leste da cidade. Localizados entre 10 e 15 km do centro, esses terrenos sem nenhuma infra-estrutura urbana eram oferecidos principalmente a trabalhadores. A propaganda vendia a imagem da vida no campo: “excelente clima, ar puro (...), [lugar saudável, higiênico], água muito boa, potável (...)” (cf. Anexo 4B). Em contraposição a essa imagem, o trabalhador passava a maior parte do tempo dentro dos ambientes fechados das fábricas, muitas delas bastante insalubres.

Lentamente, os espaços da Zona Leste foram sendo ocupados. Em 1935, já eram visualizados bolsões de moradias extremamente simples e pobres, no lugar das antigas chácaras loteadas. Para a população operária da cidade de São Paulo, o subúrbio não tinha o sentido dado pela aristocracia inglesa ou pelas elites paulistanas: espaço de lazer, descanso. Era um espaço para morar distante do trabalho, onde durante o dia havia o domínio das mulheres e crianças, já que de madrugada, os homens partiam para as fábricas. Nos domingos e feriados, quando não faziam horas extras nas indústrias, muitos operários trabalhavam em seus quintais, cuidando de suas hortas e dos animais (galinhas e porcos), que constituíam complemento da alimentação da família.

Convém lembrar que não havia bens públicos e nem culturais na região leste. Assim, teatros, galerias de arte, bibliotecas, universidades, ruas e avenidas arborizadas, praças e parques com preocupações estéticas não pertenciam ao mundo dos moradores do subúrbio. Como afirma MARTINS (1992:11),

no subúrbio, o vínculo do trabalhador com sua cidade também expressou uma alienação particular na relação entre esse tra-

balhador e o seu produto, inclusive o espaço produzido a partir de seu lugar de trabalho. Foi um outro modo de viver na cidade, no seu subúrbio empobrecido de vínculos com a História, pobreza que é a face urbana e espacial da alienação do morador-trabalhador, também ele diferente do cidadão – um cidadão menor, porque para ele a cidade foi menos real como cidade, ou real de um modo insuficiente, incompleto, parcial.

Analisando o desenvolvimento da região leste, constata-se que, quanto a infra-estrutura e serviços sociais, de 1930 até o final da década de 50, ela passou por poucas transformações, apesar do grande crescimento demográfico. Desde 1945, a preferência para ampliação dos serviços públicos foi em direção aos bairros do Morumbi, Alto de Pinheiros, Chácara Flora. Os investimentos públicos foram maciçamente canalizados para as regiões onde se concentravam as elites e a classe média. Quanto ao crescimento demográfico, nas décadas de 20 a 40, os habitantes eram, em grande parte, imigrantes e seus descendentes. A partir da década de 50, com a grande migração interna do nordeste do país para São Paulo, pessoas de diversos estados dessa região brasileira fixaram-se nessa área da cidade.

A fim de resgatar alguns aspectos da história da Vila Nova Savóia e conseqüentemente da região leste, recorreremos a depoimentos de antigos moradores. Nas falas de seus habitantes, a memória traz ao presente lembranças do cenário desses espaços. Nele aparecem imagens de casas pequenas e simples, dos grandes quintais com árvores frutíferas, canteiros de hortaliças, criação de galinhas, porcos, ruas sem calçadas, sem asfalto, caminhos tortuosos que cortavam os lotes vazios encurtando as distâncias. Um morador de Vila Nova Savóia recordou que nesse bairro se criava até gado:

me lembro de três vacarias pertencentes a famílias de portugueses. Elas ficavam nas ruas do Trabalho, Perseverança e Economia. O gado era retirado todas as manhãs de suas cocheiras e levado para a várzea que ladeava o Córrego Gamelinha. Os moradores do bairro compravam leite nesses locais (Sr. Manuel).

Vila Nova Savóia somente começou a receber alguma infra-estrutura urbana no final da década de 50. Isso ocorreu principalmente quando, com uma visão bem populista, alguns políticos descobriram o potencial eleitoral dessa área da cidade, que, já nessa época, tinha um índice populacional bastante elevado. Nesse período, os políticos que mais disputaram votos na região foram Ademar de Barros e Jânio Quadros.

Assim, por meio de promessas eleitorais, foram chegando aos bairros a luz, as guias, o asfalto, a água encanada, o esgoto. Embora, esses serviços tenham sido pagos por seus moradores, não só por meio de impostos, como por meio de carnês parcelados mensalmente, a frágil consciência dos direitos dos moradores em relação aos espaços públicos da cidade permitia que muitos desses políticos se proclamassem “benfeitores da região”.

Na urbanização moderna, existe um verdadeiro consumo produtivo do espaço, dos meios de transporte, das construções das estradas e das ruas. Desde a instalação das primeiras indústrias automobilísticas no país no final da década de 50, o poder público concentrou seus investimentos nos sistemas viários, estimulando a produção do automóvel utilizado por pessoas de renda média e alta. A opção pelo transporte individual, em detrimento do transporte coletivo, mudou a paisagem de São Paulo. Na região leste da cidade, esse fato começou a ocorrer na década de 70 com alargamento de avenidas, construções de viadutos, construção de redes viárias nas margens dos rios. A segunda linha do metrô da cidade de São Paulo foi construída na região leste, que embora seja a região mais populosa de São Paulo, ela possui apenas uma linha de metrô (Leste–Oeste). Essa linha acompanha, no seu percurso do Brás até Itaquera, o leito ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil (cf. Apêndice 11, fotografia 2). Na Zona Leste, caminhado a lado o símbolo da modernidade dos meios de transportes urbanos (o metrô) e o símbolo da estagnação (o trem), visto que, no Brasil não houve grandes investimentos neste meio de transporte, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Tendo essa região o maior índice populacional da cidade, os transportes coletivos, no cotidiano, não conseguem oferecer bons serviços, já que o metrô se tornou a opção mais importante de locomoção dos moradores. Devido a essa carência de transportes coletivos, as composições do metrô circulam com lotação máxima e as vias públicas estão sempre congestionadas.

A implantação desse meio de transporte também contribuiu para grandes mudanças, tanto na ocupação do solo quanto no espaço construído. Como na cidade moderna a construção deixou de ser um ramo secundário da indústria para converter-se num setor de primeira linha e num ramo essencial da produção, as empresas construtoras e imobiliárias, a partir da construção do metrô, descobriram a Zona Leste da cidade.

Vimos que o processo de verticalização de São Paulo teve início na década de 20. Com o passar dos anos, os espaços das áreas centrais e “nobres” foram se tornando cada vez mais escassos e caros e as grandes empresas construtoras e imobiliárias começaram a investir na parte leste (cf. Apêndice 11, fotografia 1).

Nessa região da metrópole, até o final da década de 70, a urbanização estendia-se em milhares de quilômetros quadrados com construções horizontais. Até essa data, a região mantinha muitas das características do antigo subúrbio, num relevo

ora plano, ora com colinas suaves, de onde podiam se avistar a distância os arranha-céus das áreas mais centrais da cidade. Havia ainda solo desocupado, moradias com grandes quintais. Tudo isso com uma infra-estrutura e serviços urbanos já instalados e pagos por seus habitantes. A Zona Leste tornou-se, então, o lugar ideal para novos empreendimentos imobiliários de baixo custo e grandes lucros.

As extensas áreas ainda desocupadas, nas quais existiam os campos de futebol dos clubes fundados por seus moradores⁵, foram imediatamente ocupadas com a construção de vias nas margens dos rios da região e de conjuntos habitacionais (COHABs): Itaquera, Artur Alvim, Cidade Tiradentes. Construídos dentro da racionalidade cujo objetivo maior é o lucro, esses conjuntos, com sua arquitetura homogeneizante, sem beleza e sem harmonia, passaram a fazer parte da paisagem da região leste. Em alguns bairros, o aumento demográfico num curto período transformou também a paisagem humana⁶.

Além da mudança da paisagem com a construção das COHABs, do sistema viário e do metrô, a partir da década de 70, tem início uma fase de grande especulação imobiliária, ainda em curso na região. Começa, então, uma verticalização intensa, com a construção de edifícios residenciais para a classe média baixa, de até 27 andares. Ao descobrir que os habitantes antigos possuem terrenos mais espaçosos, as empresas imobiliárias iniciam o chamado “terrorismo imobiliário” (ANGRIMANI, 1999:64). Com a verticalização, processa-se a expulsão das residências sem nenhum planejamento, obrigando os moradores a venderem suas casas, devido aos grandes incômodos causados por um edifício de muitos andares, construído em um espaço proporcionalmente pequeno. Além disso, essa parte da cidade que, desde suas origens, abriga moradores de baixa renda, nunca foi objeto de uma implantação de bens culturais ou de lazer. Com o aumento da população devido à verticalização, essa característica se acentua. Se consultarmos o Cadastro de referências urbanas da Zona Leste realizado pela Secretaria Municipal de Planejamento, em 1985 (PMSP, SEMPLA, 1985), constataremos o número reduzido desses bens, numa região que comporta a maior parte dos habitantes da cidade. Esse fato, evidentemente, traz grandes problemas sociais e torna visível a necessidade de reformas urbanas e de critérios mais adequados para a verticalização, que não visem apenas ao lucro fácil e imediato.

É interessante notar que, nos discursos jornalístico e publicitário, essas mudanças são vistas como sinônimo de progresso: “com o forte crescimento imobiliário, em pontos específicos, como o Jardim Anália Franco, no coração do Tatu-

⁵ Cf. entrevista com o Sr. Manuel.

⁶ Como exemplo desse fato, podemos citar o bairro de Itaquera, que até a década de 60 possuía um espaço rural significativo (colônia japonesa) e uma população urbana de 17.700 habitantes. De 1980 a 1984, foram construídas 28.850 unidades habitacionais, que receberam 200 mil pessoas, e o bairro passou a ter 320.132 habitantes (LE MOS, 1999:15 e 86).

pé, e a Mooca, a Zona Leste ganha ar de modernidade, apesar de problemas, que insistem em atrapalhar a vida de seus moradores” (AMARO, 1990:10-4). Como podemos notar, a própria reportagem estampada a contradição que a população dessa região vive, uma vez que o crescimento imobiliário isolado não é sinônimo de progresso. Em 1973, o jornal Folha de S. Paulo anunciava uma “nova Zona Leste” para “a região mais carente da cidade” (MARKUN, 1973).

Por sua origem operária, os bairros da Zona Leste nunca foram prioritários para as administrações públicas. Com a acelerada verticalização, o discurso publicitário tenta mudar essa imagem: para valorizar a região, utiliza valores e topônimos relativos a bairros de prestígio da elite paulistana. Assim, nos anúncios de imóveis do Jardim Anália Franco, esse bairro surge como “o Morumbi da Zona Leste” ou “os Jardins da Zona Leste” (AMARO, 1990:10).

Em estudo sobre a arquitetura e especulação imobiliária, COSTA Jr. (1974) constata que a profunda monotonia proveniente da padronização dos projetos arquitetônicos verticais sufoca qualquer estímulo à criatividade. Resta então à publicidade ser mais criativa, aproveitando-se do imaginário e dos sonhos coletivos dos paulistanos.

Na cidade de São Paulo, inserida num país culturalmente colonizado, encontramos a tendência de denominar edifícios e condomínios com nomes estrangeiros, com o objetivo de lhes conferir status mencionando nomes do Primeiro Mundo. A área do edifício é “nobre”. Arranha-céus são construídos em pequenos lotes oferecendo-se: bosques, jardins, fontes e área de lazer. As propagandas de lançamento são atraentes, mas na verdade essas áreas são pequenas para a quantidade de apartamentos e os preços dos condomínios são elevados.

A cidade nos mostra grandes desníveis socioeconômicos e uma urbanização caótica. Há muitos investimentos privados, como é o caso do lazer nos condomínios. Em contraposição, o poder público ignora a obrigatoriedade de manutenção de áreas livres para o lazer coletivo, desrespeitando o direito do cidadão.

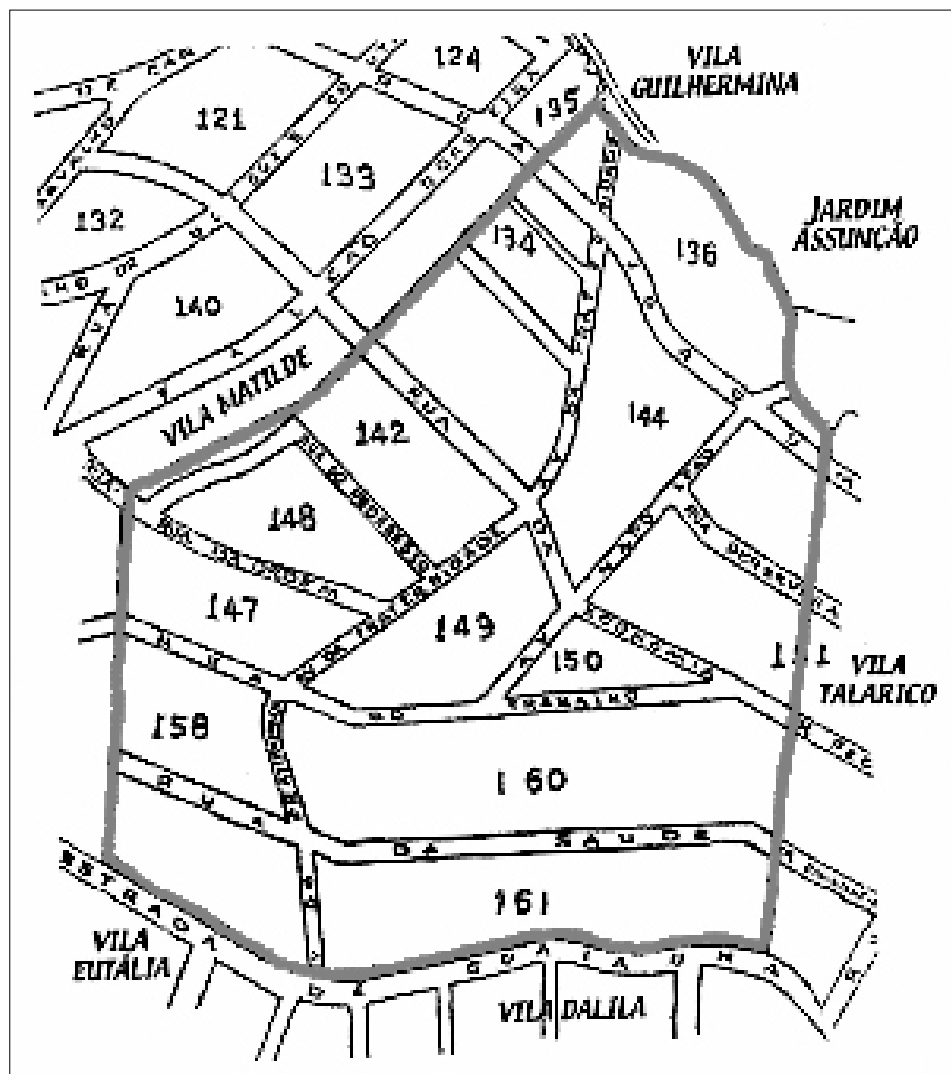
Portanto, a Zona Leste vive, neste final de século, as contradições da megálpole que se tornou a cidade de São Paulo.

2.2. História da formação de Vila Nova Savóia

Vila Nova Savóia é um nome pouco conhecido na cidade de São Paulo. Acreditamos que isso se deve à dificuldade de estabelecer os limites do bairro com a Vila Talarico e a Vila Matilde, que fazem divisa entre lotes. As dimensões territoriais do bairro pesquisadas por meio de levantamento cartográfico nos mostram que a área ocupada por Vila Nova Savóia é menor do que a dos bairros vizinhos

(cf. Apêndice 3). A ausência de linha de ônibus ou estação de metrô com seu nome também colabora para esse fato, uma vez que para os habitantes da cidade esses são referenciais importantes. Apesar dessa falta de conhecimento por parte de muitos munícipes, desde 1930 esse bairro aparece nos mapas oficiais e nos guias de ruas da cidade.

Situada no Distrito de Vila Matilde entre os bairros de Vila Talarico, Vila Dalila, Vila Eutália, Vila Matilde, Vila Guilhermina, Jardim Assunção, e pertencente à Administração Regional da Penha (AR-PE), Vila Nova Savóia surge a partir da aquisição de terras pertencentes a Dona Escolástica Melchert da Fonseca.



Mapa de 1953 (Lei n.º 4.371/53) que mostra os limites de Vila Nova Savóia. (limites entre lotes)

Como podemos observar no mapa acima, as divisas de Vila Nova Savóia com os bairros de Vila Matilde e Vila Talarico são entre lotes. Esse fato dificulta ao morador saber quais são os limites do bairro. Nas antigas ruas da Saúde e da Perseverança, por exemplo, há lotes que pertencem a Vila Nova Savóia e outros que pertencem a Vila Talarico. Geralmente, apenas os moradores antigos sabem a que bairro pertencem suas casas, pois estes compraram seus lotes diretamente da família Berthet ou da família Talarico. Daí a importância de resgatarmos a memória de Vila Nova Savóia no presente estudo.

A origem desse bairro está ligada ao desmembramento de um sítio denominado “Aricanduva”, uma parte da grande Fazenda Aricanduva, uma área de 468 alqueires que se estendia do Rio Guaiaúna até a Fazenda do Carmo. Essa propriedade, que pertencia à Freguesia da Penha, era do Dr. José Francisco da Fonseca Jr., que a adquiriu pela quitação de uma dívida de Manuel Lopes de Oliveira, em 1906⁷. Em 1908, o proprietário dessas terras faleceu, deixando-as essas terras para a viúva, D. Escolástica Melchert da Fonseca⁸.

Conforme consta do inventário, essa gleba possuía “uma casa de morada e somente campos dividindo e confrontando com o ribeirão Guaiaúna, terreno do Carmo e ribeirão Aricanduva”. Nessa época, a região leste da cidade pertencia à área rural.

A partir da década de 20, D. Escolástica Melchert da Fonseca delega a administração da venda dessas terras para a sociedade civil Carvalho & Mascarenhas, cujo escritório ficava na praça da Sé, n.º 3, 4.º andar, a qual passa a intermediar as vendas. Dessa fazenda, foram compradas grandes glebas de terras, que deram origem a diversos bairros, como: Vila Matilde, Vila Aricanduva, Vila Talarico, Vila Dalila, Vila Eutália, e outros.

A Vila Nova Savóia surgiu dentro desse contexto. Em 1922, o engenheiro agrônomo francês, Jean Jules Arthaud Berthet, que morava em Campinas, adquiriu de D. Escolástica Melchert da Fonseca uma parte do Sítio Aricanduva: 10,61 alqueires, conforme constava em sua escritura⁹. Em agosto desse mesmo ano, Berthet já possuía uma planta do loteamento, feita por Diogo José de Carvalho, engenheiro civil (cf. Anexo 3).

Segundo um memorial para fins da Lei n.º 58 de 1.º de dezembro de 1937¹⁰, o loteamento, que nas primeiras plantas de 1922 e de 1929 chamava-se “Nova

⁷ Certificado de escritura. 7.º Tabelião de Registro de Imóveis de São Paulo – 1938, livro n.º 8.

⁸ Certidão dos autos do inventário de José Manuel da Fonseca Jr. 7.º Tabelião de Registro de Imóveis de São Paulo, 1938, livro n.º 8.

⁹ Certificado de escritura. 2.º Tabelião de Notas, 25 de julho de 1922.

¹⁰ 7.º Registro de Imóveis, 9 de junho de 1938.

Savóia”, passou a se chamar, em 1938, Vila Nova Savóia. Nesse documento consta que as vendas foram iniciadas em 1929. Os terrenos eram pagos à prestação ou à vista. Para incentivar as vendas, o proprietário anunciava em sua propaganda que o comprador poderia fazer suas plantações e construções, recebendo, gratuitamente, 5.000 tijolos.

O memorial caracterizou o loteamento da seguinte forma:

a Vila Nova Savóia é servida por 16 subúrbios da estrada de ferro Central do Brasil, durando a viagem 20 minutos e sendo a estação de desembarque a 2.^a estação de Vila Matilde, por trens mistos e por estradas de rodagem em número de duas, sendo o percurso de 10 km a partir do Largo da Sé, nesta capital. O bairro é aprazível, salubre, com excelente clima e água potável, já analisada e considerada ótima, panoramas agradáveis, ruas largas e logradouros arborizados e ajardinados. A vila dista 5 minutos da estação Vila Matilde.

Nas décadas de 20 e 30, ainda eram quase inexistentes os escritórios imobiliários. Assim, a venda dos terrenos eram realizadas pelo proprietário. O folheto de propaganda de vendas feito por J. J. Arthaud Berthet informava o local: em sua própria residência, na rua Galvão Bueno, Liberdade, “em qualquer hora. Aos domingos e feriados, ir diretamente em Nova Savóia na Chácara do Encanto”. Portanto, nessa fase da ocupação urbana, a compra e a venda de imóveis eram realizadas pelos próprios interessados. A intermediação dos negócios imobiliários, em São Paulo, ainda não era tão desenvolvida e organizada como hoje.

O começo de um novo loteamento, Nova Savóia, em 1922, é parte do processo de expansão pelo qual a cidade vinha passando em direção às áreas rurais da Zona Leste. Os subúrbios eram procurados pelos trabalhadores, as casas eram erguidas, os quintais, cultivados. É dentro dessa mentalidade que J. J. Arthaud Berthet escreve, no folheto de propaganda para a venda de suas terras: “Grande futuro pela rápida valorização, devida ao vertiginoso progresso e aumento de São Paulo, a ‘Chicago’ da América do Sul” (cf. Anexo 4B).

2.2.1. O nome da vila e suas relações com a Savóia européia

São Paulo é uma cidade cuja construção recebeu, através dos séculos, a contribuição de vários povos. Seu cosmopolitismo já foi registrado em prosa, versos, pinturas, fotografias, filmes. Entretanto, sua complexidade urbana, o número elevado de habitantes, o cotidiano agitado, a luta pela vida fazem com que muitos detalhes, vivências, significados, permaneçam quase imperceptíveis aos olhos

não só daqueles que a visitam apressadamente, mas também de seus próprios moradores.

A cidade, como toda construção humana, é feita da soma de sonhos, ideais, lutas, conflitos, esperanças. Essas contradições muitas vezes não são aparentes, daí a necessidade de investigação para seu desvendamento. Neste trabalho, procuramos entender parte da realidade escondida dessa metrópole e assim contribuir para uma maior compreensão de sua história.

Quando, em 1922, surgiu em São Paulo um novo loteamento de terras, no então subúrbio ou zona rural da parte leste da cidade, esse espaço que começava a ser produzido recebeu o nome de Nova Savóia. Essa denominação provém de uma região situada nos Alpes franceses e da dinastia que governou essa região, a Casa de Savóia.

No Brasil, a influência francesa está presente desde o início da colonização. Nesse período, a França tentou, em duas oportunidades, estabelecer seus domínios em território brasileiro: a primeira em 1555, no Rio de Janeiro, e a segunda, no Maranhão, em 1612 (HOLLANDA, 1963). Entretanto, foi com a vinda de D. João VI para o Brasil em 1808 que ela se fez mais presente. D. João trouxe em 1816 a “missão cultural francesa” que

veio atender aos anseios de escamotear a rusticidade colonial em que se encontrava imersa a oligarquia. A construção de uma vida postiça foi viabilizada por meio da importação de “louças, móveis, papéis de parede, cristais, jardineiros, tapeçarias, pianos, professores de piano, roupas, governantas, literatura, música, pintura, água mineral de Vichy, manteiga e arquitetos. (MARTINS, 1996:117)

Ao longo do século, vários franceses percorreram o território brasileiro, escrevendo suas observações sobre a flora, a fauna, as riquezas minerais, população, costumes. Assim, as obras de Auguste de Saint-Hilaire, Pierre Moreau, Ferdinando Denis, Jean Baptiste Debret e outros, apesar de apresentarem o Brasil a partir da ótica europeia, constituem fontes importantes para o conhecimento da história brasileira.

No final do século XIX, as elites políticas e culturais acentuam o contato com a França. Nesse período, muitos brasileiros vão estudar nas universidades francesas. Essas elites deram grande acolhida às idéias da evolução, do darwinismo biológico e social e do positivismo. Os contatos culturais continuaram no século XX, como se constata na fundação da Universidade de São Paulo em 1934. Nos primeiros anos de sua implantação, diversos intelectuais franceses foram convidados para lecionar em seus cursos: Jacques Lambert, Roger Bastides, Pier-

re Monbeig e outros (BOSI, 1994). Portanto, desde o século XVI, a França esteve presente na sociedade brasileira, daí o aparecimento de topônimos cuja origem estão ligados a esse país.

Qual o elemento de ligação entre uma região situada no sul da França, com montanhas, vales, lagos, cidades, aldeias, e o pequeno espaço que começava a ser ocupado na década de 20 na cidade de São Paulo? Para entender essa ligação, é preciso conhecer a figura principal desse vínculo: Jean Jules Arthaud Berthet. Conforme consta em sua biografia, ele nasceu na Savóia francesa. Veio ao Brasil em 1909 para desenvolver trabalhos de pesquisa e administrativo no setor da agricultura. Antes de estabelecer-se em São Paulo, Berthet trabalhou em Piracicaba e Campinas, e em 1922, adquiriu uma gleba da Fazenda Aricanduva, situada na parte leste de São Paulo.

Sabemos que toda pessoa, ao se transplantar de um país a outro, carrega em sua memória imagens do lugar onde nasceu e viveu parte de sua existência. Por isso, é comum encontrarmos topônimos que se reportam aos espaços habitados por pessoas ou grupos, antes de se instalarem em um novo lugar. Como exemplos, podemos citar: Nova Inglaterra, Nova York (nos EUA), Nova Odessa, Novo Hamburgo, Nova Friburgo, e outros, no Brasil. A denominação “novo” ou “nova” indica uma oposição ao “velho”, “antigo”, ou ao já conhecido. Assim, o topônimo “Nova Savóia” reportou-se à região da Savóia francesa e à aldeia de Sainte Marie D’Alvey, onde nasceu o engenheiro agrônomo Jean Jules Arthaud Berthet.

Diversos são os motivos que poderiam levar o denominador a criar esse topônimo: 1) Desejo de homenagear o lugar onde nasceu; 2) Saudades desse lugar; 3) Tentativa de manter vivas suas origens; 4) Aceitação do novo lugar sem romper com o antigo; 5) Ou ainda, a tentativa de usar, num país colonizado, o nome de uma região européia que poderia ter mais aceitação no sentido comercial, como uma marca de propaganda.

Todas essas hipóteses, apesar de sua subjetividade e tendo em vista a impossibilidade de indagação ao denominador, são pertinentes. Um topônimo carrega em sua origem, em sua intenção, um determinado significado e vai adquirindo outros significados a partir de seu emprego por outras pessoas. Para fazer a escolha do nome, o nomeador articulou intenções, valores culturais, filosóficos e ideológicos para designar um novo espaço, particularizando-o através do nome próprio por ele escolhido. Ao usar o topônimo Nova Savóia, Berthet deixou registrada a dimensão dos dois espaços em que viveu: o antigo (Savóia), na França, e o novo (Nova Savóia), no Brasil. Mas nesse espaço produzido na década de 20, na cidade de São Paulo, o denominador também deixará registradas nos nomes de ruas e avenidas, a lembrança de grandes personalidades francesas, como também sua filosofia de vida, pautada nos princípios positivistas de Augusto Comte. Portanto, Vila “Nova Savóia” contém, em seus topônimos, a li-

gação espacial, histórica e filosófica do denominador com a França. Entretanto, essa unidade por ele proposta é ameaçada quando políticos ou administradores da cidade, que desconhecem a história do bairro, alteram os nomes originais, quebrando o elo existente entre eles, como é possível observar no quadro que demonstra as alterações ocorridas nos topônimos de Vila Nova Savóia de 1922 a 1994 (cf. Apêndice 2) .

2.2.2. As contradições entre o antigo e o novo espaço

O atual Departamento da Savóia francesa constituiu um Estado independente, na Europa, durante oito séculos. A dinastia da Casa de Savóia remonta ao século XI¹¹. Durante a Idade Média, essa dinastia governou o território oeste dos Alpes, atualmente dividido entre França, Suíça e Itália (The New Encyclopaedia Britannica, USA, 1990, v. 10:485-6). Portanto, as possessões da Casa de Savóia estendiam-se do Lago Neuchetel ao Mar Mediterrâneo e do Vale do Rio Reno à Bacia do Pó. O fundador dessa dinastia foi Humberto, Conde de Savóia. Suas possessões valeram a esse senhor feudal e a seus descendentes uma situação privilegiada pelo controle que lhes assegurava sobre os pastos alpinos obrigatórios entre França, Alemanha e Itália.

A Casa de Savóia entrou em declínio entre 1440 e 1553, em consequência da penetração francesa na Itália e da Reforma Helvética. O Ducado de Savóia foi então despojado de grande parte de seus domínios. Com a ascensão de Emanuel Felisberto (1528-1580), que entrou em luta com os franceses, derrotando-os, a capital da Savóia passou a ser Turim. O poder francês foi restabelecido com Napoleão Bonaparte. A França incorporou definitivamente esse território em 1860.

Os primeiros habitantes da Savóia foram os alobroges, membros de uma tribo celta que resistiram à penetração romana. Nessa região, foram encontrados vestígios que comprovam que ela foi habitada desde a Idade da Pedra Polida.

Geograficamente, a Savóia francesa é uma região dos Alpes considerada "terra dos cumes". Possui onze divisões administrativas: Aix les Bains, Le Val D'Arly, Chambery, L'Avant-Pays Savoyard, La Chartreuse, Les Bauges, La Combe de Savoie, Albertville, Le Beaufortain, La Tarentaise, e La Maurienne.

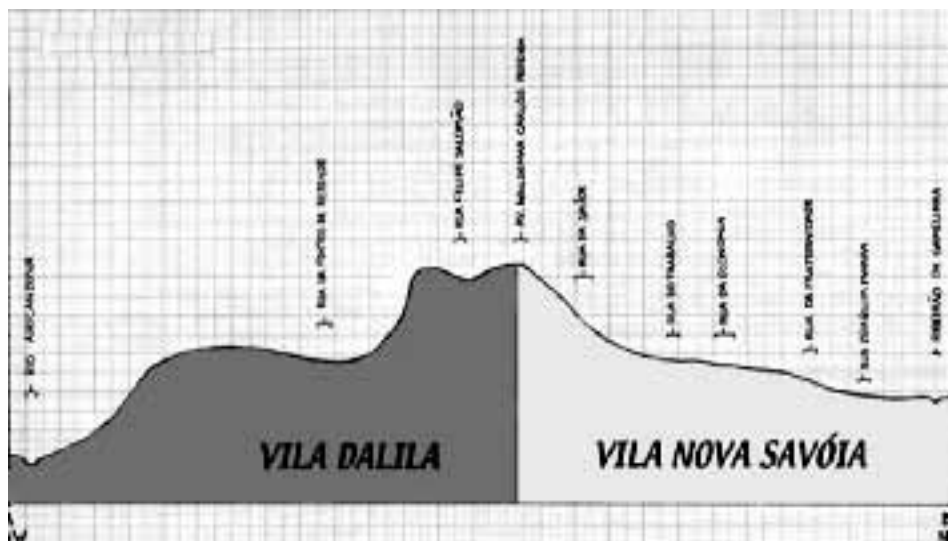
Localizada no sudoeste da França, na fronteira com a Itália, a Savóia francesa estende-se por várias regiões dos Alpes. Sua capital é Chambery, que fica próxima aos rios Rhône e Isire. Verificando no atlas geográfico, a cidade de Chambery encontra-se numa altitude de 500 m. Em sua proximidade, encontramos altitudes

¹¹ Antes do surgimento dessa dinastia, a Savóia fez parte do Reino de Borgonha nos séculos IX-X e do Império Romano Germânico.

de 1.000 m, 2.000 m e 3.000 m nos Alpes. O ponto mais alto da região é o Mont Blanc com 4.808 m, localizado na fronteira da França com a Itália.

É uma região com grandes lagos, inúmeros vales e de abundantes recursos naturais. Com pequenas propriedades agrícolas, é grande produtora de frutas, vinhos, queijo e mel. Atualmente, tem um importante desenvolvimento industrial. Hoje, com a expansão do tempo livre na sociedade capitalista do Primeiro Mundo, essa região tornou-se sinônimo de “turismo”. Nela desenvolvem-se diversas atividades: os esportes de inverno, o alpinismo, a pesca em seus lagos. Seus castelos, abadias, capelas, igrejas, museus, aldeias, são também fontes para a indústria turística.

A Savóia paulistana por sua vez está localizada em um país tropical, numa região do Planalto de Piratininga. Geograficamente, seu espaço está limitado ao córrego Gamelinha e aos bairros de Vila Talarico, Vila Matilde, Vila Dalila e Vila Eutália. Seu relevo possui pequenas ondulações, que vão do vale do Gamelinha até o “espigão” da av. Waldemar Carlos Pereira, que divide os vales dos rios Aricanduva e Gamelinha, com altitudes de 755 a 805 m¹². Do ponto mais alto, avista-se a Serra da Cantareira a uma distância de aproximadamente 15 km.



Perfil topográfico mostrando o espigão entre os vales do rio Aricanduva e córrego Gamelinha¹³

¹² Cf. texto de propaganda do loteamento (Anexo 4B). Pelo Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930, feito pela empresa Sara Brasil S/A, a altitude varia de 745 a 805 m (cf. Anexo 6).

¹³ Gráfico elaborado por Lígia Maria Real Leite, tendo como base os dados das curvas de nível encontrados na folha n.º 54 do Mapa Topográfico do Município de São Paulo, SARA BRASIL S/A, escala 1:5000,1930. Maiores detalhes ver Apêndice 6.

Segundo informações da filha do fundador do bairro, D Lucienne E. A. Berthet Zuccolotto, “ele escolheu o nome Nova Savóia, devido à topografia semelhante à Savóia francesa, que é uma região de ventos macios, se bem que quando neva, não deve ter ventos macios”. A propaganda do loteamento (cf. Anexo 4B) confirma essa opinião:

Bairro aprazível, pitoresco, muito salubre; boas altitudes de 755 a 805 m, (...) belíssimo panorama, vistas esplêndidas; tudo fazendo lembrar a beleza e os lindos sítios, da baixa ‘SAVÓIA’ europeia. (grifo nosso)

Podemos identificar a intencionalidade do denominador ao transplantar o nome de sua região natal, reeditando-o acrescido do adjetivo “nova”, naturalmente movido pela saudade de sua terra de origem, uma vez que “os recantos onde vivemos se convertem também num armário de recordações” (BACHELARD, 1986:178). Como já foi dito, o imigrante, ao se fixar em um novo país, sempre carrega em sua memória lembranças e recordações do lugar onde nasceu. A ambigüidade está presente em deixar o conhecido pelo fascínio do desconhecido. Por isso o nome Nova Savóia nos leva a pensar: o novo se anuncia, mas a pessoa não se despoja do velho, já que fez parte de sua vida, de sua história.

Segundo DICK (1992:102), “como técnica de denominação, o nome estrangeiro, fora de seu território, geralmente recebe o acréscimo dos adjetivos novo/nova, para com isso caracterizar a sua implantação em outro local”.

Observando o relevo dessa área da cidade de São Paulo e pesquisando a história de sua urbanização e as imagens que restaram dessa época, nos indagamos: o que poderia ser semelhante? A natureza é bem diferente da região alpina. Sua história desenvolveu-se num outro tempo, num outro ritmo. Por meio de um esforço de imaginação, as pequenas elevações lembrariam os Alpes? As partes mais baixas do relevo lembrariam os vales? A Serra da Cantareira distante lembraria as montanhas mais elevadas dos picos nevados?



Fotografia da autora tirada a partir da avenida Waldemar Carlos Pereira com vista ao fundo para a Serra da Cantareira (1997).



O lago de Chevelu na Savóia francesa. Fonte: Association Départementale de Tourisme de la Savoie, folheto de propaganda turística.

Evidentemente, toda comparação tem suas limitações. Concretamente, a semelhança maior com a região da Savóia francesa foi a residência de estilo alpino, construída pelo proprietário dessas terras em uma área do loteamento, que continuou a ser sua propriedade, na chamada “Chácara do Encanto”. Diz a D. Lucienne:

Quando meu pai conheceu a Vila Matilde, ele achou muito parecida com as terras da Savóia Francesa, então ele quis comprar para fazer aquele projeto de colonização/loteamento. Aí ele tratou de fazer o projeto da casa dele. Havia uma elevação no terreno e a casa era toda cercada por pinheiros. Eu tive uma surpresa porque quando eu fui à Suíça e andei de táxi pelas ruas até o aeroporto parecia que eu estava vendo a Vila Matilde, aquele estilo de casa. Ele reservou uma área de árvores bem antigas. Imagina! Eu conheci gabioba árvore, e geralmente gabioba a gente conhece uma plantinha alta só. E eu vi bichos lá, aquela aranha caranguejeira enorme e o olho de boi. Tinha árvores centenárias lá ...

Tinha as uvas, ameixas, caquis, limões... Esse tal limão-taiti, meu Deus! Quanto que eu vi lá na chácara! Castanha, era bonito ver aquela alameda de castanhas! Tinha jabuticaba, café e tinha plantas ornamentais, tinha vários tipos de eucalipto. Mas a planta que meu pai mais queria era o ipê amarelo. Tinha rosas também, camélias. E no bosque ele plantava aquelas begônias. Nossa! Ele tinha uma coleção de begônias!

Lembranças da casa:

...a casa entrava logo no escritório do meu pai, em seguida era a sala de jantar, que dava para um quarto onde eu dormia com a minha tia-avó, e depois tinha uma escadinha que subia, e em cima tinha o quarto do meu pai sozinho, porque ele sempre dormiu sozinho. O quarto da minha mãe tinha um reservado e um puxadinho onde dormia o Luís. Depois a gente entrava para a cozinha, a cozinha dava para o quarto da empregada e tinha a lavanderia coberta, depois tinha o banheiro só separado e o banheiro que era só chuveiro. Mas o banheiro também servia de.... Uma vez, me lembro que era um dia muito frio, e eu tinha

ido para a chácara sozinha com o meu pai. E o meu pai chegou e acendeu o lampião e ficou uma luz clara, gostosa, bonita e à noite ele fez uma bebida gostosa da Europa. Quando era férias a gente gostava de ir no puxadinho onde o meu irmão Bi (Leon) dormia e a gente via o trem das nove da Central que era um trem de luxo, dos embaixadores. O trem passava pela Vila Matilde mas ia para o Rio de Janeiro. Era um trem especial, diferente... (D. Lucienne A. B. Z.)

Ao ser criado por Berthet em 1922, o novo espaço era desabitado. Não possuía, como a Savóia francesa, uma cultura milenar. Entretanto, muitos de seus primeiros moradores eram, em suas origens, camponeses europeus. Eram imigrantes italianos, espanhóis, iugoslavos, portugueses, que, após um período de trabalho nas fazendas de café, se tornaram operários da indústria paulistana. Como essa região da cidade era considerada rural, muitos deles compraram terrenos para fazerem suas pequenas plantações. Nas entrevistas realizadas com os primeiros habitantes, havia sempre a lembrança de pomares, hortas e criação de animais.

Hoje, a Vila Nova Savóia é um dos bairros da grande metrópole; seu solo é densamente ocupado, devido ao processo acelerado de expansão urbana. Isso resultou na destruição da natureza encontrada na década de 20 por seu idealizador; portanto, a Savóia brasileira em nada se assemelha hoje com a Savóia europeia. Mas desde sua origem a Savóia tropical tinha diferenças marcantes em comparação com a Savóia "Terra dos Cumes". Certamente seu denominador sabia disso. Ao usar o elemento "Nova" precedendo o topônimo "Savóia", ele criou um topônimo novo, pois outro era o tempo, outro era o espaço e outro era o lugar. O elo entre os dois lugares era o próprio denominador, que certamente quis tornar presente o nome de uma região, de uma paisagem, de pessoas que ele deixou quando partiu para o Brasil.

2.2.3. Jean Jules Arthaud Berthet: loteador e denominador

A origem dos topônimos está intimamente ligada a seu denominador. É ele quem escolhe, entre várias possibilidades aquela que mais se aproxima de suas necessidades momentâneas. Ao designar um lugar, o denominador transmite sua mensagem, sua homenagem, suas informações. Em Vila Nova Savóia, as escolhas feitas por Berthet revelam sua cultura, seu passado, sua origem, sua visão de mundo. O poder de denominação, nesse caso particular, coloca a figura do denominador em evidência.



Fotografia do denominador, Sr. Jean Jules Arthaud Berthet (CARMO, 1987:132).

Com o propósito de desvendar os ideais e os valores do denominador e os motivos de suas denominações, iniciamos nossa pesquisa biográfica sobre Berthet, durante a qual, tivemos a oportunidade de conhecer alguns de seus familiares e entrevistá-los. A partir desses relatos, pudemos pesquisar informações biográficas e bibliográficas nos locais onde Berthet havia trabalhado: na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queirós – ESALQ, no Instituto Agrônomo de Campinas – IAC e na Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Os documentos de compra das terras de Vila Nova Savóia, bem como o processo de regularização do loteamento, também serviram de base para nossa pesquisa.

O levantamento biográfico sobre Berthet permitiu-nos compreender melhor a escolha dos topônimos, comprovando que estes estão profundamente relacionados com suas origens, estudos e filosofia de vida.

Quais seriam, então, as origens que vinculam o denominador ao seu loteamento?

Jean Jules Arthaud Berthet nasceu em 1875, em Saint Marie D'Alvey, na região vinícola da Savóia francesa, em uma família de cinco crianças, cujo pai era lenhador (BERTHET, 1991). De origem simples e agrária, Berthet

dedicou-se aos estudos auxiliado por uma senhora (patrona de artes), que os financiou¹⁴. Estudou na escola da comunidade com os padres beneditinos, depois em Voiron e em seguida em Albertville, onde conseguiu seu primeiro diploma, que lhe permitiu atuar como professor primário em St. Baldoph. Ingressou na Faculdade de Ciências da Sorbonne em Paris, escolhendo o ramo da agrobiologia.

Em Paris, realizou suas primeiras pesquisas científicas, trabalhando no Instituto Pasteur e no Instituto Agrônomo dessa cidade. Entre seus trabalhos publicados na França, encontramos, na biblioteca da ESALQ, em Piracicaba, o exemplar de um de seus principais estudos: *Culture du noyer en France* (1903). Na França, conseguiu vários títulos e condecorações, inclusive a de Cavaleiro do Mérito Agrícola (CARMO, 1987:69).

Diferentemente da maioria dos imigrantes do início do século, Berthet chegou ao Brasil sem a família. Como um estudioso da agricultura, não veio para trabalhar na lavoura cafeeira, mas para colaborar na organização e na pesquisa agrícola, principalmente do café no Estado de São Paulo.

Chegou em 1909, convidado pelo governo para trabalhar na Escola Agrícola Prática “Luiz de Queirós”, atual ESALQ, em Piracicaba, onde permaneceu apenas um mês. Em maio de 1909, foi convidado para ser diretor do Instituto Agrônomo de Campinas – IAC, onde teve uma longa gestão, de 1909 a 1924. Segundo informações de sua filha, ele adoeceu ao trabalhar em Piracicaba que, na época, era um local muito isolado. Conseguiu a transferência para o IAC graças à intermediação feita por seu amigo Luís Pereira Barreto, um dos representantes do positivismo brasileiro (BARROS, 1967).

Logo nos primeiros meses de trabalho no IAC, Berthet promoveu reformas, permitindo a criação de seções como a de Biologia Vegetal, Microbiologia Agrícola e Fermentação, que passou a ser conduzida com a colaboração de seu amigo francês, o engenheiro agrônomo Anthelme Perrier, vindo também de Paris a convite de Berthet (CARMO, 1987:70).

Berthet ia sempre a São Paulo, onde mantinha a amizade com franceses. Costumava hospedar-se na pensão de uma família francesa, situada na praça do Patriarca. Por intermédio daquela família, conheceu Paulinne Robble, com quem se casou. Tiveram três filhos: Luiz A. Berthet (professor doutor da USP, um dos fundadores do IME), Lucienne Eugéne A. Berthet Zuccolotto (médica sanitarista) e León Eugéne A. Berthet (veterinário, trabalhou no Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, SP). Todos os filhos seguiram o caminho do pai, completando estudos em nível superior. Até 1924, sua família morou em uma casa dentro do

¹⁴ Dados obtidos em entrevista com sua filha Lucienne Eugéne A. Berthet.

IAC, destinada, na época, à moradia do diretor. Hoje essa casa é utilizada como creche para os filhos de funcionários do IAC.

Em 1924, Berthet saiu do Instituto, devido a um inquérito administrativo, relativo ao aparecimento da broca-do-café em lavouras da região de Campinas. As acusações contra ele nunca foram comprovadas. Além disso, seus artigos anteriores a 1924 já alertavam os agricultores sobre esse problema (BERTHET, 1919). Provavelmente, sua substituição deveu-se a questões políticas, pois, seu sucessor, Teodoro de Camargo, iniciou sua gestão indicado pelo então governador de São Paulo, Armando de Sales Oliveira, “ex-aluno da Escola Politécnica, como Theodoro” (CARMO, 1987:72).

Em 1922, ainda trabalhando em Campinas, Berthet decidiu comprar terras na Zona Leste da cidade de São Paulo: uma parte da antiga Fazenda Aricanduva, que estava começando a ser vendida nesse ano.

Em 1924, mudou-se com a família para São Paulo: rua Galvão Bueno, 17, no bairro da Liberdade. Mas é por volta de 1929, que o loteamento de Vila Nova Savóia começa a ser executado¹⁵. Antes de iniciar a venda dos lotes, em 1924, Berthet já havia reservado uma parte de suas terras e formado sua chácara, “Chácara do Encanto”, que mais tarde foi subdividida em “Chácara das Flores”. Na primeira, construiu uma residência em estilo alpino para passar finais de semana e férias com sua família, plantou um pomar e deixou uma reserva de matas. Na outra parte, que margeava o córrego Gamelinha, plantou hortaliças e flores.

No Tatuapé, Berthet mantinha amizade com o Sr. Marengo, dono de uma antiga chácara onde hoje se localiza o Hospital Municipal do Tatuapé. Nessa chácara, os moradores da região leste costumavam comprar uvas e mudas de plantas. Segundo sua filha, Berthet gostava de conversar com Marengo, principalmente sobre agricultura.

Além do loteamento, no período em que residiu em São Paulo, Berthet montou, no Parque da Água Branca, uma escola onde ensinavam técnicas para fabricação dos derivados de leite, a pedido da Secretaria de Agricultura¹⁶, mas não conseguimos dados dessa secretaria sobre seu funcionamento.

Toda a vivência de Berthet na Sorbonne, no Instituto Pasteur e no Instituto Agrônômico de Paris, e seu contato com a filosofia positivista estão refletidas em seu discurso e na escolha dos topônimos de Vila Nova Savóia.

Analisando as publicações de Berthet, reconhecemos o universo a que ele pertenceu: um homem que viveu parte de sua vida numa região agrícola dos Alpes franceses, um estudioso da Sorbonne, em Paris, onde a intelectualidade buscou

¹⁵ Cf. Processo de Regularização do loteamento junto à PMS. Processo n.º 1980-0.013.535-3:117.

¹⁶ Informações de Lucienne E. A. Berthet Zuccolotto em entrevista.

inspiração na filosofia positivista, e o cientista estrangeiro no Brasil, que exerceu a função de burocrata e pesquisador. No seu discurso, estão presentes essas faces de sua vida e de sua formação.

2.2.4. O nome das ruas e a influência positivista

O positivismo é uma corrente filosófica que se estruturou com Augusto Comte, no século XIX, na França. Essa corrente insere-se no conjunto do pensamento liberal e cientificista desse período. Representa a sobrevivência do ideal iluminista adaptado à era industrial (ABRÃO, 1999:397).

Para Comte, a reforma intelectual deveria preceder a reforma social. Seria inútil tentar reformar a sociedade sem formar previamente o espírito dos futuros cidadãos (DAVAL, 1964:86-7). Ele pretendia criar um humanismo científico, pois acreditava que só a ciência poderia dar uma base sólida para a construção da nova sociedade, que teria um caráter definitivo. Portanto, uma das principais preocupações de Comte era realizar uma reforma espiritual profunda que pudesse conduzir a uma verdadeira reorganização social da humanidade.

Os nomes das ruas de Vila Nova Savóia, apresentados nos mapas de 1922 e no mapa de propaganda do loteamento (1929), nos mostram a bagagem cultural, ideológica e filosófica de Jean Jules Arthaud Berthet, que escolheu nomes ligados à filosofia positivista, que refletem os ideais humanos (ordem, progresso, saúde, economia,...) e homenageou franceses como Pasteur e Napoleão, uma vez que o positivismo propunha o culto aos antepassados (COMTE, 1934:74).

Encontramos no Catecismo Positivista de Augusto Comte a concepção filosófica e doutrinária que compõe o significado dos nomes das ruas de Vila Nova Savóia assim denominadas originalmente por Jean Jules Arthaud Berthet:

SAÚDE, rua da

O significado desse topônimo à luz da filosofia positivista nos mostra que é insuficiente dirigir-se a alma, desprezando sua subordinação ao corpo. A saúde deve ser estudada cientificamente e deve-se zelar pelas prescrições higiênicas, tanto privadas como públicas (cf. COMTE, 1934:46). Em 1978 o nome original da rua foi substituído por rua Gregório Souza (cf. Apêndice 2).

ECONOMIA, rua da

Um dos ideais da filosofia positivista. Seu significado está relacionado à recomendação de COMTE de gerenciar bem os recursos dentro de uma hierarquia industrial em que cada membro administre aquilo que realmente puder produzir, sem desperdício e sem desdenhar as camadas populares (cf. Ib.:362).

TRABALHO, rua do

A visão positivista do trabalho é aquela que mantém a hierarquia e valoriza a gratuidade, destacando o mérito pessoal de cada um (cf. lb.:366-367).

PERSEVERANÇA, rua da

A perseverança é explicada no Catecismo Positivista como uma qualidade prática da alma humana, juntamente com a firmeza, a coragem e a prudência (cf. COMTE, 1934:273). Em 1976 o nome foi substituído por rua Adolfo Asson (cf. Apêndice 2).

ORDEM, rua da e PROGRESSO, rua do

O lema dos positivistas, ordem e progresso, relaciona-se com a política e a ciência; aliado ao princípio moral de “viver para outrem”, fazia parte da bandeira positivista que deveria conter a fórmula sagrada: “O Amor por princípio, a Ordem por base, o Progresso por fim” (lb.:471). A denominação rua do Progresso foi substituída em 1978 por rua Serra da Sentinela (cf. Apêndice 2).

FELICIDADE, rua da e BEM, rua do

Para o espírito positivo, a felicidade é diretamente social. A busca do bem público é um modo de assegurar a felicidade privada. O exercício das tendências generosas, a prática do bem, é a principal origem da felicidade (lb.:328). A rua da Felicidade teve seu nome alterado em 1978 para rua Rio da Bagagem.

Como vimos, os ideais humanos, os animotopônimos (cf. DICK, 1992:32) escolhidos por Berthet nos mostram sua ideologia e seu cuidado em registrá-la através dos nomes das ruas de Vila Nova Savóia.

No mapa de 1922 (cf. Anexo 3), podemos verificar que a disposição dos topônimos segue uma certa ordem ou categorização do espaço denominado. As avenidas são marcadas pelos antropotopônimos (cf. DICK, 1992:32) Pasteur e Napoleão e são logradouros paralelos. As ruas que estão em posição perpendicular às avenidas são marcadas pelos animotopônimos (nomes relativos à vida psíquica e cultura espiritual, como, por exemplo: rua da Felicidade e rua da Perseverança). A rua ou travessa do Bem é o único animotopônimo que fica paralelo às avenidas, e possui a extensão de um quarteirão, entre as ruas da Ordem e do Progresso.

Numa época em que os bairros vizinhos, Vila Talarico e Vila Matilde, fizeram homenagens a parentes e amigos das famílias de seus fundadores, Berthet apresentou nas plantas de seu loteamento nomes relativos a ideais humanos e homenagens a franceses que se destacaram na história da humanidade.

PASTEUR, avenida

Homenagem ao grande cientista francês (1822-1895), conhecido por seus trabalhos sobre estereoquímica, fermentações, sobre a profilaxia da raiva e do carbúnculo, e em geral de todas as doenças contagiosas. Era também o nome do instituto em Paris onde Berthet realizou suas pesquisas sobre fermentação¹⁷.

NAPOLEÃO, avenida

Homenagem a Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador francês cujo reinado foi célebre pelas vitórias que alcançou sobre os austríacos, os russos e prussianos. Reorganizou o sistema legal francês (Código Napoleônico), a administração, a Igreja e a educação¹⁸.

2.2.5. O nome das ruas que precederam a fundação do bairro

Há também em Vila Nova Savóia nome de logradouros que antecedem historicamente os nomes atribuídos por Jean Jules Arthaud Berthet. São denominativos de vias que ultrapassam os limites desse bairro e que, mesmo antigos, já passaram por alterações e substituições (cf. Apêndice 2). São eles:

GUAIAÚNA, estrada de

Situada no “espigão” do divisor das águas entre a bacia do rio Aricanduva e a sub-bacia do córrego Gamelinha, essa avenida é o marco de divisa entre vários bairros: Vila Nova Savóia/Vila Dalila e Vila Eutália; Vila Talarico/Jardim Maringá; Vila Matilde/Vila Eutália. Hoje é o ponto comercial mais importante do Distrito de Vila Matilde, possuindo 56 estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços, apenas no trecho de Vila Nova Savóia (cf. Apêndice 5).

Chamou-se previamente de “caminho da Guaiaúna”, ligava a Penha a Itaquera:

Existia uma gleba de terra muito grande, que ia desde a Guaiaúna até a Fazenda do Carmo, hoje Parque do Carmo em Itaquera.

Essa grande gleba de terra pertencia a D. Escolástica Melchert da Fonseca, senhora muito rica na época. (...)

Nessa imensidão de terras, antes de lotear, existia um caminho que se chamava “caminho Guaiaúna” que ligava a Penha

¹⁷ Segundo informações de sua filha Lucienne E. A. B. Zuccolotto.

¹⁸ Segundo a neta de Berthet, Maria Cristina D.A.B.N. de Souza, seu avô tinha grande admiração por Napoleão Bonaparte e possuía vários livros sobre a história desse imperador.

a Itaquera. Posteriormente o nome desse caminho mudou-se para Estrada de Guaiaúna (A HISTÓRIA, 1987:3).

Na década de 40, na antiga estrada de Guaiaúna, “só passava boiada”, segundo o morador Sr. Manuel:

O gado vinha de Jacareí... era trazido por uns portugueses do Carrão. Havia mais novinhos, bezerros; às vezes vinha gado graúdo, mas aí era gado selecionado.

No mapa que se encontra no 7.º Cartório de Registro de Imóveis, na folha n.º 48 do livro oito, consta que a “Estrada de Guaiaúna é também conhecida como “Estrada de Rodagem de São Paulo a Itaquera”. É de forma semelhante que aparece a denominação nos mapas de 1922 e 1929 (cf. Anexos 3 e 5A, com topônimos invertidos: Estrada de R. de Itaquera a São Paulo). Como estrada de Guaiaúna encontramos pela primeira vez no Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930 (cf. Anexo 6). Nessa época o termo “estrada” era utilizado para se referir às vias de ligação entre os núcleos urbanos e os subúrbios ou áreas consideradas rurais. Com a urbanização passaram à categoria de avenida. Ex.: estrada São Paulo–Rio (av. São Miguel), estrada de Itaquera (av. Itaquera), estrada de Cangaíba (av. Cangaíba).

Havia anteriormente quatro logradouros denominados Guaiaúna, que, em tupi, significa: caranguejo preto, de coloração castanha, também conhecido por caranguejo de água-doce ou caranguejo-do-rio (de guaiá ou guajá, espécie de caranguejo e úna, preto, escuro), (cf. DRUMOND, 1978:23). O topônimo Guaiaúna hoje permanece no Distrito da Penha denominando a rua Guaiaúna e o bairro do mesmo nome.



Guaiaúna: vista parcial. “A Estação Carlos de Campos, vendo-se um dos trens suburbanos da ‘Central do Brasil’. Ao fundo, as instalações das fábricas de papel ‘Santa Tereziinha’”. Fonte: AZEVEDO (1945:94).

Em 1977, a antiga estrada de Guaiaúna passa a chamar-se rua Waldemar Carlos Pereira¹⁹ e a partir de 8/12/78 ganha status de avenida, com o mesmo nome. Waldemar Carlos Pereira foi comerciante, dono de um depósito de materiais de construção situado na avenida que hoje tem seu nome.

JOAQUIM MARRA, rua

Denominava-se Joaquim Marra um pequeno trecho do que é hoje essa rua. A parte mais longa, sua continuação, denominava-se av. Talarico. No mapa do loteamento, o trecho de Vila Nova Savóia até a Vila Talarico denominava-se av. Talarico. Segundo o Decreto-lei n.º 173, de 10/10/1942, denominam-se rua Joaquim Marra “os trechos conhecidos como av. Joaquim Marra e av. Talarico, compreendidos entre a rua D. Matilde e rua Paranhos”.

Segundo a publicação *A História de Vila Matilde* (1987:3), o Sr. Joaquim Marra era amigo da família de D. Escolástica e comprou uma gleba de mais ou menos sete alqueires a que deu o nome de Chácara 6 de Outubro, também loteada posteriormente. Localizado entre a Vila Matilde e a Vila Aricanduva o bairro Chácara 6 de Outubro pertence ao Distrito de Vila Matilde. Portanto, esses dois últimos nomes de logradouros são anteriores às denominações de Berthet e à existência do bairro Vila Nova Savóia, mas são vias importantes de acesso e ligação entre os bairros e a estação de trem de Vila Matilde, hoje desativada.

Concluindo este capítulo, podemos afirmar que com a da recuperação dos nomes originais das ruas de Vila Nova Savóia, encontramos a motivação de seu fundador para suas respectivas denominações e recuperamos fases da urbanização do bairro de zona rural com seus caminhos, estradas, para a zona urbana com suas ruas e avenidas embora a substituição de alguns nomes tenha resultado em perda de dados culturais, referenciais e da identidade local.

¹⁹Cf. Decreto n.º 14.820 de 16/12/77.

3. O cotidiano do bairro: passado e presente

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (Agnes Heller)

O que se pretende registrar aqui são as práticas sociais mais comuns do dia-a-dia, nos primeiros anos de existência do bairro e na atualidade. A reconstrução dessa memória foi feita a partir de entrevistas com os moradores antigos e os jovens. Esse método permite registrar dados referentes às diversas camadas da sociedade, por meio de histórias de vida. Segundo QUEIROZ (1994:110), a importância da história oral mostra-se por meio da "preocupação com o presente das camadas populares, que devia ser resguardado, e o sentimento de fazer justiça, dando-lhes importância idêntica à que as mais afortunadas vinham gozando através dos tempos, além de complementar uma documentação histórica que sempre fora falha".

As entrevistas realizadas com pessoas de três faixas etárias diferentes mostraram a importância de resgatar a memória de Vila Nova Savóia. Como vivemos na era da informação, "o receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam a sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois há lenta mastigação e assimilação" (BOSI, 1983:45). Esse mesmo receptor obtém informações sobre o mundo inteiro, notícias atuais e histó-

ricas, mas muitas vezes não conhece a história local, da sua cidade, do seu bairro e de seus vizinhos. Torna-se um ser globalizado, mas desenraizado, sem um referencial grupal que o reconheça como indivíduo. Passa a ser apenas um número na multidão. Como sabemos, antes do advento dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, as famílias e vizinhos tinham mais tempo para se reunir e contar suas histórias e experiências de vida. Por essa razão, nossas entrevistas revelaram que o morador mais jovem pouco sabe sobre o passado do bairro; o adulto sabe um pouco mais, pois seus pais e avós transmitiram-lhe suas experiências, vivências, contaram-lhe os episódios vividos. Os primeiros moradores foram os que mais contribuíram com informações a respeito da constituição do bairro. O mais jovem contribuiu descrevendo o cotidiano atual, mas cada faixa etária revela uma visão de mundo, perspectivas e aspirações para o futuro, como veremos neste capítulo.

Constituída de sentimento e pensamento “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983:10). Nos primórdios do bairro de Vila Nova Savóia, seus moradores passaram por diversas situações que exigiram deles criatividade, raciocínio ou mesmo paciência para enfrentá-las. Tirar água do poço, usar lampião e velas para iluminação, amassar o barro das ruas de terra ou levar um sapato a mais na bolsa para ser trocado em dias de chuva, caminhar até a estação de trem da Vila Matilde, são algumas das situações que os moradores mais antigos tiveram de enfrentar durante os primeiros anos do loteamento. Quando os filhos eram pequenos, as mulheres ficavam em casa, mas muitas chegaram a trabalhar em fábricas, tecelagens, curtumes, para auxiliar no orçamento doméstico, pagar a prestação do terreno e criar os filhos. Apesar da falta de água encanada, esgoto, luz e transporte coletivo, os moradores mais antigos revelaram sentir saudades daqueles tempos de sacrifício. Não pelas dificuldades por que passaram, mas pelo sentimento de solidariedade e amizade que existia entre os vizinhos, pela conquista da moradia própria e pelas vitórias alcançadas apesar dos desafios.

Muitos dos entrevistados se queixaram da época das chuvas, pois havia muita lama e barro, já que as ruas não eram asfaltadas.

A gente quando saía para trabalhar em dias de chuva, tínhamos que levar um calçado a mais dentro da bolsa para calçar na hora que chegasse no serviço. A caminhada era longa até a estação de trem da Vila Matilde e todas as ruas eram de terra. Quem pegava o ônibus até a Guaiaúna (rua Guaiaúna) para chegar ao centro tinha que pegar o bonde que ia até o centro pela Celso Garcia. Se tivesse enchente na rua Guaiaúna não era possível voltar do centro para o bairro ou sair de casa para chegar ao centro. (D. Rogéria)



Fotografia do bonde na avenida Celso Garcia. Fonte: AZEVEDO, 1945:95.

Para os moradores mais jovens, que já encontraram um bairro com toda a infra-estrutura, o lugar é considerado agradável. Além das amizades cultivadas pelos pais e avós, os jovens consideram Vila Nova Savóia um bairro tranquilo e aconchegante. Evidentemente, sendo parte de São Paulo, que atualmente alcança um alto índice de violência, esta já os atinge também, mas, como ainda existem laços de amizade, o fator “violência urbana” é amenizado. Há moradores que relatam seu sentimento relativo à vizinhança:

O que eu mais gosto neste bairro é que os velhos que eu encontro me conheceram garoto. E hoje eu adulto já vi muita criança nascer e crescer aqui. (Armando)

Nessa afirmação, notamos a necessidade humana de ser reconhecido como um indivíduo. Ele não é um estranho no lugar, tem um passado. Esse fato cria no morador a sensação de que, nesse pequeno espaço da metrópole, ele não é um anônimo na multidão. O reconhecimento como pessoa torna esse espaço mais aconchegante.

Nas entrevistas, observamos que a solidariedade ainda existe entre os moradores, mas já há mais individualismo, devido ao próprio ritmo da megalópole. As pessoas reconhecem que conversam menos, assistem mais à televisão, têm seu

carro próprio e já não se encontram nos transportes coletivos. Há jovens que trabalham e estudam e, por falta de tempo, diminuíram as relações de amizade com os vizinhos. Atualmente, os usuários de transporte coletivo têm mais opções: mais linhas de ônibus, metrô e lotação. O trem, durante muitos anos o único meio de transporte para os moradores de Vila Nova Savóia, hoje é pouco utilizado por eles. A maioria das pessoas trabalha no centro da cidade, ou passa por ele para chegar ao local de trabalho. Apesar da diversidade dos meios de transporte, nos horários de pico, o metrô não suporta a demanda de usuários, e a Radial Leste, o excesso de veículos. Ainda que estejam mais velozes os meios de transporte e as vias de acesso ao centro tenham melhorado, os moradores percebem o quanto ainda falta para ser feito nessa área:

O meio de transporte antigamente era difícil. Hoje continua difícil, porque aumentou a oferta de transportes, mas aumentou desproporcionalmente a população de outros bairros que fazem com que o metrô já passe por aqui lotado. Quer dizer, continuamos com a condução ruim! E a distância bairro-centro continua grande devido ao excesso de veículos. Está mais longe do que antes, principalmente no horário de pico. (Sr. Agostinho)

Segundo os moradores, a vida dos operários que moravam no bairro era bastante difícil. Eles tinham de acordar cedo e ir a pé, cortando o caminho por trilhas em terrenos baldios até chegar à estação de trem da Vila Matilde. O depoimento de D. Florisbela, antiga tecelã, revela essa dificuldade com clareza:

Eu ia trabalhar no Brás, ali na rua Gomes Cardim, na Textília, que até já fechou. Eu saía às três e meia da manhã e ia a pé até a estação e pegava o especial das quatro horas, que era mais vazio. Eu chegava cedo e ficava na porta da fábrica até dar o horário. Eu entrava às sete, saía às duas horas da tarde e chegava em casa às três da tarde.

De 1930 a 1945, as compras de alimentos eram feitas numa feira do largo São José do Belém, mais tarde na Vila Esperança. Não existem feiras livres em Vila Nova Savóia, mas nos bairros vizinhos há várias: Vila Matilde (quarta-feira e sábado), Vila Dalila (domingo), Vila Talarico (terça-feira) e Jardim Maringá (sexta-feira). Hoje, as pessoas podem ir até a av. Waldemar Carlos Pereira para fazer suas compras em supermercados, lojas, bazares, ou mesmo ir a um banco, pois a avenida possui os melhores pontos comer-

ciais (cf. Apêndice 5). Até o início dos anos 70, para os serviços bancários, os moradores dirigiam-se ao centro da cidade, Brás ou Penha. Elas usavam a expressão “Vou à cidade” referindo-se ao centro de São Paulo, apesar de o local de moradia também fazer parte da cidade.

No início, o bairro era considerado zona rural, como é possível verificar no mapa de 1922 (cf. Anexo 3). A paisagem apresentava olarias e campos de futebol de várzea ao longo do córrego Gamelinha. Os moradores tinham suas pequenas hortas e pomares nos quintais. Iam até Itaquera comprar seus porcos e leitões para engordá-los em cercados nos quintais. Os referenciais: olarias, campos de futebol, “calipal”, “Buracão do Dalila”, “Buracão do Maringá”, “Morro Vermelho”, “Mina de água”, “Bica d’água” e outros surgiram nas entrevistas como um elenco de nomes que compõem a toponímia não-oficial, a toponímia dos nomes espontâneos, criada pela comunidade em uma época que correspondia à paisagem²⁰ daquele momento. O campo de futebol, a olaria e até o “calipal” são elementos da paisagem construídos pelo homem, aproveitando os recursos naturais do local. Quando o morador menciona os “buracões”²¹, as “minas e bicas d’água”, está se referindo a fatores físicos ou aspectos geográficos do ambiente. Segundo SAPIR (1961:43), o ambiente compreende tanto os fatores físicos como os sociais e, por meio dessas denominações, é possível perceber que o ambiente atua sobre o indivíduo. Essa influência ambiental é refletida no traço coletivo. É a soma dos processos distintos de influências ambientais sobre os indivíduos. O traço coletivo está presente nas denominações, pois, de acordo com o autor, “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar na verdade como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade...” (SAPIR, 1961:45). Por isso, não só os referenciais de espaço fazem parte do cotidiano aqui narrado, mas também os referenciais de tempo individual (lembranças da vida do morador) e o tempo coletivo, marcados pelas festas, comemorações e eventos ocorridos nas ruas do bairro.

²⁰ Tendo como conceito de paisagem “tudo aquilo que a vista abarca, a visão alcançada” (SANTOS, 1991:23).

²¹ Essas depressões no terreno podem ser localizadas na folha n.º 54 do Mapa Topográfico do Município de São Paulo, executado pela empresa SARA Brasil em 1930.



“Morro Vermelho”, antes da construção das casas. Fonte: Fotografia cedida pelo fotógrafo Gonçalo A. Corrêa, 1976.

A atenção da comunidade também se volta para suas relações sociais, das quais selecionamos personagens que transitavam pelas ruas do bairro, destacados pelos moradores mais antigos.

No estudo do cotidiano, escolhemos a rua como palco da ação e da observação coletiva. Por ser um espaço público, destacaremos esse referencial como espaço de eventos comunitários e de conhecimento de seus transeuntes.

3.1. A rua e seus eventos

Através dos trajetos os moradores da cidade esquadriham seu espaço em todas as direções, costurando em um mesmo todo seus diferentes pedaços e abrindo-se ao mesmo tempo ao contato com novas experiências. (Maria Lúcia Montes)

A lógica do pedaço²², que favorece os laços pessoais e o convívio mais próximo e solidário, é evidenciada nas lembranças de eventos familiares e da vizinhança mais próxima, como as festas de casamento nos quintais e as festas juninas. A dinâmica cultural é marcada um pouco mais, quando observamos o envolvimento de um espaço mais amplo e público, como a rua, e com um número maior de habitantes, como, por exemplo, numa procissão ou num desfile cívico comemorativo com a presença da fanfarra escolar.

Nas décadas de 40 e 50, os eventos mais importantes de Vila Nova Savóia, segundo o relato de seus moradores, eram as festas juninas e as festas de casamento nos quintais das casas.

A mais famosa era a Festa de São Pedro na casa do Sr. Bernardo e D. Maria, que naquela época era feriado, até ser cancelado pelo Governo Castelo Branco. Ela fazia a festa no dia 28/06, na véspera do feriado. Primeiramente, rezavam o terço e, em seguida, começava a festa: fogueira no quintal, batata-doce, bolo, fogos... A Dona Maria, mãe do Gildo Luque, fazia a Festa de Santo Antônio. E, quando havia casamento, a festa era feita no quintal da família e com baile. (Sr. Francisco)

As festas não apropriadas pelo capital podem ser consideradas “espaços onde a população pode continuar a reafirmar a sua solidariedade comunitária (...). As atividades de cada festa e a forma como são realizadas são conhecidas por todo o seu povo como parte de seu repertório de crenças e da sua tradição” (CANCLINI, 1983:116).

Os laços de amizade eram ampliados também nos trajetos que os moradores faziam para ir à igreja ou, no início, à capela de Vila Talarico. Primeiramente, os garotos eram reunidos na capela para o catecismo. Em 1955, surgiram as associações das Filhas de Maria, para as moças, e a dos Congregados Marianos, para os rapazes. Na capela, os moradores de Vila Talarico e Vila Nova Savóia organizavam as procissões. Segundo D. Mafalda, moradora de Vila Talarico, o pessoal da comunidade fazia as procissões de Santo Antônio (padroeiro daquela paróquia), São Pedro e da Semana Santa. As procissões de Santo Antônio e São Pedro percorriam

²² Segundo MAGNANI (1984:138), “o termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. MONTES (1996:305-6) acrescenta que são características da lógica do pedaço “as relações próximas, a cumplicidade na decifração da muda linguagem dos símbolos compartilhados [e] a segurança de um universo conhecido”.

as ruas de Vila Talarico: rua Pedro Talarico, rua Paranhos, rua Joaquim Marra, rua Bento Quirino e rua Maria Veltri. O trajeto das procissões da Semana Santa era mais longo e chegava até a Vila Nova Savóia, percorrendo as seguintes ruas: rua Padre José Blasco, av. Waldemar Carlos Pereira (na época, estrada de Guaiaúna), av. Pasteur, rua da Economia e rua Pedro Talarico. Esses eram os trajetos costumeiros, mas de ano para ano poderia haver algumas mudanças.

Cada um tinha uma função: uns enfeitavam os andores, outros colaboravam na quermesse. Eu e a Lucinda enfeitávamos os andores de Santo Antônio e o de Nossa Sra. de Fátima. O Seu Monteiro é que deu essa imagem para a igreja. (Mafalda)

Muitas pessoas participavam da procissão e as que não participavam saíam às portas para vê-la passar. Era um acontecimento. Enfeitavam as crianças de anjinhos e na procissão da Semana Santa havia a representação com canto da Verônica...

Além das festas religiosas, havia também os desfiles cívicos, que começaram mais tarde, depois da construção da EEPG Dom Bernardo Rodrigues Nogueira. O desfile tradicional dessa escola era o de 7 de setembro, mas sua fanfara também era chamada a participar de festas de aniversário de bairros, inaugurações de escolas e praças. Sr. Pedro Caetano Jr., ex-diretor da escola e morador de Vila Nova Savóia, comenta os desfiles:

Sem falsa modéstia, a nossa escola se impunha com nossos desfiles e festas juninas. (Sr. Pedro C.)



Fotografia n.º 1 – Desfile realizado em 7 de setembro pela escola “D. Bernardo”

Fotografia n.º 2 – Entrega de troféu ao diretor pela participação da escola no desfile

Fonte: Fotografia cedida pelo entrevistado, Sr. Pedro C., 1966.

Com suas 16 salas de aula, o “Dom Bernardo”, como era conhecida a escola, atendia, no curso de 1.º grau, a maioria dos alunos de Vila Nova Savóia. Para organizar os desfiles e as festas juninas, a escola contava com a colaboração de pais e professores que atuavam em sua APM (Associação de Pais e Mestres).

Nos bairros periféricos, que pouca atenção recebiam dos poderes públicos, a escola pública era um dos poucos equipamentos sociais existentes. Assim como as Associações Amigos de Bairro, as Associações de Pais e Mestres constituíam um espaço de participação da comunidade local, onde os pais e professores discutiam e programavam atividades cívicas e culturais. A escola era um dos poucos espaços públicos que conseguiam estabelecer uma relação associativa com a comunidade.



Reunião de pais e mestres realizada na escola “D. Bernardo”. Fonte: Fotografia cedida pelo entrevistado Sr. Agostinho, 1967.

Segundo MAGNANI (1984:140),

essa malha de relações assegura aquele mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano.

3.2. A rua e seus personagens

O que o indivíduo precisa não é um pedaço de chão, mas de um lugar – um contexto no qual possa expandir-se e vir a ser ele próprio. (August Heckscher)

Neste capítulo, identificamos algumas pessoas que se tornaram conhecidas dos moradores de Vila Nova Savóia por transitar constantemente pelas ruas do bairro, e que permaneceram na lembrança dos moradores por serem pessoas com personalidades ou funções sociais diferenciadas. Segundo ROBINSON (1977:114), “uma das funções da linguagem é a de definir relações entre os papéis. ‘Papel’ (...) refere-se ao conjunto de comportamentos prescritos para (ou esperáveis de) uma pessoa que ocupe certa posição na estrutura social”.

De acordo com os papéis sociais desempenhados pelo elemento humano, categorizamos três tipos de personagens no cenário as ruas de Vila Nova Savóia e adjacências: 1) aqueles de caráter utilitário, que praticavam o comércio ambulante: o turco que vendia roupas, o entregador de pão e leite, o pasteleiro, o batateiro, o peixeiro...; 2) o educador, catequista, que passava pelas ruas arrebanhando as crianças para lhes dar formação religiosa; 3) aqueles que fugiam aos padrões de comportamento considerados normais: bêbados, loucos, andarilhos.

Várias questões surgem em torno do termo personagem (cf. BRAIT, 1990). Principalmente em âmbito literário, é muito comum a confusão entre personagem (ser ficcional) e pessoa (ser vivo). No Novo dicionário básico da língua portuguesa (FERREIRA, 1995:500), encontramos as seguintes definições para personagem:

S. f. e m. 1. Pessoa notável, eminente, importante; personalidade, pessoa. 2. Cada um dos papéis que figuram numa peça teatral ou filme e que devem ser encarnados por um ator ou atriz. 3. P. ext. Cada uma das pessoas que figuram em uma narrativa, poema ou acontecimento. 4. P. ext. Ser humano representado na obra de arte.

A primeira definição que o autor nos dá é bem ampla e tem como sinônimo “personalidade, pessoa” – como tal, poderia abranger todos os moradores. As pessoas destacadas como personagens nestes trabalhos são aquelas que apareceram em narrações orais durante as entrevistas. Nesse momento, as histórias de vida foram narradas sob o ponto de vista do lugar. Desses fragmentos, captamos a história do bairro Vila Nova Savóia e procuramos destacar as pessoas que figuraram em narrações e acontecimentos da vida real.

Tendo o bairro e suas ruas como cenário, levantamos, junto aos moradores, nomes, apelidos e descrições de pessoas/personagens que atuaram nesse espaço. Descreveremos aqui as pessoas mais populares, identificadas pelos entrevistados como parte da memória coletiva. Um dos primeiros teóricos que propuseram a existência de uma memória coletiva foi HALBWACHS. Para ele, a memória humana abriga inúmeros conjuntos de recordações, cada um dos quais compartilhado por um grupo de pessoas que experimentou a vivência comum dos acontecimentos rememorados. HALBWACHS abriu caminho para análises interdisciplinares da psicologia social (cf. HALBWACHS, 1990:184).

Em Vila Nova Savóia, os “tipos populares” tornaram-se conhecidos por uma relação social baseada na solidariedade e não em uma hierarquia, como poderemos observar nas descrições seguintes:

a) Personagens de caráter utilitário

Eram aqueles que ofereciam seu trabalho e sua mercadoria pelas ruas. Ajudavam os moradores, trazendo-lhes produtos e serviços à porta de suas casas, e com isso ganhavam seu sustento. A maioria deles era conhecida da população pela atividade que desempenhava: peixeiro, batateiro, bananeiro, pasteleiro, guarda-chuveiro (aquele que consertava guarda-chuvas), padeiro (na verdade, entregador de pão e leite), o “turco” que vendia roupas, vendedores de churros, quebra-queixo, algodão-doce, biju, etc. Cada um deles tinha sua forma de chamar a atenção dos moradores. Os que vendiam doce tocavam uma buzina ou matraca para anunciar às crianças sua presença na rua. Outros, como lembra o Sr. Francisco, criavam rimas para vender seu produto:

Olha o biscoito mineiro por um cruzeiro! Olha só que beleza,
dona Teresa...

Conseguimos descobrir o nome de alguns desses personagens até entrevistá-los em alguns casos; outros foram descritos pelos moradores, como é o caso do turco:

Tinha um turco que passava na porta, mas eu não comprava dele. Ele atentava muito. Chegava até a largar peças de roupa no muro e dizia ‘A senhora vai ficar, vai ficar!’ Aí eu tinha que trazer para dentro senão os outros roubariam a mercadoria. Mas quando ele voltava eu devolvia tudo, porque era desaforo! (Florisbela)

Outros gostavam da comodidade oferecida pelo “turco” e compravam peças de enxoval, pagando à prestação. Como os moradores não conheciam o nome do personagem, não sabemos se só havia um turco ou mais de um que passava nessas ruas.

O primeiro pasteleiro ambulante do bairro, segundo a informação do Sr. Armando, foi o Sr. Eugênio Roncarati:

Ele tinha um carrinho de madeira, parecido com o da Família Adams. Ele andava com o carrinho pelas ruas e vendia pastéis nas feiras de domingo, terça e quarta-feira. A molecada gostava de pegar carona no carrinho dele na descida...



Sr. Eugênio, o primeiro pasteleiro ambulante do bairro. Fonte: Fotografia cedida pelo Sr. Eugênio, aprox. 1950.

Outro personagem identificado pelos moradores foi o “Baixinho”, o barbeiro Sr. Cláudio, que realizava seu trabalho em domicílio. Sua alcunha revelava a descrição de seu físico: de pequena estatura. Mas alguns o chamavam de Sr. “Cláudio Barbeiro”. Ele andava com uma maleta de madeira onde carregava seus instrumentos de trabalho (tesoura, pente, navalha).

Grande parte dos ambulantes andava de carroça: João Batateiro, Celito, o peixeiro, João Bananeiro e o padeiro, cujo nome – Sr. Osvaldo – descobrimos quando o entrevistamos.

Depois de vender minha quitanda, eu comprei uma carroça e um cavalo e aí comecei a vender pão. Trabalhei 20 anos com isso. Levantava às 4 da manhã, era chuva, era frio, era sol... Eu ia até a Pedreira de Itaquera vendendo pão. Naquele tempo, há 40 anos atrás, não tinha padaria em quase lugar nenhum. Então eu vendia bem. Eu pegava o pão na padaria Santa Izildinha e depois no Seu Jorge. O pão dele era bom.

Sua esposa complementa:

Ele vendia nas casas. Ele enchia a carroça de tudo quanto era tipo de pão.

Essa carroça tinha de tudo: buzina, lanterna dos lados, no páralama traseiro, na capota. Eu vendia um cavalo bom e pegava um que estava quase morrendo, para tratar. Era milho, alfafa, dava banho todos os dias com sabão de coco. Depois de um mês ele já estava recuperado.



Sr. Osvaldo entregando pão e leite em sua carroça. Fonte: Fotografia cedida pelo entrevistado, Sr. Osvaldo, aprox. 1967.

Os usuários do serviço do entregador de pão e leite, conhecido como o “pai-deiro”, têm boas recordações dessa época:

...E lembro aqui quando passava aquele sujeito vendendo pão na carrocinha e aquele leite de vidro, que tinha aquela tampa de alumínio, que a gente ficava lambendo aquela tampa que era uma delícia! (José)

Outro personagem cuja história de vida se confunde com a história da formação do próprio bairro e da cidade de São Paulo, devido à imigração, é o vendedor de biju, Sr. Fernando:

Vim da Espanha, Província de Cádiz com 4 anos. Lá, meus pais esperaram uma carta de chamada, porque meus parentes já estavam aqui no Brasil, trabalhando na roça. E a gente foi para Ribeirão Preto e meus irmãos maiores trabalharam na roça. Quando vim para São Paulo, já estava com 15 anos. Antes de morar aqui, morei na Vila Bertiooga. Em Vila Nova Savóia vai fazer 50 anos em setembro, porque nós vamos fazer 50 anos de casado. Eu já vim casado para cá. Fiz um cômodo e cozinha e devagarinho fomos construindo. Atualmente sou aposentado, mas eu trabalhava na fábrica de açúcar União, que era na Borges Figueiredo. Quando eu vim para cá, no interior não tinha escola, então aqui eu estudei até a 3.^a série e depois parei. Não dava mais tempo. Trabalhei dia e noite para criar meus 9 filhos.

Da Espanha para cá, meus avós custearam a nossa viagem. Meu pai ficou viúvo, pois minha mãe faleceu na Fazenda Santa Maria em Ribeirão Preto. Nas redondezas, a gente ia mudando de fazenda em fazenda, para ver se melhorava a situação. Por último, nós viemos para uma fazenda que se chamava Guataparé e viemos para São Paulo. Na Vila Bertiooga, nós morávamos de aluguel. Depois eu comprei aqui. Quando eu vim em 1947, quem loteou foi o Luisinho (filho do falecido J. J. Arthaud Berthet). Eu cheguei aqui, naquela época era tudo mato, então eu vi o anúncio no jornal e vim aqui. Este Luisinho Berthet estava aqui todos os domingos, mas ele morava no Beco dos Aflitos. Olhei o jornal e passei o dia todo aqui. Eu ia escolher um terreno aí embaixo, onde tinha uma mina, porque achei que me livraria de fazer um poço. Mas aí eu pensei: “Diacho! Se está na época de seca e aqui está cheio d’água, quando vier a chuva ficará encharcado.” Conversei com o Luisinho, escolhi este lote e fiquei pagando aquelas prestações durante 10 anos.

Nessa época, eles já não davam mais os tijolos, mas eu fiz um cômodo e cozinha com forro de lona. Eu trabalhava na São Paulo Alpargatas e tinha a chance de comprar um encerado. Como as telhas respingavam, eu cobri com lona. Esse começo foi duro. Para criar 9 filhos e não deixar faltar nada para eles, eu e ela (referindo-se à esposa) trabalhávamos dia e noite. A esposa fazia o biju para eu vender. Só o salário da firma não dava para construir.

Dia de domingo e de sábado eu vendia biju. Eu chegava a levar aquelas latas de biju na firma e, assim que saía do serviço, eu ia vendê-las. Com o biju, trabalhamos direto 7 anos. Depois, nas horas vagas, a gente ia vender esse tal de biju nos campos de futebol e nas ruas. Eu tenho as formas até hoje de relíquia.

b) Personagens de caráter educacional

O Sr. Arlindo, o catequista, foi lembrado pelos antigos moradores do bairro, porque todos os domingos, na década de 40, ele passava pelas ruas tocando um pequeno sino, para lembrar aos garotos que era hora de catecismo. E a criançada, meninos e meninas, ia seguindo o Sr. Arlindo, que vinha andando de sua casa, na rua Elisa de Carvalho na Vila Matilde, até a capela de Santo Antônio de Vila Talarico, onde ministrava suas aulas de catecismo. Essa capela não tinha pároco. Uma vez por mês, vinha o padre Constantino, da Vila Esperança, para rezar a missa. Nesses tempos de difícil acesso à comunidade religiosa, a importância do Sr. Arlindo foi grande, ao possibilitar que as crianças católicas tivessem a preparação para primeira comunhão. Para motivar as crianças, ele trazia filmes de Carlitos, do Gordo e o Magro e também, após o catecismo, permitia que os meninos jogassem futebol no campinho atrás da igreja. Segundo informações do Sr. Francisco, “ele era uma pessoa muito bondosa e tinha uma psicologia boa para cativar as crianças e resolver suas intrigas pessoais”.

No início do bairro, não havia escolas nas redondezas. As mais próximas eram o colégio particular São José de Vila Matilde, e a escola pública Grupo Escolar João Theodoro, ambas localizadas próximas à estação de trem de Vila Matilde. Os filhos dos primeiros moradores estudaram com professoras particulares. As mais conhecidas eram D. Alzira Chalub Fonseca, que morava na antiga rua da Perseverança, e D. Luíza de Lima Paiva, que morava na rua Pedro Talarico, em Vila Talarico.

Segundo dados obtidos nas entrevistas, D. Alzira organizou em sua própria casa uma sala de aula, com lousa e algumas carteiras, que não chegavam a dez, e assim alfabetizou muitos moradores, que ao ingressar numa escola oficial já estavam bem preparados. D. Hilda assim lembrou a professora D. Alzira:

A primeira escola que tinha aqui era a de D. Alzira. A minha filha estudou lá. Eu pagava 5 mil réis. Ela morreu com quase 100 anos. Ela usava óculos escuros.

Outra professora muito conhecida entre os moradores de Vila Nova Savóia e Vila Talarico era Luíza de Lima Paiva, famosa no bairro por construir sua casa em forma de castelo²³. Segundo D. Ana, nossa entrevistada de Vila Talarico, D. Luíza era solteira. Muito enérgica e drástica, colocava freqüentemente os alunos de castigo. Não cobrava suas aulas, mas pedia a doação de materiais para os alunos ao Sr. João, dono de um armazém.

Dona Luíza era uma pessoa um pouco estranha. Ela mandou construir o castelo do seu jeito e quando meu pai perguntou o motivo do castelo ser todo redondo ela respondeu: “Porque dizem que o diabo se esconde nos cantos, então eu não quero canto na minha casa.” E quando eu tinha uns 17 anos, já diziam que o castelo era mal-assombrado. Um dia, eu tive que ir até lá porque ela estava doente. Quando eu entrei no quarto dela, em volta da cama tinha umas lampadzinhas coloridas muito esquisitas...



Castelo, já demolido, que pertenceu à Prof^a. Luíza. Fonte: Fotografia do arquivo da autora, 1997.

²³ Esse castelo é citado como referência arquitetônica no livro Cadastro de referências urbanas da Zona Leste, publicado em São Paulo pela PMSP – Secretaria Municipal do Planejamento – SEM-PLA, 1985:51. Consta como “Castelo Talarico” e como endereço rua Pedro Talarico. Apesar de em 1985 ser considerado uma referência arquitetônica, em 1999 foi demolido.

Essa personagem, por seu estilo de vida que se diferenciava dos padrões dos moradores do bairro (construir a casa em forma de castelo, morar sozinha, ser enérgica, etc.), alimentava o imaginário dos moradores com histórias: que o castelo era mal-assombrado, que lá havia morcegos, etc.

As duas professoras colaboraram de forma espontânea com a formação educacional dos moradores de Vila Nova Savóia e Vila Talarico, num período em que as escolas públicas eram raras na periferia da cidade. Pelo pioneirismo dessa ação educacional, permaneceram na memória dos antigos moradores.

c) A convivência com os personagens considerados “estranhos”

Em toda sociedade, encontramos andarilhos, bêbados, “loucos”, pessoas que amedrontam as crianças, enfim, personagens que fogem dos padrões de comportamento considerados normais. Em Vila Nova Savóia, levantamos quatro nomes que ficaram na memória dos moradores: Spiro, Ana Gorda, Velhinha do Matão e Bororó.

Spiro era um imigrante iugoslavo que passou a beber muito. Foi abandonado pela mulher e tinha algumas idéias fixas. Dizia que queria ser prefeito de Andradina. Quando bêbado, suas conversas iam longe. Andava pelas ruas, carpia os terrenos baldios para ganhar “uns trocados” e vivia pedindo comida aos vizinhos.

O Spiro tinha umas idéias fixas... Ele queria comprar um terreno por “três bi” e ao mesmo tempo “serrava” comida na casa dos vizinhos. Ele só usava terno. Seus bares preferidos eram o do Sr. Joel e do Sr. Manuel. (Márcia)

Ana Gorda andava pelas ruas nas décadas de 60/70 e instalava-se nas calçadas, onde dormia. Como a própria alcunha diz, era uma senhora obesa; vestia-se com roupas coloridas, parecia cigana e gostava de usar batons de tonalidades fortes. Andava sempre suja, mas não se esquecia do batom nos lábios. Algumas crianças sentiam medo dela, devido a seus hábitos estranhos, e outras tinham pena, e pediam para suas mães lhe fazerem um prato de comida.

A Ana Gorda era uma pessoa andarilha, que se instalava pelas ruas do bairro; havia épocas que ela sumia, depois voltava. Lembro-me de quando ela estava dormindo na porta do cinema... (Sr. Pedro M.)

A mulher que as crianças da década de 40 chamavam de “Velhinha do Matão” tinha parentesco com o loteador. Morava sozinha em uma casa na esquina da av. Pasteur com a rua da Felicidade.

A Velhinha do Matão tinha dois cachorros, e, quando ela saía, andava com esses cachorros. As crianças tinham medo dela. (Sr. Daniel)

Bororó era um andarilho que vivia bêbado e se alojava em uma olaria da região. Segundo alguns moradores, ele morreu queimado no forno dessa olaria enquanto dormia. As crianças também sentiam receio de se aproximar dele, devido a sua aparência e comportamento fora dos padrões considerados normais.

O estudo onomástico dos antropônimos citados, que denominavam esses personagens, revela o uso de alcunhas²⁴ seguindo ou não o prenome. No caso de “Ana Gorda” e “Baixinho”, temos a descrição das características físicas das pessoas. Já em “Velhinha do Matão”, temos a descrição física e do lugar onde a senhora idosa morava, feita pelas crianças da época. Em relação ao João Bananeiro e João Batateiro, temos o mesmo prenome diferenciado por um segundo nome, na verdade uma alcunha, que identifica seu trabalho ou função social: um vendia bananas e o outro, batatas. Nos outros casos, com exceção do Sr. Arlindo e do Spiro, não conhecendo os nomes das pessoas, os moradores os denominavam apenas pela alcunha: “Turco”, “Pasteleiro”, “Padeiro”, sendo que o primeiro revela a etnia e os outros dois, o papel social.

Esses antropônimos mostram a forma de organização social do bairro, a carência de estabelecimentos comerciais, a presença dos ambulantes, que ocupavam as ruas fazendo seus trajetos, para ganhar seu sustento. Segundo BENVENISTE (1989:100), “o vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social”.

Como podemos observar, a presença de vendedores ambulantes, conhecidos pelos moradores por suas alcunhas, denominações espontâneas, baseadas em suas profissões, é característica de uma fase do desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo. Lentamente, o número desses personagens foi diminuindo nos locais onde aumentou a verticalização das moradias e surgiram grandes supermercados e shopping centers.

Atualmente ainda é possível encontrar alguns vendedores ambulantes nas ruas de Vila Nova Savóia, que, apesar do recente início de verticalização, mantém ainda a maioria de suas residências horizontalizadas (casas térreas e sobrados), o que facilita o acesso desses vendedores ao consumidor. A foto do vendedor de algodão-doce é um exemplo desse fato.

²⁴ Na linguagem popular, usaríamos o termo “apelido”, mas, segundo GUERIOS (1973), o termo correto que designa um nome bom ou mau dado a alguém em vista de uma qualidade moral ou de certa particularidade de sua vida, como, por exemplo, sua profissão, é “alcunha”. Há casos em que as alcunhas acabam incorporando o sobrenome da pessoa (lb:38). No estudo onomástico, “apelido” é um sobrenome genealógico, comum na família toda (lb:37), daí nossa opção pelo termo alcunha. Mesmo não sendo o caso dos nomes citados, por meio de um estudo etimológico dos antropônimos, podemos perceber que uma de suas motivações pode ser relativa a profissões, como, por exemplo: Cícero (Lat.: plantador de ervilhas), Taylor e Schneider (alfaiate em inglês e alemão) lb:25.



Vendedor ambulante de algodão-doce na rua da Economia, com uma buzina na cintura para chamar a atenção das crianças. Fonte: Fotografia do arquivo da autora, 1999.

3.3. Lazer e cultura

Do latim *licere*, ser permitido, o significado da palavra lazer remete-nos ao tempo livre, à liberdade de escolha, e contrapõe-se às pressões do mundo do trabalho, da obrigação.

A cultura, por sua vez, é algo mais difícil de definir. Segundo FERREIRA (1995:191), cultura “é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”. Antônio Gramsci estuda a questão, contrapondo a cultura erudita (transmitida pela escola e pelas instituições) à popular, “criada pelo povo, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais” (BOSI, 1986:63-4). Na cultura popular enquadram-se as brincadeiras, cantigas de roda, anedotas, danças e festas folclóricas, etc.

Em oposição à cultura popular, temos também a cultura de massas, amplamente difundida no século XX: jornais, rádio, cinema e televisão. É uma cultura organizada por empresários da indústria do lazer e entretenimento, estruturada para atingir um público-massa e obtenção de lucros (Ib.:73). Neste capítulo, trataremos de cultura e lazer, pois muitas vezes utilizamos o tempo livre com atividades culturais.

Segundo MEDEIROS (1971:127), o filósofo Aristóteles preocupava-se com que tipo de atividade o homem ocuparia suas horas de lazer. A autora nos mostra que “para escapular ao enfado do cotidiano, as pessoas buscam, então, alguma mudança, que pode ser: de lugar (como nas viagens e excursões), de ritmo (como nos jogos e esportes), ou mesmo de estilo de vida (como na arte)”. Ela defende a importância do lazer no planejamento urbano, devendo-se levar em conta áreas livres, arborizadas, o atendimento de um maior número de pessoas de acordo com a faixa etária, garantia de segurança aos usuários e facilidade de acesso.

Nas sociedades pré-capitalistas, o lazer e a festa são partes intrínsecas da existência humana. Nelas, há o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho, quando se desenvolvem atividades religiosas e profanas. Com o capitalismo e a aceleração da urbanização, o capital foi se apropriando também dessas atividades. No século XX, procurou-se prever, no planejamento urbano, a destinação de áreas públicas para o lazer. Apesar da existência de leis nesse sentido, em São Paulo, com a valorização do preço da terra urbana, muitos loteamentos deixaram de destinar áreas públicas para esse fim, ou, quando o faziam, escolhiam os piores lugares, às vezes em terrenos bem acidentados, como é o caso do

“Buracão” do J. Maringá, onde hoje existe o CDM Unileste (Centro Desportivo Municipal).

Esse quadro de poucos espaços públicos para lazer e cultura é característico da Zona Leste. Apesar de ser a região mais populosa de São Paulo, com cerca de 3,5 milhões²⁵ de habitantes, e contribuir com uma parcela significativa de impostos, ela pouco tem retorno em termos de equipamentos públicos, principalmente na área de lazer e cultura. Uma reportagem de 1975 já denunciava essa situação:

Na área de lazer, embora possua um acervo enorme de áreas verdes, e vazias, a Zona Leste pouco ou nada possui de equipamentos, pois o que é público não é tratado, e o verde existente é quase sempre de particulares, em áreas à espera de valorização. (PEREIRA, 1975)

Na época em que foi realizada essa reportagem, a ocupação das terras estava começando a se expandir, pois, de 1930 a 1960, o processo foi bem lento e a população ocupava os espaços vazios espontaneamente para seu divertimento: jogar futebol, caçar passarinho no mato, nadar e pescar no rio, fazer piqueniques em terrenos baldios, etc. Com o intenso processo de urbanização, essas áreas foram ocupadas.

Como verificamos, em Vila Nova Savóia, até hoje os moradores não têm áreas públicas para seu lazer, restando então as ruas, que, apesar de movimentadas, são utilizadas pelas crianças e jovens, principalmente nos finais de semana, como local de recreação.

A questão cultural sempre se manifestou como um grande anseio da população de Vila Nova Savóia. Essa afirmação é evidenciada pelo esforço dos primeiros moradores, a maioria de classe operária, para oferecer aos filhos formação. Esse fato é demonstrado na pesquisa do nível de escolaridade dos entrevistados da faixa etária I para a II, em que o nível de escolaridade aumenta da 4.ª série do 1.º grau para o nível superior completo. Esses dados revelam a importância do investimento familiar na área educacional e cultural²⁶.

²⁵ No Censo Demográfico de 1991 realizado pelo IBGE, a Zona Leste possuía 3.409.562 habitantes.

²⁶ Sobre a questão cultural na classe operária, ver BOSI, 1986.

3.3.1 O espaço das crianças e suas brincadeiras

As casas, os caminhos, as cidades são espaços da criança que transcendem as suas dimensões físicas e se transformam nos entes e locais de alegria, de medo, de segurança, de curiosidade, de descoberta. (Mayumi S. Lima)

A infância é a fase da vida em que o ser humano mais pode aproveitar o lazer, devido ao tempo livre, à falta de preocupações. A principal obrigação da criança em idade escolar é freqüentar a escola e realizar as tarefas solicitadas pelos professores, além de pequenas tarefas domésticas. Segundo LIMA (1989:13), “é num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e, ao fazê-lo, esse espaço material se qualifica. Ele deixa de ser apenas um material construído ou organizado para se embeber da atmosfera que as relações ajudam a estabelecer”. As relações que a criança estabelece com o lugar fundem-se com suas primeiras sensações. É no ambiente que ela adquire a noção de distância, exercitando seu corpo, caminhando e correndo.

As ruas de Vila Nova Savóia e seus arredores são apenas o pano de fundo sobre o qual as sensações se revelam e ficam retidas na memória, mesmo quando seus habitantes deixam de ser crianças. Essa fase da vida dos moradores é lembrada com carinho; eles revelam suas experiências e descobertas no bairro, durante e após o período de sua formação.

Sr. Francisco, um dos primeiros moradores desse bairro, descreve suas experiências de infância e adolescência. Ele chegou ao bairro em 1939, com 7 anos de idade:

Quando chegava à noitinha, meu irmão Lucas gostava de brincar de “Boa-noite”. As irmãs ficavam sentadas no banquinho junto ao portão, o irmão saía para a rua e passava várias vezes na frente da casa, como se não fosse da família, para dar “Boa noite”. Como a rua era deserta, havia poucos moradores, as crianças inventavam seus personagens (para dar movimento à monotonia). A brincadeira principal era o bate-bola (futebol), que era jogado no campinho, ali onde era a casa do Raimundo; depois o outro era ali onde brotava água, na rua do Trabalho, depois ali na Napoleão no terreno onde o Sr. Ronaldo construiu a casa entre o Oscar e a casa do Sr. Ronaldo era um outro “racha” bom. A minha mãe orientava para não beber

água daquelas nascentes devido ao gado que era guardado ali. Ela também não deixava nós andarmos nas valetas, na água da enxurrada, pois tinha medo que seus filhos ficassem doentes. Nós íamos também caçar passarinho, dando a volta atrás das cocheiras, onde havia papa-capim. Íamos ao Gamelinha preparar um visgo, tirado do tronco de uma árvore, para pegar papa-capim ou coleirinha, biquinho de lacre e tipiu, que era um passarinho de peito amarelo que voava alto, depois dávamos um mergulho. Havia também rolinhas, João-de-Barro. No rio Gamelinha, a molecada ia nadar, mas quando chovia muito e aumentava o volume d'água do rio era muito perigoso. Quando chovia, vinha água lá da cabeceira do rio, lá das olarias e ele transbordava. Mas para nadar e pescar, os meninos represavam a água do rio, para dar uma profundidade adequada. Havia peixes como: lambari, cará, cascudo, traíra. Nas lagoas também caçava-se rãs.

Mesmo a segunda geração de moradores que viveram sua infância no bairro e seus arredores tem experiências que repousam em sua memória e dão significado a esse espaço:

A vida antes das melhorias era muito sacrificada, porém era muito divertida. Tinha barro, tinha mato, tinha lugar para você correr, para você brincar... Porque a criança só pensa em brincadeira, não é?

A gente descia no Gamelinha, atravessávamos o rio e íamos lá em cima aonde tinha aquele morro, que hoje tem aquelas casas bonitas (referindo-se ao Morro Vermelho no Jd. Assunção). A gente ia caçar preá lá no morro. O professor de Educação Física do "JOPEQUE" [escola estadual de 2.º grau] levava a gente no campo do Atlântico. A gente jogava bola nos campos de várzea. Lá no morro não tinha nada. A gente tomava banho no Gamelinha... Ao brincar de polícia e ladrão, a gente sumia...

A criançada brincava mais nos campinhos de terrenos baldios. Nos campos de várzea a coisa era mais organizada. E nos campinhos a criançada fazia seus treinos para se mostrarem e serem aproveitadas para os times de várzea.

Hoje a criançada tem que brincar nas ruas asfaltadas e nas escolas, e os adultos, se quiserem jogar bola, pagam aluguel de quadras esportivas. (José)

Percebemos, nas falas que recordam a infância, que a descrição do espaço das brincadeiras se sobrepõe às sensações de alegria, aventura e segurança que esse espaço proporcionou à formação das crianças. Segundo LIMA, “o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança, existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços da liberdade ou da opressão” (LIMA, 1989:30). Esses significados do espaço infantil vão sendo confirmados em nossas entrevistas:

A rua foi importante no aspecto da formação das pessoas. Tínhamos aqui um clima de família que possibilitava muitas brincadeiras e nos deixou saudades. Brincávamos de amarelinha, bola, teatro no quintal das casas. Fazíamos bolinho de terra e comíamos com almeirão que nascia no cantinho da parede. Tinha guerra de mamona, nas noites de verão pegávamos siriri. Tínhamos problemas quando a bola caía na casa do Sr. Garcia... (Soraia)

Quando os filhos eram menores, as mães também os levavam aos domingos para passear no “Morrão” ou “Morro Vermelho”, segundo D. Nilce, esposa do Sr. Agostinho, nosso entrevistado. Enquanto os homens jogavam futebol, as mulheres passeavam no morro com as crianças. As mulheres encontravam-se e ficavam catando jurubeba²⁷. Mas, segundo ela, tudo isso acontecia antes de adquirirem a televisão.

Um momento de transição da paisagem do bairro ocorreu por volta de 1967/69, quando as ruas foram asfaltadas. Para as crianças e adolescentes da época, esse foi um momento de muita diversão:

Eu não me lembro a data exata do asfaltamento da rua (referindo-se à rua da Economia), mas eu me lembro como foi. Era uma festa para a criançada, porque aqui era pura lama, puro barro e a gente não acreditava que aquele ‘negócio’ viria para cá. E de repente, começaram a aparecer os caminhões... Acho que eu tinha uns 13 anos... (José)

²⁷ “Arbusto de propriedades medicinais, de fruto comestível, [ou também] o fruto desse arbusto” (ROCHA, 1996:361).



Rua da Economia antes do asfaltamento. Fonte: Fotografia cedida pelo entrevistado Francisco, 1966.

Fábio, outro entrevistado, lembrou o que sua mãe lhe contou sobre as transformações do espaço físico da rua, que era aproveitado para as brincadeiras:

Minha mãe me contou que antes de asfaltar a rua, quando apareceram as tubulações para esgoto e águas pluviais, ela brincava dentro “daqueles canos” referindo-se às tubulações de concreto.

Pelo que observamos na coleta de informações, com o aumento da população, quase não existem mais espaços vazios. O espaço de lazer que sobrou para a terceira geração entrevistada (os adolescentes) foram as ruas asfaltadas. Mesmo assim, eles conseguiram brincar bastante, como é possível perceber na fala de Fábio, lembrando sua infância:

É muito legal morar aqui, porque o pessoal é muito amigo. A gente brincava de tudo que a molecada brinca: bolinha de gude, pião, empinar pipa, jogar bola, mãe da rua, mãe da mula, rouba-bandeira, taco, de tudo que eu sempre brinquei.

Para os mais idosos, que já não suportam tanto movimento e barulho, as pipaseas das bolas da molecada acabam incomodando. Demonstrando muita paciência com relação às crianças, o Sr. Fernando comentou:

Alguns moradores resolveram mudar daqui (referindo-se à rua Gregório Sousa) porque a molecada jogava bola na casa deles. Além disso, quando tem essa tal de pipa, faz até morrer gente. Quando eles começam a querer as pipas, muita gente fala: “Ah! Essa molecada enche!” Mas aí acaba as férias e vai diminuindo... Mas os fios ficam superlotados de pipas e rabiolas...

Júlio, um jovem morador da mesma rua, relata que tinham problemas com as bolas que caíam na casa da D. Joana, porque ela furava todas.

Em 1986, essa rua parecia com uma rua de lazer. Tanto os meninos quanto as meninas jogavam futebol, amarelinha, volei, “gol a gol”, e até “guerra de chuva” com baldes d’água em dias de chuva de verão. Mas o perigo para as bolas era a Dona Joana, que furava todas que caíssem em sua casa.

Portanto, essas lembranças da infância demarcam o espaço da rua como espaço de liberdade, de aventuras e brincadeiras, e espaço de opres-

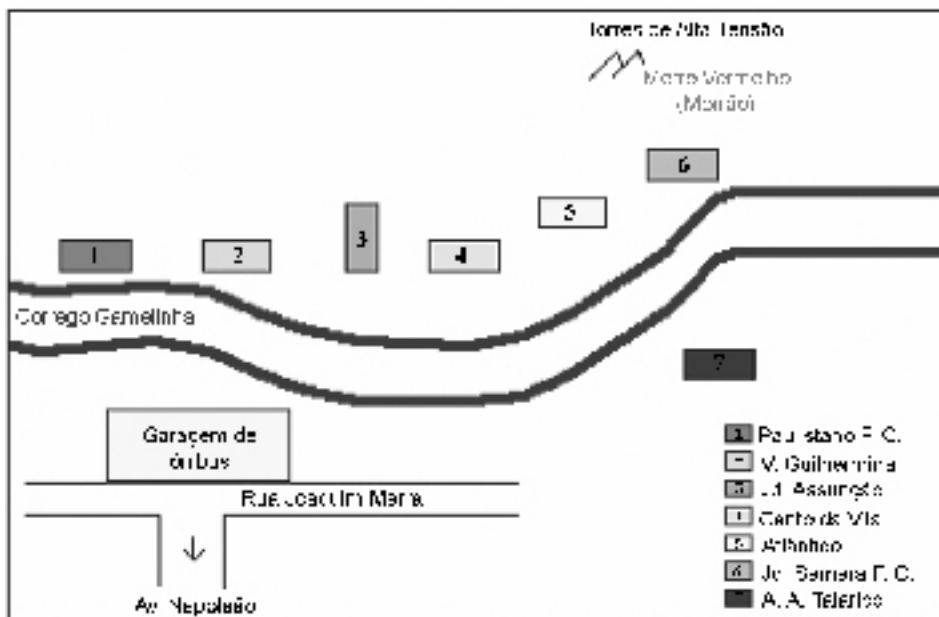
são, quando uma criança vê sua bola furada. Mas é também a partir dessas experiências, que ela começa a entender seus limites. Enfim, é brincando que elas começam a vivenciar as regras do jogo da vida, e suas relações de poder. Hoje, como o automóvel ocupa mais intensamente as vias públicas, esse espaço de lazer está cada vez mais restrito. Ainda assim, em Vila Nova Savóia, nos finais de semana e feriados, jovens e crianças aproveitaram o espaço de suas ruas para jogar voleibol, futebol, entre outros (cf. Apêndice 10).

3.3.2. Os times de futebol

Na primeira metade do século XX, São Paulo sofreu grandes transformações. Os subúrbios paulistanos passaram a ser habitados principalmente por trabalhadores que deixaram de pagar o aluguel para construir sua casa própria. Nesses novos espaços, uma das formas de lazer bastante apreciadas era a prática do futebol. Segundo DECCA (1987), no final da década de 20 e início da década de 30, havia, nas vilas operárias, a presença da classe dominante, que promovia festivais de futebol e patrocinava os times para, dessa forma, controlar o lazer do operariado.

Em Vila Nova Savóia e Vila Talarico, porém, os operários residiam distante de seu trabalho nas fábricas. E os campos foram surgindo espontaneamente às margens do córrego Gamelinha, área onde, devido às enchentes, dificilmente casas seriam construídas. Havia vários campos, mas os principais eram o do Grêmio Recreativo Atlântico Progressista e da Associação Atlética Talarico. Em quase todas as nossas entrevistas com os moradores mais antigos, o futebol de várzea foi bastante lembrado. Muitas vezes não era necessário pertencer aos times, os rapazes combinavam jogos entre os amigos. A disputa mais tradicional era a dos “casados versus solteiros”.

Um de nossos entrevistados, o Sr. Armando, elaborou um mapa sobre os campos existentes até a década de 60 ao longo do córrego Gamelinha, que na época não era canalizado e mantinha seu curso com suas curvas naturais. Nesse mapa, é possível ter uma idéia de localização, quantidade e disposição dos campos de futebol que ficavam às margens do córrego Gamelinha.



Posição e localização dos campos de futebol

Os times formavam-se, mas nem todos possuíam campo próprio: jogavam nos campos de outros times como convidados. Durante a semana, enquanto jovens e adultos trabalhavam, a criançada divertia-se nesses campos de futebol de várzea.

O primeiro time de futebol criado em Vila Nova Savóia na década de 30 foi o Diamante Negro. Esse time era formado pelos proprietários de uma das “vacarias”, o Milton e o Mané, que ficava no final da av. Napoleão, segundo informações do Sr. Francisco.

O campo do Diamante Negro ficava entre a Pasteur e a rua da Ordem e a rua do Progresso, em frente à Dona Augusta, nos terrenos vazios. (Manuel)

Depois do Diamante Negro, existiu também em Vila Nova Savóia um time chamado Clube Atlético Savóia. Mas os dois maiores times da região tinham sua sede em Vila Talarico: a Associação Atlética Talarico e o Grêmio Recreativo Atlântico Progressista.

Um dado interessante levantado durante as entrevistas foi a existência de um time chamado Ordem e Progresso. O nome coincidiu com os nomes das ruas do bairro e com a filosofia positivista, mas, segundo o Sr. Francisco, um de seus organizadores,

O time surgiu de jogos da meninada de rua contra rua. Depois a primeira camisa que compramos era uma listrada de carnaval que desbotou na primeira lavada; até recebemos o apelido de jaguatirica, logo no primeiro jogo. Trabalhamos até para um vereador, William Salem, para ver se arrumávamos recursos para o time, mas não deu em nada. E depois de eleito disse que não conhecia ninguém da Vila Talarico, sendo que meses atrás ele havia dado o pontapé inicial de uma partida no festival. Depois o Antônio, popular “Sergipe”, solteirão, arrumou um carimbo com o mapa do Brasil com a faixa escrita “Ordem e Progresso F. C.”. Assim, o nome Ordem e Progresso surgiu desse carimbo de um time que talvez nem existiu. O nome coincidiu com os nomes de duas ruas denominadas por Berthet, mas não foi inspirado nas ruas do bairro.

Dessa forma, o nome do time surgiu inspirado no lema positivista inscrito na bandeira brasileira, encontrado em um carimbo pronto. Para os brasileiros, a bandeira com seu lema é um símbolo nacional, e marcante, principalmente no esporte. Mesmo inscrito no mapa do Brasil, fora de seu contexto original, o carimbo foi aproveitado.



Carimbo do time Ordem e Progresso.

Fonte: Carimbo cedido pelo entrevistado, Sr. Francisco.

O time Ordem e Progresso reunia-se e guardava seus troféus no bar do Sr. Manuel, que ficava na esquina da antiga rua da Perseverança (atualmente Adolfo Asson) com a rua Paranhos. O time Ordem e Progresso possuía uma torcida feminina:

O time Ordem e Progresso era um dos poucos times que tinha a torcida feminina, porque os irmãos levavam as irmãs para assistir: eu levava a Olga e a Norma, o Venâncio levava a Lúcia, a Cida, a Albertina e a Mazé, O Guilherme levava a irmã... levavam as mães, as primas. A dona Amélia, mãe do Raimundo, organizava a torcida feminina. Os jogadores tinham também suas fãs. Até saiu casamento: a esposa do Venâncio, a Carmem, era torcedora e filha do Sr. Henrique, dono do barzinho; o Zeca goleiro casou-se com a irmã do Venâncio, a Albertina... (Sr. Francisco)

A escalação principal do time era: 1 – Barbosa (goleiro); 2 – Zezinho, zagueiro que veio do Juventus, Zé Bazani; 3 – Guilherme; 4 – João Venâncio; 5 – Lucas; 6 – Toninho peixeiro; 7 – Tonhão (ponta-direita); 8 – Venâncio; 9 – Zeca; 10 – Leite; 11 – Armando. Segundo o Sr. Francisco, o time tinha até um hino, conhecido e cantado por sua torcida:

Eu sou do Ordem, Ordem da Vila,
Eu sou do Ordem porque é mesmo do barulho.
Eu sou do Ordem para mim é um prazer.
Eu serei do Ordem até morrer (bis)
E lá no Ordem a rapaziada é boa
Canta samba e marcha e joga o futebol.
Eu sou do Ordem para mim é um prazer,
Eu serei do Ordem até morrer (bis).

Portanto, até a construção do Cine Caboclo, na década de 50, o futebol foi praticamente o único lazer coletivo praticado sistematicamente pelos moradores de Vila Nova Savóia. Esporadicamente, chegavam ao bairro um circo, um parque de diversões. Mas como essas atividades eram itinerantes, o que permanecia como elemento agregador era a prática do futebol.

3.3.3. Os bailes

Os primeiros bailes do bairro faziam parte dos eventos sociais. Eram realizados nos quintais nas festas de casamento. Com o surgimento das associações de futebol, começaram os bailes organizados pelo Grêmio Recreativo Atlântico Progressista e a Associação Atlético Talarico. Às vezes, havia música ao vivo, executada pelos músicos do bairro. Essa prática estendeu-se às Sociedades Amigos de Bairro e a outros clubes da região.

Mais tarde os estudantes da região passaram a organizar bailes nos quintais das casas e nos pátios das escolas para arrecadar fundos para suas formaturas. Uma de nossas entrevistadas relembra esses bailes:

Realizávamos bailes pró-formatura nas casas dos colegas, alunos do São José. (Lionete)

Com a prática de organização desses bailes, os alunos e ex-alunos dos colégios foram se especializando nessa atividade – alguns chegaram a se profissionalizar nesse ramo. Além dos aparelhos de som, preocupavam-se também com a iluminação do ambiente.

Segundo informação da entrevistada Dalila, os primeiros bailes organizados pelos proprietários da antiga danceteria Toco ocorreram no quintal de sua residência, na então rua do Progresso, hoje rua Serra da Sentinela n.º 23. Considerada em uma reportagem da revista *Veja São Paulo* “a maior danceteria paulistana” (AMARO, 1990), a Toco recebia em média 4.000 pessoas por noite e tornou-se famosa na década de 80. Era um importante ponto de encontro dos jovens da Zona Leste. E tudo começou no quintal de uma casa...

Naquela época, minha mãe não estava numa situação financeira boa e aí aconteceu dos fundadores da Toco pedirem o quintal dela, que era grande, para realizar seus bailes e eles davam algum dinheiro para ela. Eles colocavam lona, luzes... era a coisa mais linda! Eles fizeram os bailes aqui em casa durante aproximadamente um ano, acho que foi em 1973. Depois o número de pessoas foi aumentando, eles tiveram que mudar para outro espaço. Primeiro foram para a Rua Hercília, depois para o salão da Sociedade Amigos de Vila Matilde e por último se instalaram no prédio do antigo Cine São João, na praça da Conquista. (Dalila)

Mesmo com toda a simplicidade, esses primeiros bailes, em contraposição às modernas discotecas e danceterias, propiciavam o encontro social e o lazer aos jovens de Vila Nova Savóia e adjacências.

3.3.4. Os meios de comunicação de massa e o Cine Caboclo

O universo da comunicação de massa é – reconhecemos ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas por jornais, rádio e televisão... (Umberto Eco)

Dentre os meios de comunicação de massa, o rádio foi o primeiro que chegou a Vila Nova Savóia. No início, eram poucos os que tinham esse aparelho. Os que não o possuíam procuravam ouvi-lo na casa dos vizinhos, o que se repetiria mais tarde com o surgimento da televisão.

Nós íamos ouvir rádio na casa dos outros, na casa da Tia Juva, Dona Joana, mãe do Daniel Castropil, nós íamos ouvir duplas caipiras, o Repórter Esso, Três Batutas do Sertão: Torres, Florêncio e Rieri, novela de rádio. As primeiras televisões foram instaladas nos bares, nós íamos assistir no bar do Sr. Manuel Castelo Branco. Em dia de jogo, ele cobrava uma taxa para assistir, mas quem era do Ordem e Progresso (time de futebol ao qual seus filhos pertenciam) não pagava. (Sr. Francisco)

A primeira televisão da rua foi a do Sr. Arlindo Borges, da rua da Ordem. Assistíamos novelas como “Oliver Twist”, e programas como “Circo do Arrelia”, “Luta livre”. (Lionete)

Muitos programas antigos ficaram na lembrança dos moradores, mas alguns deles reconhecem que, depois que a televisão chegou a todas as casas, muitas pessoas deixaram de buscar outras formas de lazer, como, por exemplo, o cinema, os passeios. Dessa maneira, houve a alteração do comportamento social, como podemos verificar neste depoimento:

A televisão contribuiu muito para mudar o relacionamento das pessoas. As pessoas não se relacionam mais com o vizinho, mas sim com a novela das oito (...) Com relação ao cinema, as crianças iam muito. Era a melhor coisa que tinha no bairro, não precisavam ir ao shopping. A gente saía mais com as crianças antes da TV. (Sr. Agostinho)

A partir da década de 20, o cinema americano começa a influenciar culturalmente os brasileiros. É o início da publicidade de massa, que atinge a formação da população urbana, principalmente no que diz respeito à moda e aos costumes. Segundo PINTO (1998:355), “será a linguagem do cinema, já por suas características e pelo modo como articula espaço e tempo, a que mais se aproxima da vivência moderna do espaço arquitetônico e urbano”. O cinema trouxe ao público a possibilidade de visualizar experiências de épocas passadas, contemporâneas e antecipar o futuro. Antes dele, esse aspecto só era visto na literatura, no teatro e na imprensa escrita. Conhecido como “a sétima arte”, o cinema chamava a atenção do público, proporcionando movimento, lazer e cultura à cidade.

Os primeiros moradores, como o Sr. Manuel Botelho, que chegou ao bairro em 1940, relembram que uma das principais diversões nos finais de semana era ir ao cinema. Nessa época, eles freqüentavam o “Goteira”, na Vila Esperança. Na década de 50, o filho do loteador de Vila Nova Savóia, Luís Arthaud Berthet²⁸, ergue um prédio, onde instala o Cine Caboclo.

O cinema era muito grande, havia lugar para 1.500 pessoas. Disse-me um vizinho do cinema, o Sr. Egídio, que, para nivelar o declive do cinema, foram necessários 200 caminhões de terra. Eu acho um número um tanto exagerado, mas, de qualquer maneira, havia muito espaço. Assim que entrávamos, a gente descia, descia, descia... De 1953 a 1955, meus pais administraram o cinema. Depois arrendaram para a Cepeda, que deu continuidade às sessões cinematográficas. Quando deixou de ser cinema, o espaço foi alugado para a família Tepermann (fábrica de cadeiras de acrílico), que transformou o espaço em um imóvel industrial, e a parte de cima foi ampliada e alugada para fundição de ouro e prata. (Maria Cristina Duarte Arthaud Berthet Nunes de Sousa)

Luís A. Berthet havia herdado do pai as terras do bairro e continuou a administrar o loteamento. Segundo sua esposa, Iná Duarte dos Santos Sá, ele pensou no lazer dos moradores, mas também na valorização de seu empreendimento. Ela declara em uma reportagem no jornal O Estado de S. Paulo:

Era uma forma de dar um pouco de distração aos moradores que comprassem os lotes. Seria um jeito de vender mais terrenos. (CULTURA, 1995:Z6)

Segundo D. Iná, a denominação “Caboclo” foi escolhida porque Luís Berthet queria um nome tipicamente brasileiro. Mas a irmã do matemático, Dra. Lucienne E. A. Berthet Zuccolotto, contou-nos em entrevista a seguinte história:

²⁸ Luiz Arthaud Berthet era matemático, professor da Universidade de São Paulo. “Intelectual respeitado, foi um dos integrantes da banca que examinou a tese de mestrado de um jovem economista da Faculdade de Ciências Econômicas da USP no final da década de 50: Antônio Delfim Neto (...). Ao falecer, sua biblioteca foi doada à Faculdade de Economia e Administração da USP. Possivelmente, o gosto pela cultura foi outra herança de seu pai, Jean Jules A. Berthet.” (OESP, 16/11/1995, Cad. Seu Bairro – Leste, p. Z6).

Foi o León que escolheu o nome, e parece que ele deu até uma estatueta do caboclo para o Luís. Como meu irmão León era veterinário, ele trabalhava muito com esse pessoal. Mas talvez a mãe da Cristina saiba responder melhor sobre a escolha do nome, pois ela participou bastante...

Diferentemente da década de 90, na década de 60 havia muitos cinemas nos bairros de São Paulo. Na região por nós estudada, além do Cine Caboclo, havia o chamado “Goteira” e o São Sebastião na Vila Esperança, e o São João na Vila Matilde. Esses cinemas foram surgindo no auge das produções cinematográficas de Hollywood, quando já havia o cinema falado, colorido, e os filmes eram produzidos em grande escala. Na Penha, construíram o Cine Penha – que depois virou Penharama –, depois o Júpiter e o São Geraldo. Este foi o último a ser fechado. Resistiu até a década de 90. O desaparecimento dos cinemas nos bairros ocorreu com o advento dos aparelhos de televisão e de videocassete nos lares. Hoje, o hábito de ir ao cinema volta a essa população por meio das salas construídas nos shoppings.



Prédio do antigo Cine Caboclo. Fonte: Fotografia do arquivo da autora, novembro de 1999.

Na entrevista que D. Iná concedeu ao jornal O Estado de S. Paulo, ela fala de suas dificuldades para manter o Cine Caboclo funcionando, morando em Perdizes, na Zona Oeste:

Levávamos mais de uma hora para chegar lá, pois a Radial Leste e as Marginais ainda não haviam sido abertas. Assistíamos a mesma fita mais de 200 vezes. (Ib.:Z6)

Devido às dificuldades e prejuízos, decidiram arrendar o prédio para outras atividades. Primeiramente, nessa sala de cinema foi instalada uma fábrica de cadeiras para o metrô, e até meados de 1999 ali funcionava uma loja de móveis.

Procuramos investigar por meio de entrevistas o número de pessoas de nossa amostragem que conheceram o Cine Caboclo, qual a sua importância e as recordações que tinham desse espaço de lazer e cultura.

Os dados levantados nas entrevistas nos mostram que todos os moradores antigos conheceram o Cine Caboclo (os da faixa etária I), e a maioria dos moradores da faixa etária II também conheceu. Nenhum morador da faixa etária III conheceu o cinema em funcionamento, pois ele foi fechado na década de 70, mas muitos deles conhecem o prédio.

Os moradores que freqüentaram esse cinema, lembrando esse período, assim se expressaram:

O Cine Caboclo era uma festa! Eu não perdia uma matinê. Assisti filmes do Elvis Presley, Mazaroppi e aqueles épicos romanos de Hollywood que eram uma sensação (...) Os adultos, acho que iam conversar com os vizinhos nos intervalos, pois aqui as pessoas gostavam de bater um papo. Na frente de suas casas, eles colocavam suas cadeiras na calçada... sabe aquela coisa bem de interior. (José)

O Cine Caboclo era muito bom, porque hoje é só televisão, televisão, e no cinema vinha aqueles cantores... Aquela que tocava acordeom, Adelaide Quioso e Eliana... (D. Hilda)

O cinema era cheio de pulgas, mas era a melhor coisa que havia no bairro, era uma diversão, com aquelas cadeiras de dobrar. (Márcia)

Antes da televisão era muito importante. (Sr. Pedro M.)

Assisti "Bambi", "Dio come ti amo"... Este cinema tinha o aspecto da casa da gente, porque as pessoas se conheciam. (Soraia)

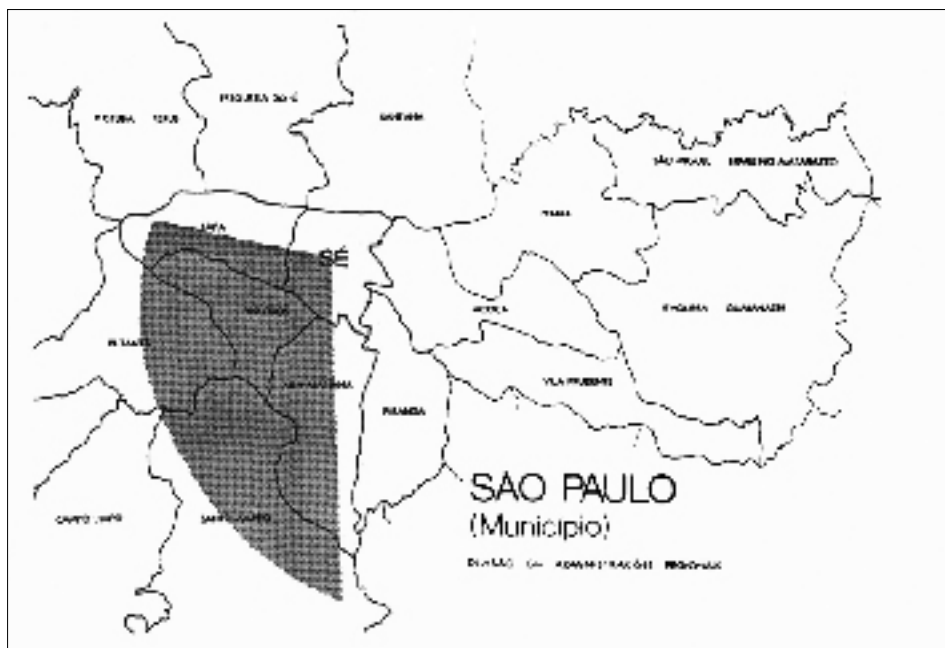
Portanto, podemos notar nessas falas que, antes de a televisão se tornar o principal meio de entretenimento ou informação, principalmente entre as camadas populares, o cinema era o local de encontro dessas pessoas com o Brasil e com o mundo. Como era freqüentado principalmente pelos próprios moradores do bairro, o cinema constituiu também um lugar de encontro da própria comunidade. Em contraposição, hoje a televisão representa o lugar da individualidade do confinamento doméstico.

3.4. Os movimentos populares: o bairro como espaço da cidadania

Há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra (...) A República somente será realmente democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independentemente do lugar onde estejam. (Milton Santos)

O que percebemos, na imensidão da cidade de São Paulo, é que existem lugares ocupados de forma diferenciada. Com toda a sua heterogeneidade, existe uma correlação entre nível social, renda e localização. Segundo SANTOS (1993a:83), “com exceção de alguns bolsões atípicos, o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes sociais em que se divide a sociedade urbana”. As pessoas de baixa renda normalmente não dispõem de recursos para mudar da casa onde moram, ou de bairro. E é nesses bairros mais pobres que a população é desprovida de serviços públicos, os quais, muitas vezes, não possuem a infraestrutura básica (água, esgoto, luz, asfalto, telefone, transporte). Por outro lado, encontramos bairros que, além da infraestrutura básica, possuem bibliotecas, teatros, museus, centros esportivos... Uma reportagem de 1975 mostra a cidade demarcada por um mapa cujos dizeres justificam a área preferida para a atuação dos órgãos públicos:

Na mancha, a zona preferida pela administração municipal. Uma faixa de cidade que se estende entre o Centro, a Zona Sul e a Zona Oeste. Ali moram a quase totalidade dos administradores, políticos, empresários e elites dirigentes da cidade. A Leste, uma cidade nova e “clandestina”. (PEREIRA, 1975).



Mapa que demonstra a região privilegiada que vai da Sé até parte da Lapa, Butantã, Pinheiros, Vila Mariana e Santo Amaro

Embora a cidade cresça em direção à Zona Leste, conforme reportagem de 1973, é nessa região que encontramos a quase ausência de serviços públicos para atender à demanda da população numerosa, que, devido à sua origem socioeconômica e ao território que ocupa, sofre com a discriminação e desigualdades sociais.

A região Leste é tipicamente periférica: seus 2 milhões de habitantes têm renda muito baixa e estão espalhados por uma área enorme e não são atingidos nem pelos serviços urbanos mais essenciais, como água e esgoto. (MARKUN, 1973)

Não basta escrever em leis ou declarações os direitos do homem e do cidadão. A cidadania, assim como a liberdade, é algo que se aprende, se conquista. Portanto, não é uma dádiva, ela é constantemente ameaçada no cotidiano, pela sociedade de classes, pelo capitalismo ou pelo neoliberalismo. É nesse cotidiano que os princípios de igualdade, cidadania e democracia se defrontam com as desigualdades inerentes ao capitalismo. Por isso, a conquista da cidadania está sujeita a retrocessos e avanços.

A cidadania pressupõe, em termos clássicos, uma abstrata igualdade jurídico-política, na concepção individualista do mundo, e cabe ao Estado a organização de espaços para a sua institucionalização. No Brasil, onde há direitos restritos e monopolização da riqueza, fica difícil exercer a cidadania plena, principalmente em relação aos direitos sociais. À medida que o cidadão percebe que sua cidadania deve ser conquistada, ele começa a fazer reivindicações a partir de sua própria sobrevivência cotidiana, as quais, segundo MARTINS (1998:17-9), “nem sempre provocam rupturas”.

A partir do momento em que o morador da cidade se conscientiza de suas necessidades e direitos, e se dispõe a enfrentar os desafios para conseguir sanar os problemas coletivos, ele se une aos vizinhos visando elaborar estratégias de atuação a fim de buscar as soluções. Segundo VELHO (1981:17-9),

a possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um projeto social que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais depende de uma percepção e vivência de interesses comuns que podem ser os mais variados (...). Os projetos constituem uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressão simbólica. Sendo conscientes e potencialmente públicos, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social.

Segundo SANTOS (1993a:6), a economia e a cultura estão incluídas na noção de cidadania, pois esta é o resultado de um quadro de vida material e não material que se dá em um determinado território.

Em nossa pesquisa, encontramos, em Vila Nova Savóia, três movimentos populares que demonstraram a luta dos moradores para atingir tanto a melhoria da qualidade de vida material, com a canalização do córrego Gamelinha, quanto não-material, quando os moradores solicitaram aos órgãos públicos um espaço cultural, e quando organizaram prévias eleitorais por meio do “Movimento Cívico do 38.º Subdistrito” (V. Matilde). A canalização do córrego trouxe uma valorização imobiliária aos terrenos daquela área e diminuiu o risco de os moradores perderem seus bens nas enchentes. O “espaço cultural” (com biblioteca e teatro), é uma reivindicação dos moradores que ainda não foi concretizada: seria um local a que os moradores poderiam ter acesso e onde poderiam desenvolver diversas formas de expressão cultural. Mesmo o Movimento Cívico do 38.º Subdistrito (ver item 3.4.1) foi organizado com o objetivo de conquistar uma maior representação política da região junto ao Poder Legislativo da cidade de São Paulo.

Uma das reclamações constatadas nas entrevistas é a falta de áreas públicas para o lazer e de áreas verdes que lhes garantam uma melhor qualidade de vida.

Aquilo que SANTOS denomina como “o direito ao entorno” (1993a:47-8) permanece apenas nos livros e nos discursos, pois, na maioria das vezes, tanto os valores da natureza quanto os valores humanos são desrespeitados, e os espaços públicos quase não existem ou são “privatizados”. Quem não pode pagar pelo lazer (teatro, clubes, cinemas, estádio) fica excluído do gozo desses bens, que deveriam ser públicos. Parece que a cidade vai se concretizando como um “espaço sem cidadãos” (SANTOS, 1993a:43). As leis que já existem para proteger ou exigir áreas públicas são ignoradas em nome do jogo do mercado imobiliário. Diante de tantos desmandos, o cidadão julga-se impotente para reverter esse quadro, e perde o interesse pela representação política. Dessa forma, a cidade acaba ficando com uma representação política sem compromisso com as aspirações coletivas. Apesar do sentimento de impotência, encontramos no Distrito de Vila Matilde – que engloba a Vila Nova Savóia – algumas experiências em que os moradores reivindicaram o seu direito à cidadania.

À medida que o morador vai tomando consciência de seus problemas e tem aspirações coletivas para sua região, advindas de sonhos e aspirações individuais que coincidem com os do seu vizinho, eles podem unir-se num esforço coletivo para a solução dos problemas e concretização desses sonhos. Os problemas encontrados na década de 1930 não são os mesmos da década de 80/90. Uns conseguiram realizar o sonho da casa própria, outros o do aluguel mais barato. Com o decorrer do tempo, os problemas de infra-estrutura básica, como falta de água, luz, asfalto, esgoto, foram solucionados e os terrenos mais baratos foram valorizados.

A cidade “engole” a antiga periferia, que se instala em lugares mais distantes. Se em 1930 Vila Nova Savóia era “mato”, estando a 12 km do centro da cidade, hoje os problemas de infra-estrutura incidem em outros bairros mais distantes, como é o caso do bairro KM 28 (AQUI, 1998:C8), onde a condução é escassa, faltam escolas, não há água encanada, enfim, o bairro não possui os serviços básicos essenciais para atender à demanda de sua população.

Na década de 70, surgiram, em bairros periféricos, movimentos de organização popular (KOWARICK e BONDUKI, 1988:157-63). Foi uma época muito fértil para as organizações populares, que assumiram, em suas lutas, reivindicações urbanas. Entre esses movimentos, estavam a luta pela “legalização dos loteamentos clandestinos”, que em 1979 realizou mais de 300 reuniões em loteamentos periféricos, e o “Movimento Contra o Custo de Vida”.

MUMFORD (1965:635) analisa o subúrbio como unidade de vizinhança, onde a ausência de um governo local favorece ou promove a organização dos vizinhos.

Nos primeiros anos da formação do bairro de Vila Nova Savóia, o que existiam eram ações individuais ou coletivas espontâneas, visando à ajuda mútua.

Como exemplo dessas ações, podemos citar: emprestar água e luz para uma casa que estava sendo construída, emprestar mantimentos (sal, açúcar). No esforço coletivo e trabalho cooperativo, houve a luta para efetuar o calçamento da rua independentemente dos órgãos públicos, como nos relata o Sr. Agostinho:

A prefeitura não colocou nada de asfalto em nossa rua. Nós é que colocamos. Nós nos quotizamos para colocar os paralelepípedos em 1965. Antes disso, todo final de semana nós nos reuníamos para arrumar os buracos da rua, onde juntava lama e formava poças d'água. Nós, os vizinhos todos, levantávamos de madrugada e pegávamos na ferramenta, tudo coordenado para que conseguíssemos arrumar o nível da rua. A enxurrada descia da av. Pasteur e entrava na vilinha e empoçava no fundo da vila (rua sem saída), a água ia até a parede do Sr. Armando.

Esse morador também narrou um episódio de ajuda entre vizinhos para solucionar uma situação emergencial:

Tenho um caso pitoresco que caracteriza a coisa própria do bairro. Quando nasceu a Denise, a Nilce tinha contratado uma parteira do bairro, aqui de perto. Aí ela começou a passar mal à noite e eu saí pela rua procurando a tal da casa de janelinha azul. Os cachorros! Como tinha cachorro no bairro! Au, au, au! Era um escândalo às 4 horas da manhã, e eu não achei a tal casa em rua nenhuma. Carro! Ninguém tinha carro. Só o Sr. Major, esposo da D. Guilhermina, era o único que tinha um táxi. Mas na época nem ele. Aí eu corri no Firmo da padaria, que tinha um furgão de entregar pão. Aí eu falei para ele: "Pelo amor de Deus, leve a minha mulher para a maternidade!" Para a menina poder nascer, porque a parteira eu não encontrei e voltei para casa por causa dos cachorros... (risos) O importante foi que o Firmo deixou de entregar o pão para atender a minha mulher.

Portanto, nessas informações, encontramos a solidariedade entre os vizinhos e a união dos moradores, visando solucionar um problema concreto. Quanto ao esforço coletivo, constatamos que, solucionado o problema, o grupo se dissolvia.

Na década de 50 começa a surgir entre os moradores a idéia de criação de entidades que lutassem pelo bairro de forma permanente. No bairro por nós analisado, não encontramos a presença dessas entidades. Mas sua população freqüentava essas agremiações nos bairros vizinhos, tais como a Sociedade Amigos de Vila

Matilde (fundada em 1950) e a Sociedade Amigos de Vila Talarico (fundada em 1954). A Sociedade Amigos de Vila Matilde conseguiu, segundo publicação da própria entidade (A HISTÓRIA, 1987:4), algumas melhorias para o bairro: ônibus da CMTC até o Parque D. Pedro II, nivelamento de ruas, guias e sarjetas, oficialização das ruas, agência de correio e uma sede social com salão de festas. A Sociedade Amigos de Vila Talarico também construiu seu salão de festas e reuniões.

O bairro sempre recebeu visita de políticos, principalmente durante campanhas eleitorais, quando vinham buscar o apoio de seus moradores. Entre os inúmeros políticos que buscavam votos na região, os mais famosos foram Jânio Quadros e Ulisses Guimarães. Com o passar do tempo, foram surgindo lideranças do próprio bairro nas Sociedades Amigos de Bairro e nas paróquias.

Na década de 60, essas entidades resolveram reunir-se e organizar um movimento cívico, do qual participaram os moradores de Vila Nova Savóia.

3.4.1. Movimento Cívico do 38.º Subdistrito

O Movimento Cívico do 38.º Subdistrito (cf. cartaz reduzido do movimento, Anexo 7) tinha como objetivo fazer uma prévia eleitoral popular entre os moradores do 38.º Subdistrito de Vila Matilde, visando escolher uma das lideranças dos bairros que formavam o Subdistrito, para que o escolhido se candidatasse a vereador de São Paulo, e então, pudesse reivindicar as melhorias para a região, contemplando, assim, as aspirações dos moradores desses bairros. Vila Nova Savóia tinha um candidato, Francisco Marinovic Doro, que também era apoiado por Vila Talarico. As prévias foram realizadas no dia 7 de abril de 1963. Dentre os sete pré-candidatos, o vencedor foi o Sr. Bernardino de Carvalho (Brito), que concorreu à eleição de vereador de São Paulo, mas não foi eleito. O lema da campanha era: “Todos por um e um pelo 38.º Subdistrito.”

Essa foi a forma encontrada pelos que pertenciam ao movimento, para solucionar seus problemas locais: com um representante no poder legislativo do município, acreditavam que poderiam influenciar mais o executivo. Conscientes da importância do poder social e político, eles investiram seus esforços na busca de um actante do poder. Segundo GREIMAS (1981:99-100),

a sociedade instituída enquanto sujeito constitui apenas o projeto virtual e um desejo de atualização do seu fazer. Seu funcionamento efetivo pressupõe, de acordo com o modelo narrativo, a) a mediação de um actante que seja diferente dela e de alguma maneira personalizado e b) a investidura por este actante de uma nova modalidade do poder; o querer-fazer deve enriquecer-se de um poder-fazer para produzir um fazer.

Assim, a sociedade vai percebendo que, como sujeito coletivo, só pode expressar seu poder e atualizar seu fazer instaurando um sujeito do fazer que seja diferente dela, mas ao mesmo tempo co-extensivo.

Na década de 80, surgiram dois movimentos sociais, que envolveram os habitantes de Vila Nova Savóia e dos bairros vizinhos. O primeiro deles foi o Movimento pela Canalização do Córrego Gamelinha, que visava eliminar o problema das enchentes, e o segundo foi o Movimento pró-Centro Cultural de Vila Nova Savóia e bairros adjacentes, que tinha por objetivo oferecer à população um espaço de lazer e cultura.

3.4.2. Movimento pela canalização do córrego Gamelinha

Esse movimento surgiu em decorrência do problema causado pela grande enchente de 12/02/1983. Nessa data, a população que residia às margens do córrego Gamelinha e ruas próximas perdeu boa parte de seus pertences (móveis, eletrodomésticos, mantimentos), e alguns até mesmo suas casas. Desesperados, esses moradores recorreram à prefeitura, que lhes negou todos os seus direitos. Solicitaram a limpeza das áreas atingidas pelas águas infectadas por esgotos e pela urina de ratos (causadora da leptospirose). Como não recebiam resposta a seus apelos, recorreram à escola mais próxima, onde seus filhos estudavam: a EEPG Dom Bernardo Rodrigues Nogueira. Os moradores foram atendidos pela Prof^a. Zélia Lopes Marinovic Doro, que iniciou, com eles, a discussão do problema e as formas, os caminhos para sua solução. A escola ofereceu uma sala ociosa no período noturno para que as reuniões fossem realizadas.

O problema havia ocorrido também no córrego Rincão, onde deságua o Gamelinha. Os moradores daquela área já estavam mobilizados e organizados por uma líder comunitária do bairro de Vila Esperança, D. Iraci de Sousa Gonçalves²⁹. Os dois movimentos tiveram uma atuação conjunta. Ora se reuniam no salão da Igreja Nossa Sra. da Esperança (próximo ao córrego Rincão), ora na EEPG Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, com os moradores das proximidades do Gamelinha.

A solicitação de limpeza das áreas atingidas pelas enchentes era feita dia a dia por uma comissão de moradores que se dirigia à Administração Regional da Penha, pois, além do mau cheiro, moscas e ratazanas que invadiam as residências mais próximas, apareceram alguns casos de leptospirose. Diante da resistência do

²⁹ A já falecida moradora tem hoje uma praça com seu nome localizada na área onde termina a av. Edgard dos Santos com acesso à av. Itaquera.

poder público, a população solicitou a presença da então vereadora Luíza Erundina, que, juntamente com seu assessor, hoje vereador, Adriano Diogo, sugeriu à população que fizesse uma passeata do viaduto Vila Matilde até a Administração Regional da Penha. Esse ato público, durante o qual tiveram a palavra os moradores atingidos pela enchente e a vereadora, que exigiu que o administrador atendesse às suas reivindicações, atingiu seus objetivos: as ruas foram lavadas e desinfetadas, e também desratizadas.

Para orientar a população a respeito da prevenção de doenças e dos perigos que uma enchente acarretava, tiveram a colaboração dos médicos sanitaristas, Dr. Eduardo Jorge (na época deputado estadual, hoje deputado federal) e Dr. Roberto Gouveia (hoje deputado estadual), ambos integrantes do Movimento de Saúde da Zona Leste.

A primeira etapa estava vencida, mas o problema continuava, devido às erosões nas margens do córrego e de seu leito insuficiente para comportar o volume de água.

Das discussões, surgiu a idéia de lutar pela canalização do córrego, a fim de garantir um saneamento básico razoável e a minimização das enchentes.

Após quatro anos de luta, os moradores atingiram seu objetivo. As obras de canalização do córrego foram iniciadas em 1987 e concluídas em 1991, sendo inauguradas com a construção da av. Margarida Maria Alves³⁰, hoje com duas pistas ao longo do córrego, na gestão da prefeita Luíza Erundina (cf. Apêndice 8).

Naquela ocasião, os locais mais atingidos pelas enchentes em Vila Nova Savóia foram o final da av. Pasteur e a trav. Armando Cabral. Segundo D. Olga, moradora dessa travessa, com a canalização, a ocorrência de enchentes foi minimizada, mas não totalmente solucionada:

A nossa rua, a travessa Armando Cabral, ainda enche porque ela está num nível mais baixo que a avenida Pasteur. Assim, a água da enxurrada que vem lá da Vila Dalila entra em nossa rua. O homem da prefeitura fez uma sujeira aqui, construindo uma parede dentro do bueiro. Também tem gente que joga sujeira no bueiro que está tampado. E a água que sai do rio volta, porque não tem esgoto.

³⁰ O nome Margarida Maria Alves foi substituído por Dr. Bernardino Brito Fonseca de Carvalho a partir da Lei n.º 11.304 de 14/12/1992, mas o emplacamento da avenida com o novo nome só ocorreu em 2000. Nos guias de ruas do ano 2000 ainda consta o nome antigo.

O movimento também ficou registrado em jornais, em reportagens da época. O histórico do movimento, seus objetivos, suas conquistas foram impressos em um boletim denominado "Movimento pela Canalização do Rio Gamelinha"³¹, distribuído à população (cf. Anexo 8).

3.4.3. Movimento pró-Centro Cultural de Vila Nova Savóia e bairros adjacentes

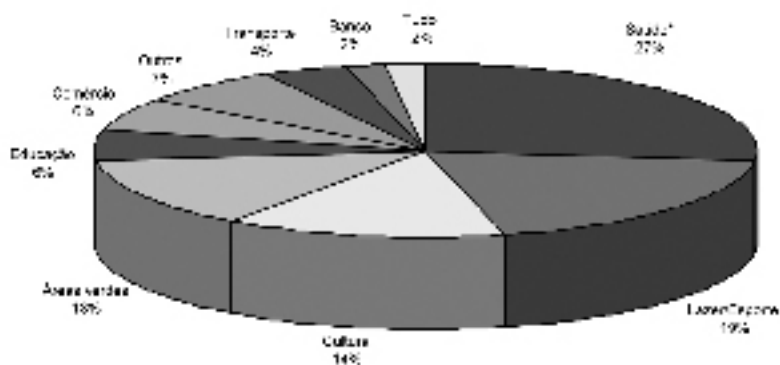
Os filhos dos operários da década de 30 formaram-se professores, outros profissionais liberais, funcionários públicos, bancários. Em 9 de novembro de 1981, um grupo de professores, juntamente com artistas amadores e profissionais residentes no bairro, resolveu organizar-se e fazer um abaixo-assinado com o intuito de conseguir uma biblioteca e um teatro para o bairro (cf. histórico do movimento no Anexo 9). Mobilizaram as escolas da região e conseguiram mais de duas mil assinaturas, que foram levadas à Secretaria da Cultura da PMSP juntamente com um mapa localizando as 13 escolas que seriam atendidas por esse serviço público. No mesmo mapa, levantaram áreas sugeridas para a localização do prédio em Vila Nova Savóia. Para justificar o pedido, cadastraram, em seguida, os artistas da região e realizaram duas mostras de arte popular (1984 e 1985), reunindo artistas plásticos, músicos, poetas, atores, grupos de teatro e fotógrafos. O Secretário de Cultura do Município de São Paulo, Gianfrancesco Guarnieri, esteve presente na "1.^a Mostra Cultural de Vila Nova Savóia e Bairros Adjacentes". Apesar dos esforços dos moradores nessa luta, eles não conseguiram conquistar o espaço desejado. O movimento conseguiu que a Secretaria da Cultura do Município contratasse o maestro Joaquim Paulo do Espírito Santo, para ministrar aulas de canto e formação de coral. Também conseguiu, por meio do projeto "A cidade canta", algumas apresentações de corais e música de câmara para a região (PMSP, 1985:11-2)³². Em 1995, eles tentaram mais uma vez conseguir um espaço, aliados aos membros da Sociedade Amigos de Vila Matilde. Foi então sugerido o aluguel do antigo Cine Caboclo (CULTURA, 1995:26-7), que na época estava desocupado, e possuía palco e salas para a instalação de uma biblioteca. Mais uma vez não foram atendidos. Mas

³¹ Na época do movimento, eles não utilizaram o termo genérico oficial, que seria "córrego" e não "rio".

³² O nome do bairro saiu errado na reportagem.

essa aspiração continua presente no anseio popular. Como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico – Necessidades do bairro



(*) No gráfico a saúde apareceu em primeiro lugar devido a maioria dos entrevistados ter idade superior a 50 anos

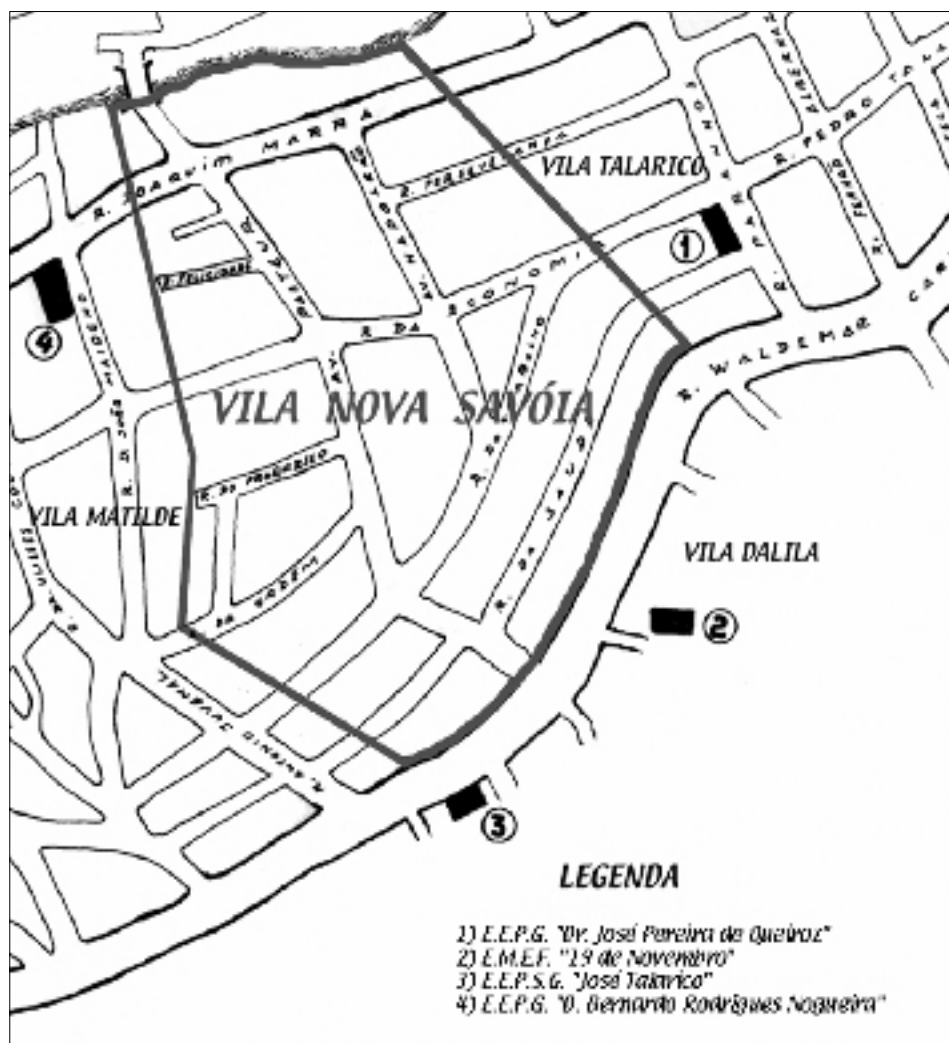
Por meio da análise desses movimentos reivindicatórios, podemos notar que a vida urbana possui movimentos localizados e que muitas vezes passam despercebidos pelo restante da população, pela mídia e pelos poderes públicos. Como afirma LEFEBVRE (1976:225), no subterrâneo da história existem movimentos aparentemente silenciosos e imperceptíveis, feitos no cotidiano. Apesar das barreiras e das dificuldades encontradas, eles são germens da transformação da sociedade, pois no seu anonimato o cidadão comum também faz história.

4. Urbanização e relação afetiva com o bairro

É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares... (Yi-fu Tuan)

O bairro de Vila Nova Savóia passou por várias fases no seu processo de urbanização. Hoje possui os principais elementos da infra-estrutura urbana: ruas asfaltadas, saneamento básico (água, esgoto), redes elétrica e telefônica. Sua ocupação territorial está quase completa, restando apenas alguns terrenos sem construção, como é o caso de uma parte da Chácara do Encanto. Sua característica continua a ser a de um bairro residencial, porém, como nos bairros da periferia de São Paulo nem sempre as leis de Zoneamento e de Uso e ocupação do solo são respeitadas, estabelecimentos comerciais e pequenas empresas prestadoras de serviços surgem entre as residências.

Não há, nos limites de Vila Nova Savóia nenhuma escola pública. Porém, existem estabelecimentos de ensino de 1.º e 2.º graus a menos de 300 m de seus limites.



Parte do mapa elaborado pelo Movimento pró-Centro Cultural de Vila Nova Savóia e bairros adjacentes

Quanto à arquitetura do bairro, ele continua a ter como principal característica a horizontalidade, ainda que, como vimos, o processo de verticalização já tenha se iniciado. A maioria das casas são térreas. Algumas mantêm o estilo da década de 40, com pequena varanda e jardim na sua frente. Entretanto, essa arquitetura está passando por um processo de mudança devido principalmente a três fatores: 1) A violência da cidade está fazendo surgir uma arquitetura em que as grades e a elevação dos muros

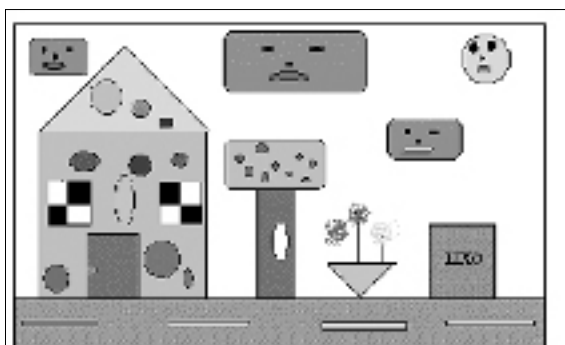
refletem essa realidade; 2) A grande utilização do transporte individual na cidade de São Paulo obriga a construção de garagens, diminuindo, assim, a quantidade de jardins; 3) Devido ao alto custo do espaço urbano e à crise habitacional, muitos moradores estão recebendo na mesma propriedade os filhos que constituíram novas famílias. Um exemplo disso são as construções nos fundos dos quintais ou a elevação de um segundo pavimento na residência original.

Em nossas investigações foi interessante verificar a relação que as pessoas fazem entre a urbanização da cidade e as carências do bairro.

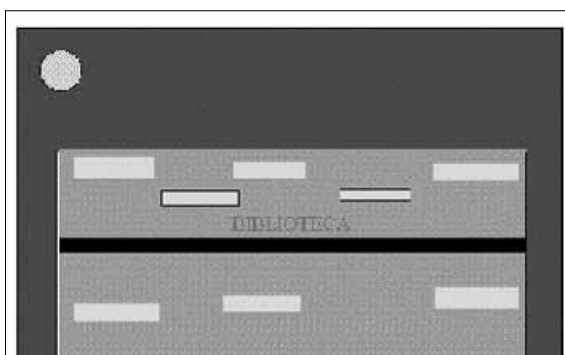
Durante nossas entrevistas, os moradores mostraram muitos pontos positivos em Vila Nova Savóia, mas apontaram também suas aspirações. O gráfico intitulado: "Necessidades do bairro" apresentado no capítulo anterior, reflete os dados coletados, sendo que as 4 primeiras necessidades: saúde, lazer/esporte, cultura e áreas verdes são as mais notórias. O item "outros" inclui: banco, farmácia, serviços públicos, correios, creche, segurança, limpeza, "poupa-tempo" e "tudo". Essa última expressão foi usada por pessoas idosas que gostariam de lojas mais próximas de suas residências. Há comércio no bairro, mas ele se concentra na av. Waldemar Carlos Pereira (ponto mais alto do loteamento). Desse modo, quando as pessoas que moram no vale do córrego Gamelinha necessitam ir ao mercado, farmácia, perfumaria, banco, etc., precisam subir o morro. Como os moradores dizem, "lá em cima, na Vila Dalila, tem de tudo". O que eles não sabiam é que grande parte das lojas pertence a Vila Nova Savóia. Como o ponto final do ônibus Vila Dalila-Parque D. Pedro fica próximo à av. Waldemar Carlos Pereira, eles consideram toda a avenida como Vila Dalila.

Também procuramos conhecer o sentido de urbanização dado pelas crianças moradoras desse espaço da cidade. Analisamos um dos trabalhos dos alunos da EMEF "19 de Novembro", onde muitos filhos, netos ou bisnetos dos moradores de Vila Nova Savóia estudam. Em 1998 os alunos realizaram a análise do livro infanto-juvenil Se essa rua fosse minha (AMOS: 1995). As crianças tinham de responder após a leitura as seguintes indagações: E se essa rua fosse sua? O que você faria? Qual seria o jeito dela? Como é que ela seria?

Eis alguns exemplos das respostas dadas pelos alunos em trabalhos no laboratório de informática:



Se essa rua fosse minha, teria uma praça com árvores frutíferas, canteiros de flores bem coloridos. As casas seriam todas bem bonitas e enfeitadas com muitas flores nas janelas.



Se essa rua fosse minha, contruiria uma biblioteca com os melhores livros e muitos gibis também.



Adorava o espaço de lazer. No cinema havia mil lugares, para as pessoas se deliciarem com os filmes. No teatro havia quinhentos lugares para todos se divertirem. Os livros da biblioteca eram tão bons, que faziam a gente viajar no pensamento.

As questões remetiam a criança a pensar no espaço público da rua. Ela retratou seu “querer” e revelou desejos que estão no seu imaginário com relação ao lugar onde se vive. As soluções urbanas por ela apresentadas são simples e baratas. Ela quer um espaço urbano integrado à natureza. O lugar se tornaria belo não pelos símbolos da sociedade de consumo ou status social. Cores e flores são elementos que confeririam dignidade a esse espaço. A preocupação com a cultura e o lazer que lhes são negados, não só em Vila Nova Savóia, mas também na maioria dos bairros da periferia está presente. Nesse trabalho escolar, a criança, que muitas vezes é ignorada na história, transmitiu sua visão de urbanização. Apesar da pouca idade, observando o meio urbano em que vive, ela aponta para uma urbanização que ofereça uma melhor qualidade de vida às pessoas. Portanto, se ela tivesse o poder, deixaria seu espaço mais humano.

Uma outra preocupação neste trabalho foi investigar a relação afetiva dos moradores com seu bairro. Constatamos em nosso estudo que a população de Vila Nova Savóia é muito apegada a seu bairro, principalmente os moradores mais antigos, que viram o bairro crescer e no qual solidificaram suas amizades. No início, a população era mais homogênea: imigrantes, operários de fábricas, funcionários públicos e pequenos comerciantes. As pessoas tinham nos quintais suas hortas, galinheiros, até porcos e vacas. Saíam todos os dias para trabalhar, e só voltavam para dormir. Nos finais de semana é que conversavam mais com os vizinhos, iam à igreja, jogavam futebol nos campos de várzea. As crianças brincavam com os amigos do bairro. Durante a construção da casa, havia mútua colaboração: um vizinho emprestava a luz, o outro a água; e assim foram crescendo e se fortalecendo os laços de amizade. A vida nessa época tinha como referência o caráter comunitário.

Hoje, apesar dos inúmeros estímulos da indústria cultural e do lazer oferecidos por outros bairros (shopping centers, danceterias, choperias), os jovens e adultos em Vila Nova Savóia, principalmente os do sexo masculino, mantêm seus encontros nas esquinas, nas casas dos amigos e nos bares (cf. Apêndice 9). Muitos já se casaram, moram em outros bairros, mas passam o final de semana inteiro na casa dos pais, que ainda residem no bairro de origem.

Tenho colegas que casam e vão morar “lá na casa do chá-péu”, e depois voltam ou vêm todo dia para a casa da mãe. Como o meu colega que mora no Tatuapé, mas considera sua casa mais aqui do que lá. (Rubens F.)

Em nosso levantamento, identificamos no discurso do morador o seu apego ao bairro, local de onde eles dificilmente se mudariam, pois eles acham o bairro sossegado, gostam das amizades, como demonstram alguns depoimentos:

Só mudo daqui para a Vila Formosa. (D. Rosa, referindo-se ao cemitério)

Gosto muito de morar aqui: já mudei duas vezes, mas voltei para a mesma casa. (D. Hilda)

Mesmo que eu tivesse mais dinheiro, eu não mudaria daqui. Eu faria uma reforma nesta casa ou compraria outra neste bairro. (Sr. Fernando)

Eu nasci, cresci e vivi toda a minha vida aqui. Meu marido construiu uma casa na av. Líder, mas eu tenho medo de ir para lá, porque a minha irmã quando mudou teve depressão. Aqui é a minha raiz, a minha vida! Todo o mundo fala que eu não vou me acostumar... (Dalila)

No livro *The urban experience*, FISCHER (1976:229-30) compara os relacionamentos entre vizinhos de áreas mais próximas ao centro da cidade com os de vizinhos de áreas dos subúrbios, e mostra que os relacionamentos nos subúrbios são marcados pela coesão de grupos íntimos, estados psicológicos e estilos de comportamento. Nas áreas centrais da cidade, há mais heterogeneidade. Por essas características, os subúrbios acabam lembrando as áreas rurais, onde os laços entre os grupos primários (família e vizinhos) são fortes e há menos estresse psíquico e mais autenticidade no comportamento individual e interativo do que nas áreas centrais das cidades. Essa reflexão do autor corresponde à realidade descrita em 1945 por AZEVEDO em *Subúrbios orientais da cidade de São Paulo*, mas nos dias atuais não se aplica a todo subúrbio ou zona periférica da cidade de São Paulo, devido ao seu povoamento em diferentes períodos históricos e às mudanças ocorridas nas últimas décadas.

Embora AZEVEDO não descreva as relações sociais entre os moradores, ele mostra as atividades desenvolvidas nos subúrbios, a baixa densidade populacional, a função residencial dos bairros, e afirma que, principalmente na região de Itaquera (na década de 40, quando o livro foi escrito), “o caráter rural de todas essas ‘vilas’ é marcante. Não existe nelas nenhuma casa de comércio, tampouco um centro que congregasse a população. Esta exerce suas atividades na Capital ou, por exceção, em algumas poucas olarias” (AZEVEDO, 1945:110). Mais tarde, com a explosão demográfica da cidade a partir da vinda dos migrantes, os espaços da metrópole transformada em megalópole vão se tornando heterogêneos, e a desigualdade social é mostrada nas favelas e nos loteamentos, clandestinos ou não, para pessoas de baixa renda. Hoje existe também o estabelecimento de um

mercado de habitação por atacado, tanto da parte dos governos que constroem conjuntos habitacionais (da COHAB³³, da CDHU, Cingapurais), como da parte de empresas particulares que investem no empreendimento vertical para a cidade. A teoria apresentada por FISCHER pode ser aplicada em Vila Nova Savóia, principalmente até a década de 70, quando as famílias dos primeiros proprietários, com algumas exceções, permaneceram as mesmas, somando-se a outras que chegavam. Daí a consolidação dos laços de amizade. A aparência de cidade do interior, de zona rural, é descrita por José, entrevistado da faixa etária II deste trabalho, que passou sua infância no bairro na década de 60:

Passava naquela época o amolador de facas, a gente via aqui aquelas profissões artesanais. A gente estava na cidade, mas parecia que morávamos no interior, e isso era muito legal. Talvez na época a gente não se desse conta disso.

Hoje a arquitetura do bairro já apresenta sinais de verticalização; apesar disso, é possível encontrar várias casas que mesmo reformadas conservam seu estilo antigo. Algumas delas mantêm ainda bancos no jardim ou na calçada, que favorecem o contato com os vizinhos (cf. Apêndice 7).

Os capítulos anteriores, em que descrevemos o cotidiano do bairro, seus eventos, seus personagens, as formas de lazer e cultura, e as lutas coletivas, a partir de depoimentos dos próprios moradores, demonstram que as relações sociais do bairro foram determinantes para a fixação dos moradores, que criaram raízes e laços afetivos com o lugar e sua população.

Essa intimidade com o local pode ser constatada pelo emprego de denominações espontâneas. Seus habitantes fazem distinções entre os lugares, a partir de valores e referências criados pela comunidade local. O homem constrói e reconstrói seus espaços nomeando os referenciais de importância para o grupo de acordo com suas necessidades. Os moradores antigos conheceram “a rua do campinho”, “a bica d’água”, “o campo do Atlântico, o do Talarico”, “as trilhas entre os terrenos da rua da Economia e Joaquim Marra, que lhes ajudavam a ‘cortar caminho’ para chegar à estação de trem da Vila Matilde”. Os mais jovens conhecem bem o trajeto do metrô, andam com seus carros pelas grandes avenidas “Radial Leste” e “Marginal”, mas preservam o conhecimento do espaço de sua rua, por meio de

³³ Cf. KOWARICK, L e BONDUKI, N. (1988:152). Os autores definem a função da COHAB: “companhia pública municipal de habitação, cuja finalidade é financiar moradias para as famílias com rendimentos inferiores a 5 salários mínimos mensais – que na Capital englobam dois terços da população –, desde a sua fundação em 1965, produziu até 1984 apenas 100 mil.

seus amigos, nas conversas no portão, na feira, ou no bar da esquina. São histórias de vida diferentes, vividas no mesmo espaço em diferentes épocas.

Portanto, a grande megalópole que é São Paulo, com sua acelerada homogeneização, ainda guarda particularidades nas vivências cotidianas que resistem ao anonimato, ao individualismo, ao consumismo. A casa e seu entorno são os lugares mais próximos da criança, que permanecem em suas lembranças, e são importantes na formação do adulto, como lugar de segurança e liberdade. Segundo MARTINS (2000:140),

O subúrbio, por ter produzido uma sociabilidade no isolamento relativo, nas dificuldades materiais de comunicação do passado, acabou por constituir um estilo de vida particular, marcado por uma peculiar mentalidade suburbana. O imaginário do subúrbio ainda hoje é um imaginário familístico rural. Mais do que mudar, o subúrbio permaneceu.

Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi estudar a história do bairro de Vila Nova Savóia, a fim de entender as relações estabelecidas entre o homem e seu espaço e recuperar a memória local, ampliando dessa forma o conhecimento sobre a história da cidade de São Paulo.

O bairro foi analisado em diversos aspectos, numa perspectiva interdisciplinar (História, Geografia, Sociologia, Antropologia Urbana, Psicologia Social, Semiótica, Lingüística e Toponímia). Nas diversas fontes consultadas da história de Vila Nova Savóia, fomos constatando que a construção dessa grande metrópole foi fruto de governantes, planejadores, mas também de pessoas anônimas, que, diante das necessidades de sua vivência cotidiana, participaram dessa construção.

O estudo de Vila Nova Savóia nos mostrou a ligação desse espaço com a Savóia européia. O elo dessa relação foi seu proprietário e denominador, o francês Jean Jules Arthaud Berthet. Adepto da filosofia positivista, ele deixou essa marca registrada nos topônimos atribuídos às ruas e avenidas desse pequeno espaço da cidade de São Paulo, elaborando uma estrutura toponímica coerente. Mais tarde, as administrações públicas, ignorando a história do lugar, desmontaram o conjunto conexo de nomes dos logradouros do bairro. Com o tempo, ele foi perdendo essa sua caracterização inicial, e hoje quase a metade dos nomes de suas ruas foram substituídos.

Através dos anos, com o rápido desenvolvimento da cidade, sem o controle e intervenção da sociedade, o bairro também mudou. De origem rural se urbanizou, da horizontalidade de sua arquitetura está começando a aderir à verticalidade, os locais de lazer (como os campos de futebol de várzea) cederam espaço para a circulação de veículos.

Ao resgatar a história do bairro por meio de entrevistas, verificamos como se deu sua evolução, mas conhecemos também o cidadão anônimo que viveu esses momentos. No ato de resgatar o passado do bairro por meio da memória torna-

ram-se visíveis as lutas e aspirações das pessoas que vivem nesse espaço. Percebemos, então, que os projetos urbanísticos modernos buscam a racionalidade, a praticidade, o lucro, mudando constantemente a fisionomia da cidade. Nesses projetos muitas vezes ignora-se o elemento mais importante: o homem.

Entre os moradores de Vila Nova Savóia foi possível encontrar traços de uma vida comunitária em que a afetividade, a amizade estão presentes, ainda que de forma frágil, muitas vezes quase imperceptível. Também constatamos que a população se preocupa em ultrapassar as carências do bairro por meio da busca por conquista de bens: culturais, de lazer, de saúde e outros.

Como afirmamos na introdução, São Paulo, a grande metrópole da América Latina, comporta muitas leituras e olhares. É uma cidade com muitos aspectos históricos desconhecidos. Esta pesquisa resgatou, ainda que parcialmente, a história de Vila Nova Savóia. Com este trabalho histórico, esperamos ter contribuído para o conhecimento, o debate e a crítica desta cidade, que abriga em seu interior grandes contradições.

Hoje, no limiar do século XXI, São Paulo aguarda soluções que levem em conta o respeito ao ser humano, fazendo com que ele se integre à cidade e seja sujeito de sua história.

Apêndice 1

Entrevistados

I – Lista das pessoas entrevistadas, moradores de Vila Nova Savóia, divididas por faixas etárias cujos dados foram tabulados

A – Faixa etária I (nascidos até 1947)

Agostinho

Data de nascimento: 05/09/25

Profissão: téc. const. civil

Morador desde: 1953

Local de nascimento: Pedregulho – SP

Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau

Entrevistado em: 10/05/97

Alonso

Data de nascimento: 15/09/23

Profissão: tapeceiro (operário)

Morador desde: 1950

Local de nascimento: Dourado – SP

Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau

Entrevistado em: 06/05/97

Catarina

Data de nascimento: 31/03/45

Profissão: contadora

Moradora desde: 1953

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistada em: 16/09/97

Cláudio

Data de nascimento: 18/12/30

Profissão: ferroviário

Morador desde: 1937

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 3.ª série – 1.º grau

Entrevistado em: 13/04/97

Daniel Data de nascimento: 07/03/28 Profissão: eletrotéc. (aposent.) Morador desde: 1939	Local de nascimento: São Paulo – SP Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau Entrevistado em: 10/05/97
Dora Data de nascimento: 12/07/23 Profissão: espuladeira Moradora desde: 1967	Local de nascimento: São Paulo – SP (Pari) Grau de escolaridade: 1.ª série – 1.º grau Entrevistada em: 10/05/97
Fernando Data de nascimento: 02/11/24 Profissão: op. “União” (aposent.) Morador desde: 1947	Local de nascimento: Espanha – Província de Cádiz Grau de escolaridade: 3.ª série – 1.º grau Entrevistado em: 12/04/97
Florisbela Data de nascimento: 09/02/33 Profissão: tecelã Moradora desde: 1951	Local de nascimento: Santa Eudócia – SP Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau Entrevistada em: 14/09/97
Francisco Data de nascimento: 14/08/32 Profissão: contador Morador desde: 1940	Local de nascimento: São Manuel – SP Grau de escolaridade: superior Entrevistado em: 28/04/97
Hilda Data de nascimento: 16/10/18 Profissão: func. públ. (aposent.) Moradora desde: 1958	Local de nascimento: Peçanha – MG Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau Entrevistada em: 21/05/97
Izabel C. Data de nascimento: 02/07/17 Profissão: dona de casa Moradora desde: 1939	Local de nascimento: Portugal – S. Miguel – Açores Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau Entrevistada em: 22/02/97
Izabel P. Data de nascimento: 18/09/17 Profissão: lavoura – tecelã Moradora desde: 1933	Local de nascimento: Sabaúna – SP Grau de escolaridade: 1.ª série (incompleta) Entrevistada em: 24/01/98
Kumio Data de nascimento: 19/09/35 Profissão: comerciante (aposent.) Morador desde: 1967	Local de nascimento: Valparaíso – SP Grau de escolaridade: 1.º grau (incompleto) Entrevistado em: 01/10/97
Luís Data de nascimento: 23/04/20 Profissão: pedreiro Morador desde: 1938	Local de nascimento: São Carlos – SP Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau Entrevistado em: 26/09/97

Manuel
Data de nascimento: 06/10/27
Profissão: comerciante
Morador desde: 1939
Local de nascimento: Portugal – S. Miguel – Açores
Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau
Entrevistado em: 15/02/97

Maria
Data de nascimento: 27/03/25
Profissão: fiação (rocadeira)
Moradora desde: 1956
Local de nascimento: Ribeirão Preto – SP
Grau de escolaridade: 2.ª série – 1.º grau
Entrevistada em: 14/10/98

Olga
Data de nascimento: 30/12/18
Profissão: operária (aposent.)
Moradora desde: 1963
Local de nascimento: Descalvado – SP
Grau de escolaridade: não estudou
Entrevistada em: 17/05/97

Oswaldo
Data de nascimento: 13/08/18
Profissão: comerciante
Morador desde: 1944
Local de nascimento: Jaú – SP
Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau
Entrevistado em: 10/10/97

Pedro C.
Data de nascimento: 11/09/25
Profissão: diretor de escola
Morador desde: 1954
Local de nascimento: Iporanga – SP
Grau de escolaridade: superior
Entrevistado em: 05/04/97

Pedro M.
Data de nascimento: 06/07/40
Profissão: barbeiro
Morador desde: 1968
Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: 1.º grau (incompleto)
Entrevistado em: 20/01/98

Rogéria
Data de nascimento: 02/04/26
Profissão: tecelã (emp. Alpargatas)
Moradora desde: 1939
Local de nascimento: Ribeirão Preto – SP
Grau de escolaridade: 1.ª série – 1.º grau
Entrevistada em: 13/09/97

Rosa
Data de nascimento: 30/09/23
Profissão: dona de casa
Moradora desde: 1947
Local de nascimento: Catanduva – SP
Grau de escolaridade: 2.ª série – 1.º grau
Entrevistada em: 17/05/97

B – Faixa etária II (nascidos entre 1947 e 1976)

Armando
Data de nascimento: 16/12/53
Profissão: professor (química)
Morador desde: 1954
Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: superior
Entrevistado em: 28/09/97

Dalila

Data de nascimento: 05/02/59

Profissão: dona de casa

Moradora desde: 1960

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 1.º grau

Entrevistada em: 06/05/97

Elizabeth

Data de nascimento: 16/10/61

Profissão: aux. desc. inf.

Moradora desde: 1961

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistada em: 28/09/97

José

Data de nascimento: 20/05/56

Profissão: anal. de org. de sistema

Morador desde: 1964

Local de nascimento: Castelo – ES

Grau de escolaridade: superior

Entrevistado em: 17/03/97

Lionete

Data de nascimento: 30/10/48

Profissão: professora P.I.

Moradora desde: 1953

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistada em: 13/09/97

Luís

Data de nascimento: 31/05/65

Profissão: economista

Morador desde: 1986

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistado em: 17/01/97

Márcia

Data de nascimento: 28/02/60

Profissão: dona de casa

Moradora desde: 1960

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 7.ª série – 1.º grau

Entrevistada em: 14/09/97

Maria

Data de nascimento: 09/05/58

Profissão: professora

Moradora desde: 1977

Local de nascimento: Jaú – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistada em: 17/08/97

Ronaldo

Data de nascimento: 05/11/72

Profissão: bancário (caixa)

Morador desde: 1973

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistado em: 07/09/97

Rosana

Data de nascimento: 23/08/64

Profissão: vendedora

Moradora desde: 1964

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior (incompleto)

Entrevistada em: 21/09/97

Rubens F.

Data de nascimento: 26/05/66

Profissão: administrador

Morador desde: 1966

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistado em: 11/04/97

Soraia

Data de nascimento: 07/02/65

Profissão: diretora/professora

Moradora desde: 1968

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistada em: 16/09/97

Tales

Data de nascimento: 28/10/63

Profissão: empresário

Morador desde: 1963

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistado em: 18/08/97

Wilson

Data de nascimento: 18/01/65

Profissão: comerciante

Morador desde: 1969

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: superior

Entrevistado em: 15/10/98

C – Faixa etária III (nascidos entre 1977 e 1985)

Adriana

Data de nascimento: 03/06/79

Profissão: estudante

Moradora desde: 1979

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistada em: 10/01/98

Alex

Data de nascimento: 04/04/81

Profissão: estudante

Morador desde: 1981

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 1.ª série – 2.º grau (em curso)

Entrevistado em: 13/09/97

Aline

Data de nascimento: 01/05/85

Profissão: estudante

Moradora desde: 1985

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 6.ª série – 1.º grau

Entrevistada em: 22/08/98

Anderson

Data de nascimento: 04/04/79

Profissão: estudante

Morador desde: 1979

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 3.ª série – 2.º grau (em curso)

Entrevistado em: 13/09/97

Andréia

Data de nascimento: 29/12/79

Profissão: estudante

Moradora desde: 1979

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistada em: 13/09/97

Cristiane

Data de nascimento: 24/05/78

Profissão: estudante/vendedora

Moradora desde: 1978

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 1.ª série – 3.º grau (em curso)

Entrevistada em: 13/09/97

Fábio

Data de nascimento: 24/11/78

Profissão: estudante

Morador desde: 1978

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 3.ª série – 2.º grau (em curso)

Entrevistado em: 10/05/97

Jenifer

Data de nascimento: 15/05/82

Profissão: estudante

Moradora desde: 1982

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 7.ª série – 1.º grau (em curso)

Entrevistada em: 04/10/97

Júlio

Data de nascimento: 25/06/77

Profissão: estudante

Morador desde: 1977

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistado em: 11/04/97

Karina

Data de nascimento: 28/08/79

Profissão: estudante

Moradora desde: 1979

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 8.ª série – 1.º grau (em curso)

Entrevistada em: 18/09/97

Leandro

Data de nascimento: 14/10/77

Profissão: estudante

Morador desde: 1982

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º grau

Entrevistado em: 10/07/97

Lucilene

Data de nascimento: 16/10/82

Profissão: estudante

Moradora desde: 1982

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 7.ª série – 1.º grau

Entrevistada em: 06/05/97

Tiago

Data de nascimento: 20/06/83

Profissão: estudante

Morador desde: 1983

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 7.ª série – 1.º grau (em curso)

Entrevistado em: 13/09/97

Vanessa

Data de nascimento: 01/05/80

Profissão: estudante

Moradora desde: 1980

Local de nascimento: São Paulo – SP

Grau de escolaridade: 2.º série – 2.º grau (em curso)

Entrevistada em: 17/09/97

II – Informantes moradores do bairro, cujos dados pessoais não foram tabulados:

Áurea, Júlia, Maria Júlia, Maria Odete, Valdemir e Rauilda

III – Entrevistados dos bairros vizinhos

Ana

Data de nascimento: 14/07/25
Profissão: professora primária
Moradora desde: 1927

Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: 2.º grau
Entrevistada em: 29/09/97

Elza

Data de nascimento: 19/08/18
Profissão: professora
Moradora desde: 1949

Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: 2.º grau (incompleto)
Entrevistada em: 21/07/99

Mafalda

Data de nascimento: 02/06/30
Profissão: dona de casa
Moradora desde: 1930

Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: 3.ª série – 1.º grau
Entrevistada em: 24/01/98

Rubens

Data de nascimento: 14/01/26
Profissão: func. púb. (aposent.)
Morador desde: 1927

Local de nascimento: São Paulo – SP
Grau de escolaridade: 4.ª série – 1.º grau
Entrevistado em: 20/01/98

IV – Familiares e amigos do denominador entrevistados

León Eugéne Arthaud Berthet

Data de nascimento: 06/01/23
Profissão: veterinário
Berthet

Local de nascimento: Campinas – SP
Relação de parentesco: filho de Jean Jules Arthaud
Entrevistado em: 27/04/97

Lucienne Souquiers Grisanti

Data de nascimento: 23/10/08
Profissão: comerciante
Entrevistada em: 09/05/97

Local de nascimento: São Paulo – SP
Relação de parentesco: amiga da família de Jean Jules
Arthaud Berthet

Lucienne Eugéne Arthaud Berthet Zuccolotto

Data de nascimento: 30/10/21
Profissão: médica
Entrevistada em: 20/03/97

Local de nascimento: Campinas – SP
Relação de parentesco: filha de Jean Jules Arthaud Berthet

Maria Cristina Duarte Arthaud Berthet Nunes de Sousa

Data de nascimento: 07/11/48
Profissão: instrumentadora cirúrgica
Entrevistada em: 27/04/97

Local de nascimento: São Paulo – SP
Relação de parentesco: neta de Jean Jules Arthaud Berthet

Obs.: Optamos por usar apenas o primeiro nome para identificar os moradores e o nome completo para identificar os familiares do denominador.

Apêndice 2

TOPÔNIMOS DE VILA NOVA SAVÓIA NO PLANO		
Planta de 1922** entregue em 1938 ao Cartório de Registro de Imóveis	Planta do Loteamento (propaganda – 1929)	Mapa Topográfico – SARA – 1930
1. av. Pasteur	1. av. Avanti Savóia	1. av. Da Fraternidade
2. av. Napoleon	2. av. Napoleão	2. (aparece parte do traçado entre as ruas da Economia e do Trabalho, sem denominação)
3. —	3. lgo. Bela Vista	3. —
4. —	4. lgo. do Brasil*	4. —
5. —	5. lgo. Pasteur*	5. —
6. —	6. lgo. dos Allobroges*	6. —
7. rua da Felicidade	7. rua da Felicidade	7. rua da Felicidade (traçado mais extenso diferente do original e do atual, extensivo à atual rua Adolpho Asson)
8. rua da Economia	8. rua da Economia	8. rua da Economia
9. rua do Progresso	9. rua do Progresso	9. rua do Progresso
10. rua da Ordem	10. rua da Ordem	10. rua da Ordem
11. trav. do Bem	11. trav. do Bem	11. —
12. rua do Trabalho	12. rua do Trabalho	12. rua do Trabalho
13. rua da Saúde	13. rua da Saúde	13. rua da Saúde
14. rua da Perseverança	14. rua da Perseverança	14. rua da Perseverança, aparece na Vila Talarico, no lugar da rua hoje denominada rua Bento Quirino (localização incorreta)
15. av. Talarico	15. av. Talarico	15. av. Talarico
16. estr. de r. de Itaquera a São Paulo	16. estr. de r. de Itaquera a São Paulo	16. estr. de Guaiaúna
17. ribeirão Guayauna	17. ribeirão Guaiaúna	17. ribeirão da Gamelinha
18. —	18. —	18. —
19. —	19. —	19. —
20. —	20. —	20. —
21. —	21. —	21. —

(*) Largos que foram planejados mas nunca existiram.

ORIGINAL E NOS MAPAS DE 1930, 1953 E 1984/1994	
Planta original da Lei n.º 4.371/53	Topônimos atuais MOC – 1984 e Guia Mapograf de 1994
1. av. da Fraternidade	1. av. Pasteur
2. av. Napoleão	2. av. Napoleão
3. —	3. pça. Euclides Pereira da Silva
4. —	4. —
5. —	5. —
6. —	6. —
7. Traçado correto, mas sem nomeação	7. rua Rio da Bagagem
8. rua da Economia	8. rua da Economia
9. rua do Progresso	9. rua Serra da Sentinela
10. rua da Ordem	10. rua da Ordem
11. —	11. rua do Bem
12. rua do Trabalho	12. rua do Trabalho
13. rua da Saúde	13. rua Gregório Souza
14. rua da Perseverança	14. rua Adolpho Asson (Guia) rua Adolfo Asson (MOC)
15. rua Joaquim Marra	15. rua Joaquim Marra
16. est. de Guaiaúna	16. av. Waldemar Carlos Pereira
17. (só existe o traçado)	17. córrego Gamelinha
18. (traçado de uma rua sem saída)	18. rua Felício Antônio Pepe
19. —	19. V.L. trav. Armando Cabral
20. —	20. V.L. s/ nome – trav. da rua Joaquim Marra
21. —	21. av. Direita e av. Esquerda (Marginais planejadas para o córrego Gamelinha) – (MOC) av. Margarida Maria Alves (Guia)

(**) Planta depositada no Cartório de Registro de Imóveis em 1938, devido à exigência do Decreto-lei n.º 64 de 10/12/1937 (federal), que “dispõe sobre o loteamento e a venda de terrenos para pagamento em prestações”.

Apêndice 3

LEVANTAMENTO COMPARATIVO DA ÁREA TOTAL DOS BAIROS PRÓXIMOS A VILA NOVA SAVÓIA	
Jardim Maringá	570.396,25 m2 (Planta AU 5283)
Vila Guilhermina	565.404 m2 (Planta AU 1209)
Vila Matilde	523.377m2 (Plantas do setor de cadastro da AR-PE)
Vila Talarico	1.ª gleba: 283.913,51 m2 (Planta AU 1740) 2.ª gleba: 206.753,51 m2 (Planta AU 1698) Total: 409.667,02 m2
Vila Dalila	272.031,23 (Plantas do setor de cadastro da AR-PE)
Vila Eutália	270.212,00 m2 (Planta AU 147)
Jardim Assunção	258.379,50 m2 (Planta AU 5120)
Vila Nova Savóia	222.128,58 m2 (Auto de regularização de loteamento)

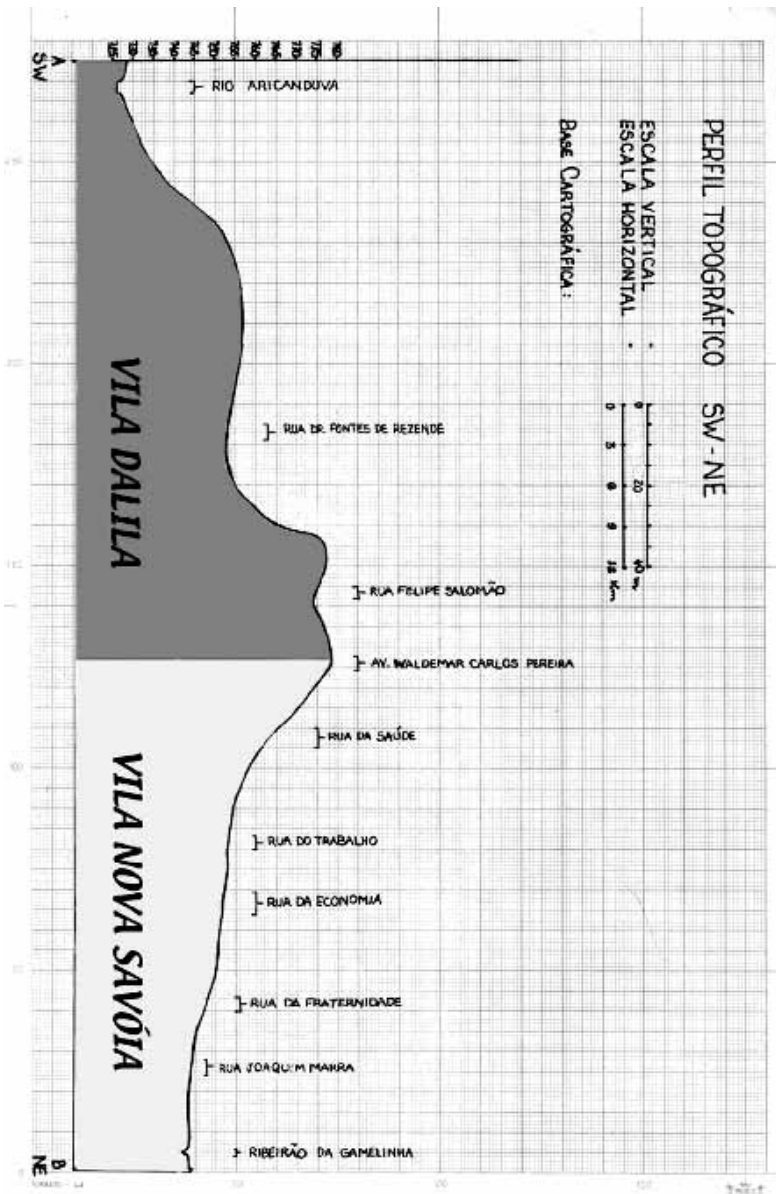
Apêndice 4

LEVANTAMENTO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DE VILA NOVA SAVÓIA*	
Oficina de autos	15
Bar e lanchonete	14
Salão de barbeiro, cabeleireiro e depilação	11
Loja de roupas e calçados	10
Autopeças, som e elétrico	7
Escola particular — educação infantil	6
Pequena empresa	5
Mercearia e quitanda	4
Papelaria	4
Consultório dentário e médico	4
Escritório contábil, advocacia, imobiliário	4
Foto, disco e eletrônico	4
Pastelaria	3
Banca de jornais	3
Doçaria	3
Óptica e relojoaria	3
Banco	2
Padaria	2
Farmácia	2
Perfumaria	2
Restaurante e pizzaria	2
Loja “Tudo por 1 real”	2
Marmoraria	2
Mercado	1
Depósito de materiais de construção	1
Comércio de móveis	1
Garagem de ônibus	1
Açougue	1
Igreja	1
Alfaiate	1
Oficina de conserto de eletrodomésticos	1
TOTAL	122
(*) Realizado entre novembro de 1999 e janeiro de 2000.	

Apêndice 5

LEVANTAMENTO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS POR LOGRADOUROS*	
Av. Waldemar Carlos Pereira	56
Av. Pasteur	21
Av. Napoleão	14
Rua Joaquim Marra	13
Rua Gregório ousa	7
Rua da Economia	5
Rua do Trabalho	4
Rua Serra da Sentinela	1
Rua da Ordem	1
TOTAL	122
(*) Realizado entre novembro de 1999 e janeiro de 2000.	

Apêndice 6



(*) Perfil Topográfico baseado nos dados das curvas de nível encontrados na folha 54 do Mapa Topográfico do Município de São Paulo, SARA BRASIL S/A, escala 1:500, 1930, elaborado por Lígia Maria Real Leite.

Apêndice 7

Características arquitetônicas e urbanísticas



Casa ao lado de prédio, construída em 1951, com pequena varanda e um nicho com a imagem de São Sebastião (estilo utilizado pelos primeiros moradores, desde 1922). Rua do Trabalho, n.º 78 (1997)



Casa com banco na calçada, típica das cidades do interior, adequado para as conversas com os vizinhos. Av. Napoleão, n.º 274 (1999)

Fonte: Fotografias do arquivo da autora.

Apêndice 8

Córrego Gamelinha em três momentos.



Antes da canalização (1980)



Durante as obras (1990)



Após a canalização (1999)

Fonte: Fotografias n.ºs 1 e 2 cedidas pelo fotógrafo Gonçalo A. Corrêa.
Fotografia n.º 3 do arquivo da autora, vista aérea.

Apêndice 9

Um bar em dois momentos



Fotografia do bar do Sr. Oscar (atrás do balcão), em 1965, av. Napoleão, n.º 308 (antigo n.º 46)



Fotografia do mesmo bar, em 1999, adquirido, em 1967, pelo pai do atual proprietário. Sr. José Luís (atrás do balcão)

Comentários

O tipo de comércio mais comum no bairro são os bares ou “botecos”, que funcionam como ponto de encontro dos moradores, principalmente dos homens.

Em cada fotografia, podemos encontrar referenciais de épocas distintas: na 1.ª foto, a balança, a cadeira torneada e as caixas de biscoitos São Luís; na 2.ª foto, temos o contraste do novo com o antigo: o balcão e as prateleiras são os mesmos, apesar do novo revestimento, mas encontramos, dentre outros, a televisão, a geladeira de sorvetes e uma faixa na qual se anuncia o aceite de “tickets” (forma comum de auxílio-alimentação nos dias de hoje).

Fonte: Fotografia n.º 1 cedida por Dalila (nossa entrevistada).
Fotografia n.º 2 do arquivo da autora (1999).

Apêndice 10

O lazer nas ruas do bairro



Vôlei na rua Rio da Bagagem



Crianças brincando na rua Gregório Sousa e mães sentadas na calçada observando-as



Futebol na av. Napoleão



Vôlei na rua do Trabalho

Fonte: Fotografias do arquivo da autora, 02/11/1999.

Apêndice 11

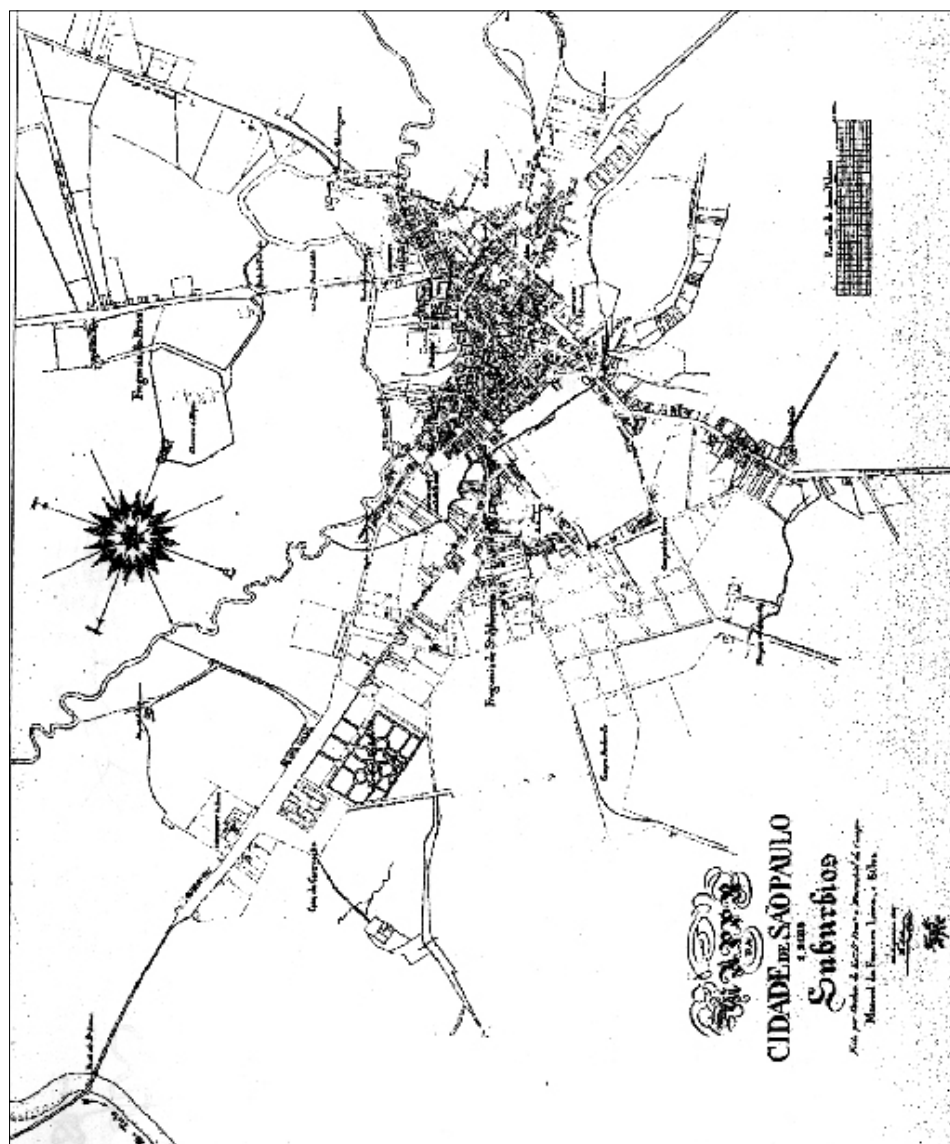


Vista aérea do bairro (1997): no sentido bairro–centro, percebemos que Vila Nova Savóia mantém suas construções horizontais. Quanto mais nos aproximamos do centro, mais se intensifica a verticalização. No Distrito do Tatuapé, ela se encontra em ritmo acelerado. Fonte: Fotografia do arquivo da autora.



Estação de trem de Vila Matilde, que conserva sua cobertura estilo original (década de 20) à esquerda. À direita vemos o trilho do metrô (símbolo da modernidade). Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 16 de setembro de 1995. Caderno Seu Bairro – Leste. p. Z6-Z7.

Anexo 1



Anexo 4A

“ Todos, proprietários ! ”

É o sonho dos povos criteriosos, o ideal das nações avisadas mais adiantadas!

Indo ao encontro da melhor solução pratica deste sacrosanto problema, é, portanto, fazer obra humanitaria, de felizes e mais fecundas consequencias sociais.

Oferecer a preços razoaveis, conscienciosos, ao alcance dos meios afortunados, casais e terrenos a prestações, auxiliando-os sob todas as formas e por todos os meios possiveis, é prestar os melhores serviços á causa, tão digna de interesse, da classe dos trabalhadores e dos pequenos empregados ou funcionarios.

E, são certamente as vantagens, as boas razões incontestaveis, enumeradas, que fazem com que fcas vendas de terrenos e casas a prestações têm actualmente tanto successo, em toda parte, em São Paulo, no Brazil e no mundo inteiro.

Sem duvida, tambem, são os mesmos motivos, bem como os preços modicos e as excellentes condições encontradas na “Nova Savoia”, tão perto e tão bem situada, que explicam como os seus terrenos são e foram logo muito procurados, mesmo antes de se abrir publicamente a venda.

Eis, porque deveis, quanto antes, vos apressar de vir, fazendo um lindo passeio, escolher um ou mais lotes, antes de ver estes se esgotarem rapidamente!

APROVEITEM EMQUANTO E' AINDA TEMPO!!

Para este fim, EM QUALQUER DIA ÚTIL DA SEMANA e a qualquer hora, dirigem-se: 17 rua Galvão Bueno, perto do Largo da Liberdade. Servem todos os bondes da rua Liberdade: 5-26-30-39-41-42, descendo no Largo da Liberdade, bem como todos os bondes da rua da Glória: 4-20-22-28-32, descendo esquina da rua dos Estudantes.

Receberão lá todas as informações, acharão um automovel particular á sua disposição.

AOS DOMINGOS E DIAS FERIADOS, podem ir, directamente á “Nova Savoia”, Chacara do Encanto, pelos 16 suburbios da Central, até a 2.ª estação de Villa Mathilde, 20 min. de trem, ida, partidas da Estação do Norte: 4.45, 5.50, 7.20, 10.30, 12.30, 16.30 17.50 e 19.10.
volta, chegadas á “ ” : 5.30, 6.25, 8.45, 9.45, 12.25, 14.45 17.30 e 20.55.

ou pelos 4 mixtos: part. 7.08, 15.00,
cheg. 10.54, 17.55.

ou ainda pelo bonde, n. 6 — Penha — até rua Guayayana, onde acharão o automovel “Villa Mathilde”;
ou, enfim, depois de previa combinação, pelo dito automovel particular.

N. B. IMPORTANTE — Os títulos e documentos de propriedade, garantidos, matriculados, acham-se no Segundo Tabelionato da Capital, onde podem ser examinados e feitos já bem verificados, até mais de 300 annos atrás. — sem nenhuma dúvida. — nas multiples e recatas varias parcelas da mesma antiga grande Fazenda “Arcaanduva”, especialmente pelo importante “Emprego de Terrenos Arcaanduvenses Ltda” — IV “O Estado de S. Paulo” — 2 edição de 1899 — bem como pelas numerosas villas e varias seções da Villa Mathilde, já todas constituidas e povoadas, sem se ter apresentado nenhuma reclamação ou contestação, e, actualmente, todas, em franco progresso, com grande adiantamento de construcções e melhoramentos progressivos de toda especie.

Parte da propaganda do loteamento V. Nova Savoia (frente)

Anexo 4B

NOVA SAVOIA

A cinco minutos de VILLA MATHILDE

(2.ª estação da E. F. Central do B.)

Penha - SÃO PAULO

No perímetro da Cidade

Vizinhança toda povoada, até o Centro; Grandes e numerosas facilidades de comunicações: 16 subúrbios, 20 minutos; bonde Penha, (e, em breve outros); autobus; 2 excelentes estradas para automóveis, caminhões, pela Av. Celso Garcia ou pela rua Padre Adelino; a 10 km. do Largo da Sé, 15-20 minutos.

Terrenos esplendidos

das melhores, mais perto, mais bem situados, mais bem feitos, a **PRESTAÇÕES MODICAS**, desde 30\$ mensaes, **ao alcance de todos**, com **5.000 tijolos gratuitos** e ajuda para a construção de **casas**, em breve, também, a prestações, bem inferiores aos alugueis da Cidade.

Prestações a **longo prazo** de 5 ou 6 annos, sem juros, ou a dinheiro, com grande **desconto** de 20 %; posse **immediata**, com **todas as facilidades e auxílios diversos**, para a primeira instalação.

Grande futuro pela rápida **valorização**, devida ao vertiginoso **progresso e aumento** de São Paulo. "**Chicago**" da America do Sul.

Bairro aprazível, pittoresco, **multo subire**; boas altitudes de 755 a 805 m., **sem um palmo inundavel**, como ficou bem provado em 1928-29; **excellente clima**; ar puro, vivo, hygienico; **agua muito boa**, potavel, em toda parte, já **analysada e achada optima e saudavel**, por ser **leve e agradavelmente mineralizada, ferruginosa e radioactiva**; **bellissimo panorama**, vistas esplendidas; **tudo fazendo lembrar a belleza e os lindos sitios, tão afamados, da baixa "SAVOIA" europeia.**

PAPETERIA BRASILEIRA - Rua Richeuça, 22 - S. PAULO

Parte da propaganda do loteamento V. Nova Savóia (frente)

Anexo 4C

BELO ARRUAMENTO MODERNO; ruas de 16 m., com varios fargos que serão arborisados e ajardinados; **BONITOS LOTES** de 350 a 500 mq., optimamente traçados e já todos demarcados; luz electrica, em installação; **escola, igreja proprias**, projectadas; já **todas as commodidades essenciaes:** fornecedores diarios de pão, leite, carne e outros mantimentos, a domicilio; emporios, pharmacia, escolas; transportes facis pela Central e por caminhão.

PREÇOS CONVIDATIVOS, MUITO RAZOAVEIS, comparativamente dos mais baixos, visto a proximidade, a excellente situação topographica, a belleza do lugar, dos terrenos, dos lotes e os multiplos e facilis meios de communicação; **PRESTAÇÕES DESDE 30\$ MENSAES** ou **5\$000 POR MQ.L.** — ainda com **5000 tijolos gratuitos**, fornecidos por olaria propria, — **enquanto que vigoram, na vizinhança, os preços de 10-15-25-30\$ e mais, por mq., que correspondem a 70-80-100-150 e 200\$ mensaes!!**

VARIOS TYPUS DE CASAS ECONOMICAS, HYGIENICAS, COMMODAS, SOLIDAS, bem dispostas; **assistencia** nas construcções, no fornecimento dos materiaes e, **auxilio em tudo**, para satisfazer, desde já, leis, regulamentos e exigencias da Prefeitura e do Serviço Sanitario; brevemente, **logo que fôr possível, tambem serviço de casas a prestações.**

**MELHORES CONDIÇÕES POSSIVEIS!
E MAXIMUM DE VANTAGEMS**

Compra de terreno e casa a prestações

E' a verdadeira solução, a mais efficiente, da carestia de vida e de aluguels.

Quanto é mais vantajoso, mais previdente e mais intelligente, adquirir uma casa e um terreno, que ficarão seus, irão se valorizando rapidamente e servirão de patrimonio aos filhos!

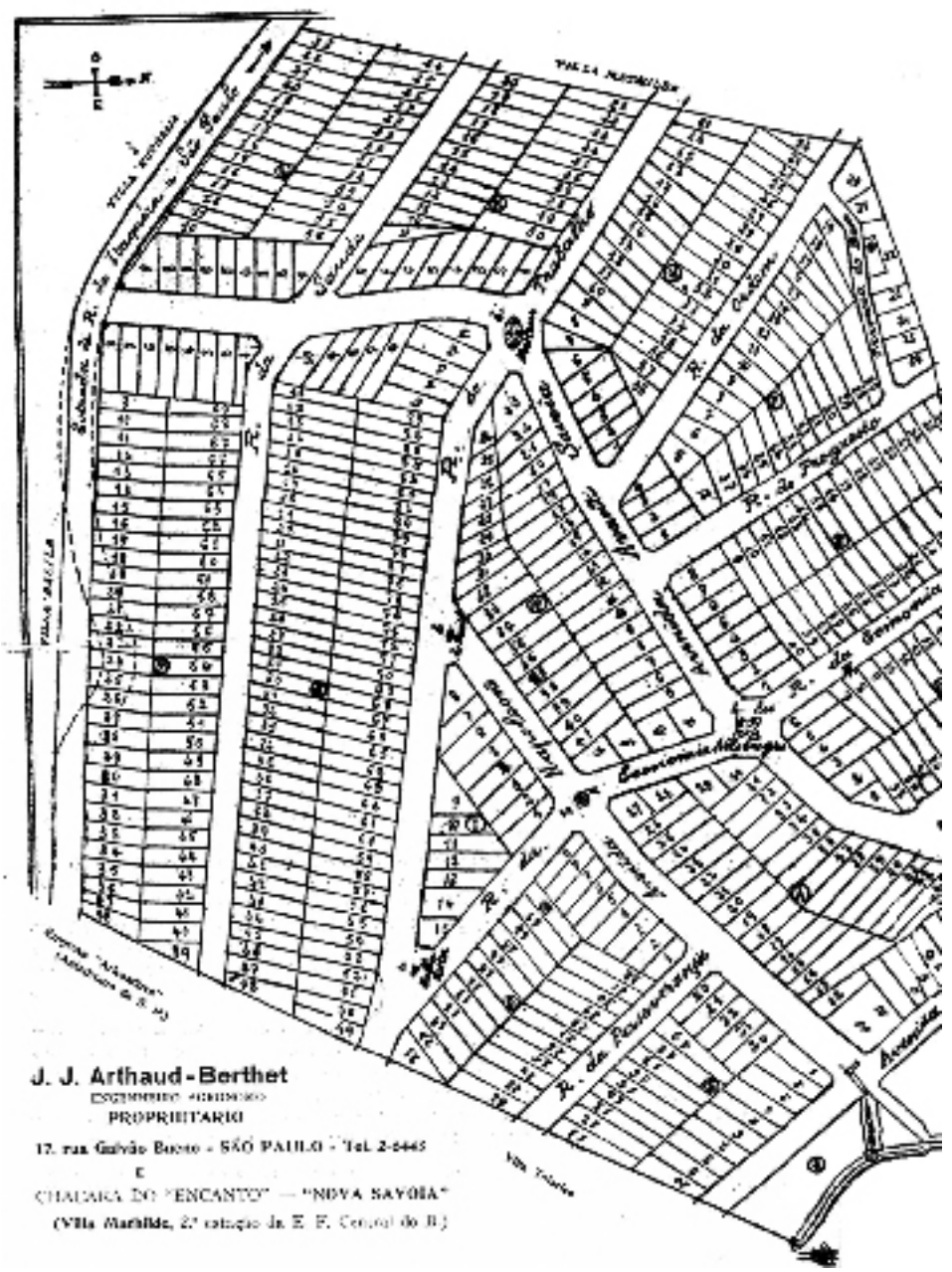
Paga-se pouco, mensalmente. Gasta-se muito menos que na Cidade, onde tudo é mais caro, principalmente os aluguels, mesmo de simples quartos, porões, cortiços ou casas, sem espaço, sem commodidades, sem hygiene **ficando ainda o dinheiro gasto, perdido para sempre!!**

Comprando um ou varios lotes, ao seu gosto, na "Nova Savoia", tudo é melhor: lugar, clima, espaço, meio, saúde e futuro para si e sua familia! Economia, vida boa, sã! Independencia, interesse, bem estar, alegria, felicidade do dono, em casa propria, com sua horta, seu jardim, suas plantações! Lá, consegue-se tudo, suavemente, com pequenas prestações, vivendo bem, e, em 5-6 annos, apenas!

E' o melhor emprego de dinheiro!, é a melhor caixa economica!

Parte da propaganda do loteamento V. Nova Savóia (frente)

Anexo 5A



Mapa do loteamento publicado no verso da propaganda de V. Nova Savóia

Anexo 5B

“Nova Savoia”

Villa Mathilde - Penha
São Paulo

COM UMA AVENIDA JÁ APROVADA E EM BREVE CONSTRUÍDA, DE 40 METROS DE LARGURA, QUE LIGARÁ EM LINHA RECTA, O PARQUE D. PEDRO II E A VILLA MATHILDE EM UMA EXTENSÃO DE 10 KILOMETROS —

TERRENOS

A PRESTAÇÕES desde 300 mensais ou a diáritra, com 5000 títulos gratuitos para construir a casa.

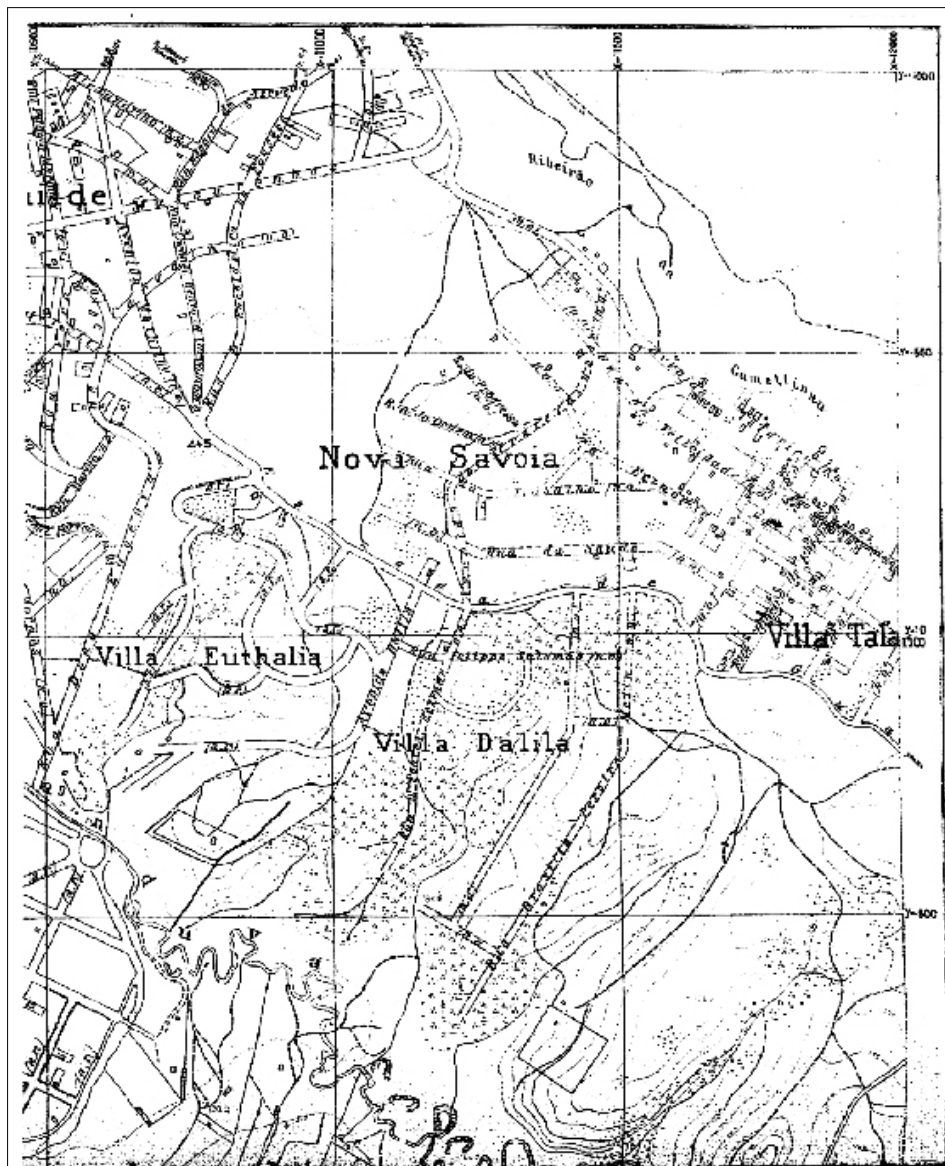


Esplendidos lotes na península da CAPITAL, a 8 kms. da 2ª estação DE VILLA MATHILDE. DE DA E. F. COSTA DO B.

Vizinhança toda povoada até o centro da cidade; — excelentes e numerosas facilidades de comunicações: 20 suburbanos e muitos dias da Central, 1.ª cl., ida e volta, 500 r.; 2.ª cl., azulejadas metálicas para 1 viagem diária, \$5; — bondê n.º 5 — Penha — com ônibus Villa Mathilde, correspondendo na rua Guayana; — 15-20 min. de automóvel, nas 2 óptimas estradas, Av. Celso Garcia ou R. Padre Adelfino; — já todas comodidades, fornecimentos diários, e domicílio.

Automóvel particular para visitar, 17 rua Galvão Bueno — S. Paulo.

Anexo 6



Parte da folha nº54 do Mapa Topográfico do Município de São Paulo elaborado pela empresa SARA BRASIL S/A - 1930

Anexo 7

MOVIMENTO CIVICO DO 38º SUB-DISTRITO

Vilas: Morumbi, Arcanjo, Dalila, Maringa, Estrela, Tolancia, Guiberti (s), Faniarco, Amur Almas, etc.

Sede Provisória: Rua Dur. Matilde, 153 (PERTO DO CINE SÃO JOÃO)



Bernardo Carvalho — 18870



Professor Marinho Neto — 12922



Prof. Jorge Lima Neto

CIRCULAR N.3 Prévia Popular Eleitoral (Pró vereador do Bairro)

INSTRUÇÕES

REALIZAÇÃO:

DIA 7 DE ABRIL DE 1964 (DOMINGO) DAS 8 AS 16 HORAS.

LOCAIS DE VOTAÇÃO:

PONTOS FINAIS DAS VIAS QUE SERVEM O SUB-DISTRITO IV: ARICANDUYA, MATILDE, DALILA, MARINGÁ, CUSTÁLIA, TALARECO (CIDADE), CUIHETEMBA, CIDADE, PATRIARCA, ARTUR ALVES.

FORMA DE VOTAÇÃO:

SEMELHANTE ÀS ELEIÇÕES ORDINÁRIAS, MEDIANTE CÉDULA ÚNICA TORNICIDA PELA COMISSÃO ELEITORAL, CONTENDO OS NOMES DE TODOS OS INSCRITOS. O ELEITOR DO BAIRRO ESCOLHE LIVREMENTE O NOME DE SUA PREFERÊNCIA, ASSINALANDO COM UM X OU - NO RE-TANCULO NA FRENTE DO NOME QUE PREFERIR.

COMO PODEE VOTAR:

COMPARECER A UM DOS LOCAIS DE VOTAÇÃO, SEM MEMBRO DO M.C. OU INSCRIVER SE NO ATO, PREENCHENDO FICHA DE INSCRIÇÃO (GRATIS), TRAZER TITULO ELEITORAL DO BAIRRO.

APURAÇÃO:

TODAS AS URNAS SERÃO ENCAMINHADAS AO RUCINIO DA APURACAO.

A APURACAO INICIA-SE AS 17 HORAS, APÓS O ENCERRAMENTO DO PRESIDENTE DA COMISSAO APURADORA PROCLAMA O RESULTADO, ANUNCIANDO O NOME DO LEGITIMO CANDIDATO POPULAR DO BAIRRO, ESCOLHIDO PELOS MBRADORES.

APÓS AS SOLEMNIDADES DE ENCERRAMENTO O SEU SERA TODOS POR UM E UM VOTO DO SUB-DISTRITO.

INSCRITOS

INSCRITOS QUE SE ENCONTRAM E ASSINARAM COMPLESSIVO DE NOMES DE ACATAR O RESULTADO DA PRÉVIA E DE OS MENOS VOTADOS DESTITUIREM DE SEUS CANDIDATOS.

BERNARDO CARVALHO — 18870;
FRANCISCO MARINHO NETO — 12922;
PROF. JORGE LIMA NETO;
DE MANOEL COMES MARTINS P.
MANOEL PONTE ALEMEDO — 12922;
PROF. NELSON DA MOTA PACHECO (PROF. NELSON),
DINIZ, ROY;
WILLIAM CADEIRA.

COMPAREÇA — PRECISE — SUA BARRISTA — UNA-SE — COOPER.

MARÇO DE 1964



Nelson Coimbra



José Neto



Prof. Manoel Gomes Martins P.
1921 10324



Prof. Manoel Gomes Martins P.



Manoel Ponte Alemedo — 12922

Cartaz do Movimento Cívico do 38º subdistrito - 1964

Anexo 8

AS PESSOAS QUE MORAM NAS PROXIMIDADES DO RIO GAMELINHA

Queremos comunicar à população, que no dia 04/02/86, quatorze representantes do "Movimento pela Canalização do Rio Gamelinha" estiveram no Gabinete do Secretário de Vias Públicas, reivindicando a canalização do rio.

A princípio, o Sr. Secretário negou-se a atender nosso pedido, alegando entre outros motivos a falta de verba. Expusemos os problemas que as enchentes têm causado à população. Falamos também sobre a nossa organização como "Movimento Popular". Depois de um forte diálogo, conseguimos a promessa de que as obras de canalização serão iniciadas em agosto ou setembro deste ano, conforme documento que segue:



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE VIAS PÚBLICAS

São Paulo, 04 de Dezembro de 1985

As residências de Vila Matilde:

Assábi seus representantes e informo que a Vila Gamelinha, está no programa prioritário de obras da Prefeitura. Entre Agosto/Setembro deste ano, daremos começo às obras. Quanto a limpeza do córrego e outras providências estamos trabalhando.

REYNALDO DE OLIVEIRA

Secretário de Vias Públicas

ATENÇÃO! Isso não significa que conseguimos a canalização. É importante continuarmos mobilizados na luta.

O nosso "Movimento" teve início em fevereiro de 83, quando tivemos uma das maiores enchentes em nossa região. Lutamos durante todo o ano de 83 e 84, fazendo reuniões e comparecendo em audiências nas várias Secretarias Municipais: Sec. de Vias Públicas, Defesa Civil, Sec. Adm. Regionais e até Companhia do Metrô.

Conseguimos duas limpezas para o rio e desratização, como também um levantamento topográfico do rio, realizado pelos engenheiros do Gabinete do Prefeito. Em 1.985 reiniciamos nossas atividades com reuniões todas - as sextas-feiras.

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DO FINAL DE 85 E INÍCIO DE 86

- 29/11 - Reunião de apoio ao Movimento, com a presença do Deputado Eduardo Jorge do PT.
- 30/11 - Reportagem sobre o Rio Gamelinha pela Rádio Capital.
- 01/12 - Reportagem do Rio, com fotos no Diário Popular.
- 05/12 - Audiência da Comissão com os engenheiros do Gabinete do Prefeito, acompanhada pelo Dep. Eduardo Jorge do PT.
- 07/12 - Passeata pelas ruas do Bairro, pedindo a canalização.
- 08/12 - Reportagem da Passeata no Diário Popular.
- 09/01/86 - Encontro da Comissão com o Administrador Regional.
- 24/01 - Palestra sobre "Leptospirose" (doença transmitida pela urina do rato) feita pelo Dr. Roberto Gouveia.
- 04/02 - Audiência com o Secretário de Vias Públicas.

Como se vê, nada se constrói sem luta. Nossa vitória é o resultado de um trabalho unido da população do nosso Bairro. E a luta continua... O Movimento está aberto a todas as pessoas que desejam ver seu bairro em melhores condições.

Esperamos por você!
Todas as sextas-feiras às 20:00 horas
Na E.E.P.G. "Dom Bernardo Rodrigues Noqueira"
R. D. João Maria Ogno, 60 - Vila Matilde.

MOVIMENTO PELA CANALIZAÇÃO DO RIO GAMELINHA

Documento: Carta aos moradores das proximidades do córrego Gamelinha elaborado pelos membros do movimento pela canalização do córrego Gamelinha.

Anexo 9



I MOSTRA DE ARTE POPULAR Movimento Cultural de Vila Nova Savóia - 27/03/85

MOVIMENTO PRÓ-CENTRO CULTURAL DE VILA SAVÓIA E BAIROS ADJACENTES

Data da fundação: 09 de novembro de 1981

Local de Reuniões, Atividades e Eventos: EEPG "Dom Bernardo R. Nogueira" - Rua D. João Maria Ogon, 60 - V. Matilde (gentilmente cedido pela sua Diretora, Profa. Maria Aparecida M. Pinheiro).

Endereço para correspondência: R. Joaquim Serra, 1556 - V. Nova Savóia - São Paulo - CEP 03514 - Telefone: 295-6371

DIRETORIA - Presidente: Francisco Marinovic Dorzi; Vice-Presidente: Carlos Augusto Rovina; Secretário Geral: Euclides Perdel de Oliveira, 1º Secretário: Rita de Cássia Gillo, 2º Secretário: Estelir Cardoso França, Tesoureiro Geral: Edine Azevedo, 1º Tesoureiro: Catarina Cetim, 2º Tesoureiro: Irene Rovina.

DEPARTAMENTOS - Teatro: José Antonio S. Vilela, José Andrade de Lima, Pedro Luiz de Franca Neto; Literatura: Norma Marinovic Dorzi, João Raimundo Coutinho, Marlene Fernandes, Gilberto Delfino Ferreira; Artes Plásticas: Carlos Alberto de Andrade Mattos, Sueli Camargo Franco, Magali Azevedo; Fotografia: Gonçalo Alves Correa; Divulgação e Shows: Laudelino Duéno, Maria José Castello Branco, Benusa Timoteo, Braz Fernando Penarotti.

HISTÓRICO:

I - Luta junto aos Poderes Públicos visando a conquista de "espaço cultural" para Vila Nova Savóia e Bairros Adjacentes.

O projeto inicial do MOVIMENTO tinha por objetivo conseguir para este Setor da Zona Leste uma Biblioteca, um Teatro e uma área de lazer-esporte. Entretanto, como a tramitação seguiu por duas Secretarias (Cultura e Esportes) e, tendo o grupo consciência das enormes dificuldades de uma dupla tramitação, em Assembleia resolveu-se que os esforços seriam canalizados inicialmente para a conquista do ESPAÇO CULTURAL (Biblioteca-Teatro) e, numa segunda fase, esporte e lazer.

Para encaminhar o pedido, o MOVIMENTO realizou:

a) levantamento das áreas que poderiam tornar-se no futuro um "espaço cultural";

b) obtenção de assinaturas da população e das 13 (treze) escolas interessadas no projeto.

- Março/1982: Comissão em audiência com o então Secretário, Dr. Mário Chamie, entregou o PEDIDO e sugestões para o projeto.

Com a troca de Governo, aumentaram os contatos junto à Secretaria Municipal de Cultura. Surgindo no bairro um espaço que poderia abrigar uma biblioteca e um teatro, procurou-se conseguir da Prefeitura o aluguel do prédio com 1.300,00 m². Não foi possível a concretização.

- A S. M. de Cultura, através do "Projeto Cultural na Cidade", ofereceu um círculo e o MOVIMENTO deveria assumir a administração do mesmo. Decidiu-se não aceitar, uma vez que para montá-lo seria necessário destruir o único local de lazer existente: campo de futebol de várzea. Os componentes do MOVIMENTO constataram que já inúmeros campos foram destruídos pela implantação do Metrô (Itstet) e pela especulação imobiliária, deveria respectivamente o único espaço que ainda sobreviveu na comunidade para o futebol varzeano.

- A Diretoria, esteve junto ao proprietário do ex-cinema "Caboclo", visando a possibilidade de doação, mas foi negada.

II - CONHECIMENTO E APOIO À PRODUÇÃO CULTURAL LOCAL

O MOVIMENTO tem procurado conhecer a produção local, elaborando um fichário com nomes, endereços e atividades artísticas desenvolvidas pelos moradores deste Setor da Zona Leste.

Entrosamento com a Comunidade incentivando e apoiando artistas e Grupos cadastrados a participarem das atividades culturais.

Atividade atual: aulas de Música e formação de Coral pelo Maestro Joaquim Paulo do Espírito Santo, com apoio da S. M. de Cultura.

Projeto "A Cidade Canta": Corais, Concerto Música de Câmara.

EVENTOS REALIZADOS:

1984 - Teatro: "Até vem o Dilúvio" adaptação Musical Infantil, com o Grupo União, "Minha Orkem e Lei" comédia com Grupo Luz de Esquina, "Retrato", peça musical com o Grupo Construção Shows Musicais: "Musica Jo vem", com o Conjunto Chave Geral, "Sessão da Pesada" com o Conjunto Dinâmicos do Samba, Coral: com o "Conjunto Coralidade do Col. S. José", "Coro do J. Maringá" - Prof.ª Tomáze. Variedades: "Esperança de Capoeira" com os Os Capelas da Bahia, "1ª MOSTRA DE ARTE POPULAR", na EEPG "Dom Bernardo", em 27/03/84, "2ª FEIRA DO ARTESANATO", na EEPG "Dom Bernardo", em 26/05/84.

1985 - Teatro: "Transição e Continuidade", peça com o Grupo Fecundura V. Guilherme. Coral: "Coral da E. M. 19 de Novembro"; "Coral Sol a Fina"; "Coraiste da E. P. Virgem do Pilar". Literatura: Concurso de Poemas, Palestra sobre "Literatura" pelo Prof. João Ramonino Coutinho. Musical: Banda "Corporação Semelhantes". "11ª MOSTRA DE ARTE POPULAR", na EEPG "Dom Bernardo", em 17/03/85. Participação na "11ª PHA DA ARTE" realizada pelo MCP em 7/09/85.

Histórico do Movimento pró Centro Cultural de V. Nova Savóia, e bairros adjacentes publicado pela Prefeitura do Município de São Paulo em 1985. Publicação: "I Congresso de movimentos populares de Cultura na Cidade de São Paulo, p. 11 e 12.

Anexo 10



Mapa: São Paulo Chácaras, Sítios e Fazendas ao redor do Centro. Destaque para um sítio denominado "Aricanduva"

Documentação básica

Mapas e plantas

1 – São Paulo Antigo – (Coleção de plantas da cidade – 1810-1897) São Paulo, Publicação da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

2 – São Paulo. Chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro, s.d. In: TOLEDO, Benedito Lima de. Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo. São Paulo: Empresa das Artes, p. 57, 1996.

3 – Mapa original do loteamento de Vila Nova Savóia, elaborado por Diogo de Carvalho em 1922, depositada no 7.º Cartório de Registro de Imóveis da Capital, Livro n.º 8.

4 – Mapa e texto de propaganda do loteamento de Nova Savóia, data aprox. 1929.

5 – Mapa Topográfico do Município de São Paulo, elaborado pela Empresa SARA BRASIL S/A, escala:1: 5.000, 1930, folhas 39, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 67, 68, 69, 70 e 71.

6 – Mapa da cidade de São Paulo, originário da Lei n.º 4.371/53, 1953 (CASE–SEHAB).

7 – Mapa Oficial da Cidade/MOC – PMSP– Secretaria de Finanças, Departamento de Rendas Imobiliárias, CADLOG/Cadastro de Logradouros, setembro/1984, folhas 9L e 10L.

8 – Planta AU–1740* (Vila Talarico)

9 – Planta AU–5120 (Jd. Assunção)

10 – Planta AU–1209 (Vila Guilhermina)

11 – Planta AU–1579 e Planta AU–239/671 (Vila Matilde)

12 – Planta AU–5283 (Jd. Maringá)

13 – Planta ARR–2015 e 481 (Vila Dalila)

14 – Planta 157 (Vila Eutália)

15 – Levantamento Aerofotogramétrico da cidade de São Paulo. São Paulo: EMPLASA, 1990, rev. 1994.

(*) As plantas AU– Arruamento Urbanizado

Guias da cidade de São Paulo

1 – Guia de São Paulo. São Paulo: Modesto de Donato (editor e diretor responsável), ano XXXVI, 1966.

2 – Guia de São Paulo. São Paulo: Modesto de Donato (editor e diretor responsável), ano XXXVII, 1967.

3 – Guia de São Paulo. São Paulo: Modesto de Donato (editor e diretor responsável), ano XXXVIII, 1968.

4 – Guia Levi, agosto de 1973. Publicação mensal.

5 – NASCIMENTO, Oswaldo. O Guia Mapograf, São Paulo: Mapograf, 1994.

6 – _____. O Guia Mapograf, São Paulo: Mapograf, 1997 e 1999.

7 – Max Guia Cartoplan. São Paulo: Cartoplan, 2.^a ed., 1998.

Legislação geral sobre denominação de logradouros

ATO n.º 1.013, de 13 de fevereiro de 1936;

LEI n.º 4.371, de 17 de abril de 1953;

LEI n.º 7.180, de 17 de setembro de 1968;

DECRETO n.º 13.023, de 1.º de junho de 1976;

DECRETO n.º 15.635, de 17 de janeiro de 1979;

DECRETO n.º 27.568, de 12 de dezembro de 1988.

Legislação que dispõe sobre o loteamento e a venda de terrenos para pagamento em prestações

DECRETO-LEI n.º 58, de 10 de dezembro de 1937.

Legislação que institui a divisão geográfica da área do município em distritos

LEI n.º 11.220, de 20 de maio de 1992.

Decretos e lei que dispõe sobre a denominação de logradouros de Vila Nova Savóia:

DECRETO-LEI n.º 173, de 10 de outubro de 1942;

DECRETO n.º 5.369, de 13 de abril de 1962;

DECRETO n.º 6.965, de 19 de abril de 1967;

DECRETO n.º 13.255, de 16 de julho de 1976;

DECRETO n.º 14.820, de 16 de dezembro de 1977;

DECRETO n.º 15.156, de 17 de julho de 1978;

DECRETO n.º 16.189, de 12 de novembro de 1979;

DECRETO n.º 18.374, de 9 de novembro de 1982;

DECRETO n.º 23.575, de 13 de março de 1987;

DECRETO n.º 24.242, de 16 de julho de 1987;

DECRETO n.º 26.510, de 29 de julho de 1988;

LEI n.º 11.304, de 14 de dezembro de 1992.

Processo de regularização do loteamento junto à Prefeitura do Município de São Paulo:

n.º 1980-0.013.535-3

Outros documentos:

Livro n.º 8 do 7.º Cartório de Registro de Imóveis da Capital.

Bibliografia

- ABRÃO, Bernadette Siqueira. História da Filosofia. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- A HISTÓRIA de Vila Matilde. Publicação da Sociedade Amigos de Vila Matilde, por ocasião do 65.º aniversário de Vila Matilde. São Paulo, 1987.
- AMARO, Belisa. Os ventos do progresso na Zona Leste. Revista Veja São Paulo, São Paulo, p. 10-4, 1.º ago. 1990.
- AMOS, Eduardo. Se essa rua fosse minha... São Paulo: Moderna, 8. ed., 1995.
- ANGRIMANI, Danilo. Vila Clementino. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. Série História dos Bairros de São Paulo, v. 25, 1999.
- AQUI falta tudo, lamenta moradora. O Estado de S. Paulo. São Paulo, caderno Cidades, p. C8, 25 maio 1998.
- AVEZOU, R. Histoire de la Savoie. Paris: Presses Universitaires de France, 4. ed., 1949.
- AZEVEDO, Aroldo. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. São Paulo, Nacional, v. IV – Os subúrbios paulistanos, 1958.
- _____. Subúrbios orientais de São Paulo. Tese de concurso à cadeira de geografia. FFLC/USP, São Paulo, 1945.
- A ZONA Leste dos técnicos do metrô. Folha de S. Paulo. São Paulo, 1.º de abr. 1979.
- BACHELARD, Gaston. La poetica del espacio. México: Fondo de Cultura Económica, 2. ed., 1986.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. A evolução do pensamento de Pereira Barreto. São Paulo: Gryalbo, 1967.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral II. Campinas: Pontes, 1989.

- BERTHET, Gaston A. Aventurier – L'Arvezan – Bulletin Municipal de Sainte Marie D'Alvey, n.º 3, jan. 1991.
- BERTHET, J. J. A. As doenças dos cafeeiros no Estado de São Paulo. Campinas: Instituto Agrônômico, (& A . Maublanc); São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1919.
- BOLETIM DO INSTITUTO AGRÔNOMICO DE CAMPINAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Casa Vanorden, n.º 1-12, 1909 – 1910.
- BOMTEMPI, Silvio. O bairro da Penha. São Paulo: Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1969.
- _____. O bairro de São Miguel Paulista. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1970.
- BONDUKI, Nabil Georges e ROLNIK, R. Raquel. Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. São Paulo: FAUUSP – Fundação para Pesquisa Ambiental, 1979.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Letras, 1992.
- _____. (editor). Estudos avançados 22: 60 anos de USP: ciências básicas e humanidades. Origens e linhas de pesquisa. Perfis de mestres. USP, v. 8, n.º 22, set./dez., 1994.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz, 1.ª reimpressão, 1983.
- _____. Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 4. ed., 1990.
- BRITO, Mário Silva. História do modernismo brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- BRUNO, Ernani da Silva . História e tradições da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. I, II e III, 1954.
- _____. Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958). São Paulo: PMSP, SMC, Departamento do Patrimônio Histórico, Secção Técnica de Divulgação e Publicações, 1981.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CANABRAVA, Alice P. As chácaras paulistanas. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo: v. IV, tomo I, p. 1949–1950, 1953.
- CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983. "Festa e história: recordar, celebrar, vender". p. 116.
- CARMO, Vitú e Zuleika Alvim. Chão Fecundo. 100 anos de história do Instituto Agrônômico de Campinas. Campinas: Marprint, 1987.

- CARVALHO, Maria Cristina Wolf de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. Anais do Museu Paulista. São Paulo: v. 4, p. 165-200, 1996.
- CASTELLS, Manuel. Problemas de investigação e sociologia urbana. Trad. Lemos de Azevedo. São Paulo: Martins Fontes. Lisboa: Presença, 1975.
- COMTE, Augusto. Catecismo positivista. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil; Lisboa: Lucas & Cia., 1934.
- _____. A importância da filosofia positiva. Trad. e notas Freitas e Silva. Lisboa: Inquérito, 1939.
- _____. Discurso sobre o espírito positivo. Trad. Joel Serrão. Lisboa: Seara Nova, 1947.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 2. ed., 1993.
- COSTA, Cruz. Augusto Comte e as origens do positivismo. São Paulo: Nacional, 2. ed., 1959.
- COSTA Jr., Ednan Mariano Leme da. A produção da arquitetura e a especulação imobiliária. São Paulo: FAU/USP, 1974.
- CULTURA deu vida ao Jardim Nova Savóia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 16 set. 1995. caderno: Seu Bairro – Leste, p. Z6-Z7.
- DaMATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- _____. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco, 6. ed., 1997.
- DAVAL, Roger. História das idéias da França. Trad. Maria Lúcia Montes. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. (Coleção Saber Atual).
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas; cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- _____. Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 3. ed., 1992.
- _____. A ciranda dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo. Cadernos de História de São Paulo, n.º 2, p. 61-71, jan./dez. 1993.
- _____. A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo, 1954-1897. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. Os nomes como marcadores ideológicos. Acta Semiotica et Lingvistica. São Paulo: Plêiade/ SBPL, v. 7, p. 97-122, 1998.
- DRUMOND, Carlos. A herança tupi na toponímia da cidade de São Paulo. Cespaulista, ano II, n.º 9, fev. 1978.

- DURHAN, E. R. A sociedade vista da periferia. In: KOWARICK, Lúcio. As lutas sociais e a cidade: São Paulo passado e presente. São Paulo: Paz e Terra, p. 169-204, 1988.
- ECO, Umberto. As formas do conteúdo. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FERREIRA, Aurélio B. H. Novo dicionário básico da língua portuguesa. São Paulo: Folha de S. Paulo. Nova Fronteira, 1995.
- FIORIN, José Luís. Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1988.
- FISCHER, Claude S. The urban experience. (New York, Chicago, San Francisco, Atlanta): Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1976.
- GLEZER, Raquel. As transformações da cidade de São Paulo na virada dos séculos XIX e XX. São Paulo: MP, USP, v. 3, p. 25, out./nov.1994; v. 4, p. 26, ago./nov. 1995.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v. 3.
- GREENBIE, Barrie B. Spaces and dimensions of human landscape. New Haven and London, Yale University Press, 1981.
- GREIMAS, A. J. Semiótica e Ciências Sociais. São Paulo: Cultrix, 1981.
- GUERIOS, Rosário Farâni Mansur. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. São Paulo: Ave Maria, 2. ed., 1973.
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HECKSCHER, August apud ECKARDT, Wolf von. A crise das cidades. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 2. ed., 1985.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (org.). História geral da civilização brasileira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. Tomo I: A época colonial.
- JUNKER, Buford H. A importância do trabalho de campo: introdução às ciências sociais. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.
- KOWARICK, L. e BONDUKI, N. As lutas sociais e a cidade: São Paulo passado e presente. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- LANGENBURCH, Jurgen Richard. A estruturação da grande São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da UNICAMP, v. 2, 1962.
- LEFEBVRE, Henri. A linguagem e a sociedade. Lisboa: Ulisseia, 1966.
- _____. Espacio y politica. El derecho a la ciudad, II. Barcelona: Península, 1976.
- _____. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones Península, 1978.
- _____. A cidade do capital. Trad. Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

- LEMOS, Amália Inês G. de e FRANÇA, Maria Cecília. Itaquera. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Série História dos Bairros de São Paulo, v. 24, 1999.
- LIMA, Mayumi Souza. A cidade e a criança. São Paulo: Nobel, 1989.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa contemporânea. In: FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaina. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, p. 23, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAIA, Francisco Prestes. Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- MARANHÃO, Ricardo. São Paulo e a Light. In: SOUZA, Edgard Egydio de. História da Light – primeiros 50 anos. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico/Eletropaulo, 2. ed. rev. aum., 1989.
- MARCÍLIO, Maria Luísa. A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1973.
- MARKUN, Paulo Sérgio. A cidade vai crescer para o Leste? Folha de S. Paulo, São Paulo. Hemeroteca do Arquivo Histórico Municipal, 21 out. 1973.
- MARTINET, André. Função e dinâmica das línguas. Trad. Jorge de Moraes Barbosa e Maria Joana Vieira Santos. Coimbra: Almedina, 1995.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Cidadania e História. In: MARTINS, Ismênia de L. e outros (org.) História e cidadania. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP/ANPUH, 1998, v. I, p. 17-26.
- MARTINS, José de Souza. Subúrbio. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- _____. A sociabilidade do homem simples. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MARTINS, Sérgio. A cidade na sombra da ordem. Revista do Departamento de Geografia. São Paulo: FFLCH/USP, 1996, n.º 10, p. 122.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. O lazer no planejamento urbano. Rio de Janeiro: FGV, Instituto de Documentação, 1971.
- MENESES, Raimundo de. São Paulo de nossos avós. São Paulo: Saraiva, 1969.
- MONTES, Maria Lúcia. Posfácio. In: MAGNANI. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, p. 306-7, 1996.
- MORAES, Antônio Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias da. A valorização do espaço. São Paulo: Hucitec. 3. ed., 1993.
- MORSE, Richard M. Formação histórica de São Paulo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- MUMFORD, Lewis. A cidade na história. Belo Horizonte, Itatiaia: 12. ed., v. 2, 1965.

- PEREIRA, Odon. Leste: última opção para desafogar a cidade. Folha de S. Paulo. São Paulo, 6 abr. 1975. Hemeroteca do Arquivo Histórico Municipal.
- PETRONE, Pasquale. Aldeamento paulistas. São Paulo: EDUSP, 1995.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. O cinema, tecnologias de comunicação de massa e representações da São Paulo moderna. In: MARTINS, Ismênia de L. e outros (org.) História e cidadania. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP/ANPUH, 1998, v. II, p. 355-67.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. O poder em São Paulo: História da administração pública da cidade (1554-1992). São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. Cadastro de referências urbanas da Zona Leste. São Paulo: PMSP – Secretaria Municipal do Planejamento – SEMPLA, 1985.
- _____. I Congresso de movimentos populares de cultura da cidade de São Paulo – histórico dos movimentos. PMSP, SMC, Projeto Cultura na cidade, São Paulo, out. 1985, caderno distribuído no I Congresso de Movimentos Populares, p. 11 e 12.
- QUEIROZ, M. I. Pereira de. História, história oral e arquivos na visão de uma socióloga. História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. São Paulo. Madrid: Mafre, 1992.
- ROBINSON, W. P. Linguagem e comportamento social. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ROCHA, Ruth. Minidicionário Ruth Rocha. São Paulo: Scipione, 5. ed., 1996.
- ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: a legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1997. (Coleção Cidade Aberta).
- RONCO FILHO, Mário e MAUERBERG, Gilberto. O bairro de Vila Prudente: “um gigante paulistano”, sua história, sua gente. São Paulo: publicação independente, 1989.
- SAES, Flávio Azevedo Marques. As ferrovias de São Paulo, 1870 – 1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo. São Paulo: Hucitec, Brasília: INL, 1981.
- SANTOS, Milton. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais. Contexto, Hucitec, São Paulo, nov. 1977, n.º 4, p. 31-43.
- _____. O espaço do cidadão. São Paulo, Nobel, 2. ed., 1993a.
- _____. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993b.
- _____. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 2. ed., 1991.
- SAPIR, Edward. Linguística como ciência. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.
- SAVELLI, Mário. História do aproveitamento das águas da Região paulistana. Revista do D.A.E. São Paulo, v. 25, n.º 53, p. 82-87, jun. 1964.
- SILVA, Sérgio. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo: Alfa Ômega, 6. ed., 1985.

- SINGER, Paul. Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 11. ed., 1987.
- SOMEKH, Nádia. A cidade vertical e o urbanismo modernizador. São Paulo 1920-1939. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, 1997. (Coleção Cidade Alerta).
- TAUNAY, Afonso de E. Velho São Paulo. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. USA: 15. ed., v. 10, 1990.
- TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades. 1983.
- _____. Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. O bairro do Brás. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 2. ed., 1985.
- TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 3. ed., 1976.
- VELHO, Gilberto. Individualidade e cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

História dos Bairros de São Paulo

VOLUME	BAIRRO
01.....	BRÁS
02.....	PINHEIROS
03.....	PENHA
04.....	SANTO AMARO
05.....	JARDIM DA SAÚDE
06.....	SANTANA
07.....	SÃO MIGUEL PAULISTA
08.....	VILA MARIANA
09.....	BOM RETIRO
10.....	SÉ
11.....	IBIRAPUERA
12.....	LUZ
13.....	NOSSA SENHORA DO Ó
14.....	IPIRANGA
15.....	BELA VISTA
16.....	LIBERDADE
17.....	HIGIENÓPOLIS
18.....	LAPA
19.....	ACLIMAÇÃO
20.....	JARDIM AMÉRICA
21.....	PERDIZES
22.....	CONSOLAÇÃO
23.....	SANTA IFIGÊNIA
24.....	ITAQUERA
25.....	VILA CLEMENTINO
26.....	ITAIM-BIBI
27.....	LUZ: NOTÍCIAS E REFLEXÕES
28.....	VILA NOVA SAVÓIA
29.....	BARRA FUNDA
30.....	SANTA CECÍLIA

REVISÃO

Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”
Eudes Campos

PROJETO GRÁFICO

Seção Técnica de Divulgação e Publicações - DPH
Arte e Diagramação: Alexandre Cyro Pereira

